



Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
Programa de Mestrado Profissional em Letras



ProfLetras
Unidade Pau dos Ferros

Pau dos Ferros-RN, Arizona- BR - 405 Km – 155 - CEP 59900-000
Fone: (84) 3351 – 2560 - Fax: (8 4) 3351 – 3909

Home page: propeg.uern.br/profletras - *E-mail:* profletras.pferros@gmail.com

**CULTURA POPULAR E ARGUMENTAÇÃO SOBRE A LENDA DA PEDRA DA
MOÇA NO MUNICÍPIO DE SÃO MIGUEL/RN: DAS MEMÓRIAS DO CONTADOR
ÀS PRODUÇÕES TEXTUAIS EM SALA DE AULA**

Francinilda Lucinda Dantas

PAU DOS FERROS
2015

Francinilda Lucinda Dantas

CULTURA POPULAR E ARGUMENTAÇÃO SOBRE A *LENDA DA PEDRA DA MOÇA* NO MUNICÍPIO DE SÃO MIGUEL/RN: DAS MEMÓRIAS DO CONTADOR ÀS PRODUÇÕES TEXTUAIS EM SALA DE AULA

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras em rede nacional (PROFETRAS), da Unidade de Pau dos Ferros/RN, *Campus* Avançado Prof^a. Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito obrigatório para título de Mestra em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Gilton Sampaio de Souza

PAU DOS FERROS
2015

Catálogo da Publicação na Fonte
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Dantas, Francinilda Lucinda.

Cultura popular e argumentação sobre a Lenda da Pedra da Moça no município de São Miguel/RN: das memórias do contador às produções textuais em sala de aula / Francinilda Lucinda Dantas. – Pau dos Ferros, RN, 2015.

172 f.

Orientador (a): Prof. Dr. Gilton Sampaio de Souza.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Faculdade de Letras e Artes. Programa Mestrado Profissional em Letras.

1. Ensino de Português – Dissertação. 2. Argumentação – Dissertação. 3. Lenda da Pedra da Moça – Dissertação. 4. Cultura Local – Dissertação. I. Souza, Gilton Sampaio de. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

UERN/SIB

CDD 370.7

FRANCINILDA LUCINDA DANTAS

**CULTURA POPULAR E ARGUMENTAÇÃO SOBRE A LENDA DA PEDRA DA
MOÇA NO MUNICÍPIO DE SÃO MIGUEL/RN: DAS MEMÓRIAS DO CONTADOR
ÀS PRODUÇÕES TEXTUAIS EM SALA DE AULA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras em rede nacional (PROFETRAS), da Unidade de Pau dos Ferros/RN, *Campus* Avançado Prof^a. Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito obrigatório para título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Gilton Sampaio de Souza

Aprovada em: ____/____/2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gilton Sampaio de Souza
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
Orientador

Prof. Dr. Lucélio Dantas de Aquino
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
(Examinador externo)

Profa. Dra. Maria Edileuza da Costa
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
(Examinadora Interna)

Profa. Dra. Maria Lúcia Pessoa Sampaio
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
(Suplente)

PAU DOS FERROS
2015

À D. Geralda (in memorian),
Minha mãe, que, mesmo em sensações sentidas por mim, esteve presente todos os momentos em que precisei do seu colo.

À Juarez (in memorian),
Meu amado irmão, que, por muitas vezes se orgulhava ao falar da irmã estudiosa.

À Deus, *pela vida, coragem e determinação dada a mim, para a conclusão de mais essa etapa.*

Dedico.

AGRADECIMENTOS

Por muitas vezes pensei iniciar os agradecimentos de mais essa conquista acadêmica e, refletindo o decorrer desses dois anos, não conseguia escrever, pois em minha mente brotava um misto de sensações e sentimentos complexos e controversos. Entretanto, nenhuma conquista é mérito individual. E esta conquista não poderia ser diferente. Para tanto, recorro a Drummond, pois encontrei muitas pedras no meio desse caminho, mas nunca me esquecerei, na vida de minhas retinas tão fatigadas, de todos aqueles que estiveram, direta ou indiretamente, ao meu lado, nessa jornada. Dessa forma, reconheço que a conclusão desse mestrado também se deve ao apoio de muitas pessoas especiais. Obrigada a cada um, por fazer com que eu insistisse sempre a buscar o que há de melhor em mim mesma.

Em especial

A **Deus**, a quem devo, acima de tudo e de todos, todas as vitórias conquistadas.

À minha família, principalmente meu pai, Seu **Nenê de Acrízio**, que, mesmo sem compreender exatamente o que “tanto eu ficava fazendo em frente a um computador”, deu-me todo o apoio que pôde, mesmo reclamando continuamente de minha ausência. A minha madrastra **Lalá**, que também do seu jeito, em suas orações, torceu por meu sucesso. A meus irmãos amados, vocês são parte do meu ser, mesmo que eu não demostre: **Helhin, Dedé, Neide, Francy** e... bem, a este último, preciso dedicar mais palavras.

Ao meu irmão **Juarez**. Além de lhe dedicar essa dissertação, tenho que também lhe agradecer. Quando o fardo pesava, lembrava de minha festa de formatura da graduação, na qual você tão orgulhosamente queria estar em todas as fotos comigo e dizia a todos “É minha irmã!”. É, no mínimo, conflituoso dentro de mim obter o título de mestra quase na mesma data em que você se foi. São dois anos de mestrado, são dois anos sem você. Contudo, a ti, agradeço, meu irmão, pelo orgulho que sentiu de mim. Ainda soube que, um pouco antes de sua partida, mesmo longe, falava de mim para seus colegas de trabalho e lhes dizia: “Tenho uma irmã que faz mestrado, vai ser mestra!”. Estou fazendo jus a fé e confirmando as palavras do meu

irmão, com apenas uma diferença, eu não ainda serei, hoje, finalmente posso dizer:
EU SOU MESTRA!

À alguém que também não nos presenteia com sua presença física, mas esteve, está e sempre estará em meu coração: **Maria Porfírio**, minha eterna vó postiça!

Ao meu esposo **Jorge** que, mesmo em meio aos tropeços, foi meu grande amigo nesse percurso. Se amar representa se preocupar e cuidar, então, tenho certeza de que ainda nos amamos muito. À minha segunda mãe **Maria**, que me apoiou de todas as maneiras possíveis e imagináveis! À “**Zé Mago**”, **Tica** (titia Tica), **Luciana**, **Elenilda**, **Regina** e todos da família de meu marido, que são minha família também, que torceram pelo meu sucesso!

Às minhas cunhadas **Vanderléia**, **Hosana** e demais cunhados, pela torcida e apoio. À todos os meus sobrinhos e sobrinhas, enfim, a toda minha família!

À minha segunda família: meus amigos. Todos aqueles que, de uma maneira ou de outra, me deram seu apoio. Em especial, minha amiga **Marlinda** (que tantas vezes me deu abrigo), meu amigo-irmão, anjo de meus dias, **Lucélio Aquino**, ou melhor, Dr Lucélio Aquino (rs), mas para mim, eterno e carinhosamente Lú, meus amigos de longa data, **Viviane** e **Givanildo**, à **Corrinha Lopes**, pelo apoio e preocupação, à amiga **Leidiana**, ao amigo **Etinho**, pelas palavras de apoio e confiança.

Não poderia jamais esquecer das minhas amigas-irmãs, que moram no fundo do meu coração. As minhas “cheirosas”. **Núbia** e **Ana Paula**, também companheiras de lutas, sofrimentos e glórias nesse mestrado. Paula, minha companheira, amiga, confidente. Com você compartilhei muitos dias de cansaço, glórias, angústias e decepções, e, tudo isso fortaleceu esse laço de amizade. Obrigada por fazer parte agora de minha família de amigos! Núbia, minha paciente e literária amiga! Você, por muitas vezes, foi o arco-íris após a tempestade. Suas palavras serenas de carinho, por várias ocasiões acalentaram esse meu espírito agitado! Obrigada amiga! Às minhas cheirosas amadas, que tanto me apoiaram e incentivaram, **Geó**, com sua amizade e solidariedade, **Lana**, com sua experiência e sabedoria, **Fatelma**, com sua alma perfumada e otimismo, **Ianara**, doidinha, mas sempre disposta a ajudar e, claro, minha amiga que, mesmo aqui acolá me dando um coice daqueles, foi, é e sempre será minha amiga-irmã de coração, em quem confio e a quem muito amo, **Dori**. Obrigada por perguntar quase todos os dias quantas páginas eu havia

escrito! Te adoro muitão amiga e sei que, por mais que brigue comigo, a raiva passa depois do lanche. (rs)

Aos meus colegas e amigos de trabalho, obrigada pela torcida e apoio: **Liduina, Leonardo, Alcimar**, ao meu diretor **Océlio**, ao ex-diretor e amigo **Helton Borges**, às supervisoras, à equipe da secretaria da escola, à minha querida vice-diretora **Laisse** e enfim, à todos que estiveram, de algum modo junto comigo nessa caminhada!

Aos colegas de mestrado em geral. Em especial àqueles de quem acabei me aproximando mais e dos quais sentirei muita saudade: **Edimar**, a quem só posso dizer que... “olha”.... sentirei muito a falta de sua calma e paciência em meio a agitação de meus dias! **Franciane**, amiga querida, **Diná** e sua voz abençoada. Enfim, todos, no geral. À secretaria do mestrado, representada pela pessoa que passou a ser, para mim, antes de tudo, um grande amigo, **Edneudo**. À querida **Lucimar**, de quem sentirei muita saudade tanto da pessoa, como dos deliciosos lanchinhos que preparava para nós! Obrigada a todos!

Aos companheiros de orientação e de grupo no whatsapp, em especial aqueles de quem mais me aproximei: **Corrinha, Paulo, Genisa, Sueilton, Ana Rosa, Mara, Lorraine e Rosa Leite** (prima). À Rosa, o meu muito obrigada pelas orientações no andamento desta dissertação!

Aos meus queridos mestres **Lúcia Pessoa, Socorro Maia, Luciano Pontes, Marcos Nonato, Rosângela Vidal, Edileuza Costa, Constantin Xypas**, e, claro, de modo especial ao meu orientador **Gilton Sampaio**, que transformou os últimos dias que antecederam a entrega desta dissertação numa verdadeira maratona de intensivas orientações e contribuições. A todos, meu muito obrigada por todo conhecimento, paciência e apoio oferecido!

À **banca examinadora da qualificação e da defesa**, pela disponibilidade em participar de momentos tão significativos da minha trajetória acadêmica.

Ao senhor **Quinco Borges**, por ter cordialmente aceitado participar e contribuir para este trabalho. Aos meus alunos, produtores dos textos que compõem meu *corpus* de análise, fundamentais para a concretização desta dissertação de mestrado.

À **CAPES**, pelo apoio financeiro durante esses dois anos de pesquisa.

Ao **Profletras**, de maneira geral, representado em todos os professores, secretários e coordenadores, por contribuir significativamente com a minha prática enquanto professora de Língua Portuguesa, colaborando, conseqüentemente, para a melhoria da educação básica de minha escola e meu município.

À **todos** que contribuíram direta ou indiretamente para o andamento e concretização desse trabalho!

Foram muitos tropeços, mas aprendi a trilhar o caminho das pedras e, mesmo diante de todas as adversidades, mesmo em alguns momentos achando que não restaria pedra sobre pedra, enfim, consegui me entender com a *Pedra da Moça*! Os obstáculos pareciam aparecer de forma crescente, mas como já dizia um bom e velho provérbio: água mole em pedra dura...

*Uma educação pela pedra: por lições;
para aprender da pedra, frequentá-la;
captar sua voz inenfática, impessoal
(pela de dicção ela começa as aulas).
A lição de moral, sua resistência fria
ao que flui e a fluir, a ser maleada;
a de poética, sua carnadura concreta;
a de economia, seu adensar-se compacta:
lições da pedra (de fora para dentro,
cartilha muda), para quem soletrá-la.*

João Cabral de Melo Neto

DANTAS, F. L. **Cultura popular e argumentação sobre a Lenda da Pedra da Moça no município de São Miguel/RN**: das memórias do contador às produções textuais em sala de aula. Pau dos Ferros, 2015, 172 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras em rede nacional). Programa de Pós-Graduação em Letras, *Campus Avançado* “Prof^a. Maria Elisa de Albuquerque Maia”, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

RESUMO

Os estudos desta pesquisa concentram-se na argumentação presente em textos escritos por alunos do Ensino Fundamental, baseados em uma lenda local, da cidade de São Miguel, RN, a *Lenda da Pedra da Moça*, narrativa de um romance proibido. Nesse contexto, o objetivo é analisar processos argumentativos presentes nessa narrativa e nas narrativas subjacentes a ela, tais como hierarquização de valores, lugares da argumentação e as principais técnicas argumentativas mobilizadas, do texto-fonte (do contador) ao texto-base (produções textuais dos alunos). A fundamentação advém, sobretudo, dos pressupostos da Nova Retórica, nos estudos de Perelman e Tyteca (2005), Reboul (2004), Abreu (2009), Souza (2003) e de algumas outras correntes teóricas que auxiliam na compreensão dos processos argumentação. O *corpus* da pesquisa é constituído por quinze textos, produzidos nos anos de 2014 e 2015, mais a transcrição da fala de um contador de lendas. Nosso trabalho envolve ações de intervenção, interpretação e pesquisa: contação da *Lenda da Pedra da Moça* em sala de aula, produções textuais com base nessa lenda e análise da argumentação presente nessas produções. Na análise realizada, percebemos que as teses defendidas estão relacionadas principalmente a namoro proibido/fuga/morte, decorrentes dos diferentes enredos apresentados. Percebemos, entre outros aspectos, que os alunos mobilizam diferentes tipos de argumentos na defesa por suas teses, destacando-se o emprego de argumentos baseados na estrutura do real, por ligações de sucessão. Concluímos que os alunos argumentam em defesa de suas teses, principalmente quando o conteúdo temático dos textos está próximo de sua realidade e de mundo imaginário e, por isso, ressaltamos a escolha da lenda local, como gênero base para nossos propósitos. Acreditamos trazer, com esta pesquisa, contribuições para os estudos sobre argumentação em produções textuais no Ensino Fundamental, bem como contribuições para a valorização da cultura local da cidade de São Miguel, RN, através do resgate e estudo de uma lenda local.

Palavras-chave: Ensino de Português. Argumentação. *Lenda da Pedra da Moça*. Cultura local.

DANTAS, F. L. **Popular culture and argumentation in the legend called *Lenda da Pedra da Moça* in São Miguel / RN: from the teller's memory to the textual productions in the classroom.** Pau dos Ferros, 2015, 172 f. Dissertation (Professional Master of Arts on national television). Letras Post Graduation Program. *Campus Avançado* "Prof.. Maria Elisa Albuquerque Maia, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

ABSTRACT

The studies of this master dissertation are concentrated in the argumentation present in texts written by elementary school students, based on a local legend from the city of São Miguel - RN, called "Lenda da Pedra da Moça", a story of a forbidden romance. In this context, the purpose is to analyze the argumentative processes present in this narrative and in the narratives linked to it, such as hierarchy of values, places of argumentation and the main argumentative techniques deployed, from the source text (teller) to the base text (students' textual productions). The theoretical foundation comes mainly from the New Rhetoric assumptions, the studies of Perelman and Tyteca (2005), Reboul (2004), Abreu (2009), Souza (2003) and some other theoretical currents that help to understand the argumentative processes. The corpus of this study consists of fifteen texts, produced in the years 2014-2015, and the transcription of the speech of a legend teller. Our work involves intervention actions, interpretation and research: the storytelling of "Lenda da Pedra da Moça" in the classroom, textual productions based on this legend and analysis of the argumentation present in these productions. In the analysis, we realize that the defended theses are mainly related to a prohibited dating / escapement / death, as a result of the different plots presented. We realize, among other things, that the students mobilize different types of arguments in defense of their theses, highlighting the use of arguments based on the structure of reality, by associations of succession. We conclude that students argue in defense of their thesis, especially when the subject content of the texts is close to their reality and to their imaginary world and therefore we emphasized the choice of the local legend as the base gender for our purposes. Through this work, we believe to bring contributions to the study of argumentation in textual productions in elementary school level, as well as contributions to the appreciation of the local culture from the city of São Miguel-RN, through the recovery and study of a local legend.

Key words: Portuguese Teaching. Argumentation. *Lenda da Pedra da Moça*. Local culture.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 Aspectos ficcionais do gênero lenda perceptíveis em trechos dos textos dos alunos	70
Quadro 02 Transcrição da contação de seu Quinco Borges	86
Quadro 03 Segunda parte da transcrição da contação de Seu Quinco Borges	88
Quadro 04 Teses defendidas pelos alunos	90
Quadro 05 Transcrição do texto 02	92
Quadro 06 Transcrição do texto 12	94
Quadro 07 Transcrição do texto 15.....	94
Quadro 08 Transcrição do texto 16	95
Quadro 09 Transcrição do texto 03	97
Quadro 10 Transcrição do texto 04	98
Quadro 11 Transcrição do texto 07	99
Quadro 12 Transcrição do texto 11.....	99
Quadro 13 Transcrição do texto 06	100
Quadro 14 Transcrição do texto 05	100
Quadro 15 Transcrição do texto 08	101
Quadro 16 Transcrição do texto 13	102
Quadro 17 Transcrição do texto 14	103
Quadro 18 Transcrição do texto 09	104
Quadro 19 Transcrição do texto 10	105
Quadro 20 Principais valores hierarquizados nos textos dos alunos	106
Quadro 21 Transcrição da contação de seu Quinco Borges	110
Quadro 22 Principais argumentos mobilizados pelos alunos	111
Quadro 23 Transcrição do texto 02	112
Quadro 24 Ligação de sucessão no texto 02	113
Quadro 25 Ligações de sucessão nos demais textos dos alunos	113
Quadro 26 Transcrição do texto 05	117

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

CAMEAM - Campus Avançado Professora Maria Elisa de Albuquerque Maia

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

FAPERN - Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Norte

GPET - Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto

Proletras - Programa de Mestrado Profissional em Letras

USP – Universidade de São Paulo

Unicamp - Universidade Estadual de Campinas

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

EMED – Escola Municipal Elisiário Dias

MEC – Ministério da Educação

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

RN - Rio Grande do Norte

AD- Análise do Discurso

TA- Tratado de Argumentação

SUMÁRIO

CAPÍTULO I: CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	15
1.1 O FOCO DA PESQUISA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	15
1.2 A ARGUMENTAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	17
1.3 AS PRETENSÕES DA PESQUISA.....	19
1.4 A JUSTIFICATIVA.....	20
1.5 A ORIENTAÇÃO TEÓRICA E O ESTADO DA ARTE	23
1.6 A ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO.....	25
CAPÍTULO II: ARGUMENTAÇÃO NO DISCURSO: A NOVA RETÓRICA.....	27
2.1 AS TESES.....	30
2.2 O ACORDO PRÉVIO.....	32
2.3 OS VALORES E SUAS HIERARQUIAS.....	34
2.4 OS LUGARES DA ARGUMENTAÇÃO	42
2.5 AS TÉCNICAS ARGUMENTATIVAS.....	45
2.5.1 Os argumentos quase-lógicos.....	47
2.5.2 Os argumentos baseados na estrutura do real.....	52
2.5.2.1 As ligações de sucessão.....	52
2.5.2.2 As ligações de coexistência.....	54
2.5.2.3 As ligações simbólicas.....	55
2.5.3 Os argumentos que fundam a estrutura do real.....	56
2.5.3.1 O argumento pelo exemplo, por ilustração, por modelo e antimodelo.....	56
2.5.4 A Analogia e a metáfora.....	58
2.5.5 Os argumentos por dissociação de noções.....	58
CAPÍTULO III: DA INTERVENÇÃO À CONSTITUIÇÃO DO CORPUS: ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	60
3.1 CARACTERIZANDO A PESQUISA.....	61
3.2 UNIVERSO DE ESTUDO.....	62
3.2.1 A escola ambiente da pesquisa.....	63
3.2.1.1 As turmas.....	64
3.3 CONSTITUIÇÃO DO CORPUS.....	65
3.3.1Trabalhando com gêneros textuais.....	65
3.3.1.1O gênero lenda.....	68
3.3.2 A memória.....	72
3.3.2.1 A memória individual e a memória coletiva	76
3.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	77
3.4.1 Análise dos dados.....	79
3.5 A INTERVENÇÃO.....	80
CAPÍTULO IV: OS PROCESSOS ARGUMENTATIVOS PRESENTES NA LENDA DA PEDRA DA MOÇA: DAS MEMÓRIAS DO CONTADOR ÀS PRODUÇÕES DOS ALUNOS.....	83
4.1 SEU QUINCO BORGES: TESE, LUGARES E HIERARQUIAS DE	

VALORES DE UM CONTADOR DE LENDAS.....	85
4.2 TESES, LUGARES E VALORES HIERARQUIZADOS NOS TEXTOS DOS ALUNOS.....	89
4.2.1 As teses.....	89
4.2.2 Lugares e valores hierarquizados	91
4.3 TÉCNICAS ARGUMENTATIVAS: DA FALA DO CONTADOR AOS TEXTOS DOS ALUNOS.....	108
4.3.1 As técnicas mobilizadas pelo contador.....	109
4.3.2 As técnicas mobilizadas pelos alunos.....	111
 CAPÍTULO V: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 121
5.1 AS CONSTATAÇÕES PRELIMINARES.....	121
5.2 DIÁLOGO COM AS QUESTÕES DE PESQUISA.....	121
5.3 CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA COM OS ESTUDOS ARGUMENTATIVOS E PROPÓSITOS DO PROFLETRAS.....	123
5.4 O PROFLETRAS E O POSSÍVEL IMPACTO NA MELHORIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA E NA MINHA FORMAÇÃO PROFISSIONAL E PESSOAL....	125
 REFERÊNCIAS.....	 127
 ANEXOS.....	 132
ANEXO A: Transcrição da contação de seu Quinco Borges.....	133
ANEXO B: Produções textuais completas dos alunos de 6º e 7º anos, com base na <i>Lenda da Pedra da Moça</i>	135
ANEXO C: Plano de uma aula sobre o gênero lenda.....	151
ANEXO D: Ilustrações fotográficas que registram um dos momentos de intervenção.....	153
ANEXO E: Termos de consentimento e livre esclarecimento para os participantes da pesquisa.....	156

CAPÍTULO I: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Argumentar é discutir mas, principalmente, é raciocinar, é deduzir e concluir. A argumentação deve ser construtiva na finalidade, cooperativa em espírito e socialmente útil.

Whitaker Pentead

1.1 O FOCO DA PESQUISA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

O cerne de nossa pesquisa está direcionado para a análise dos processos argumentativos presentes em textos baseados numa lenda local da cidade de São Miguel, Rio Grande do Norte, a *Lenda da Pedra da Moça*. Entretanto, considerando a importância de discutir um ensino que produza uma aprendizagem crítica, sólida e significativa aos alunos da educação básica, propósito central do Mestrado Profissional em Letras – Profletras, e nosso, enquanto professores do Ensino Fundamental, é mister, antes de nos aprofundarmos no capítulo introdutório de nossa dissertação, discutir o ensino de Língua Portuguesa, mesmo que de maneira geral e breve, para poder adentrarmos, de maneira mais específica, nos propósitos particulares de nossa pesquisa.

O ensino de Língua Portuguesa vinha sendo pautado, principalmente sobre ensino de gramática. Entretanto, mesmo não desmerecendo o valor da prática de análise linguística, em meio a diversidade cada vez maior de uso da linguagem, se tornou necessário pensar no ensino de textos numa perspectiva mais dialógica e funcional. Dessa forma, o texto passa a ser visto e trabalhado numa esfera mais dialógica, baseada no interacionismo sócio-discursivo bakhtiniano no âmbito dos gêneros discursivos. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS), publicados pelo Ministério da Educação (MEC), propõem um ensino de Língua Portuguesa pautado no despertar da criticidade do aluno, valendo-se de um processo de ensino/aprendizagem mais centrado na diversidade de saberes, de uma comunhão de situações em prol do despertar desse conhecimento crítico.

Entretanto, é justamente a partir desse propósito que nos deparamos com nossa problemática: o conteúdo temático dos textos trabalhados nas aulas de Língua Portuguesa, na maioria das vezes, como alegado pelos próprios alunos, não

os impulsionam a se posicionarem criticamente diante desses textos, o que acaba corroborando para uma inevitável passividade do aprendiz nas aulas de produção e ensino de textos.. Somado a isto, está a desvalorização da cultura local, cultura esta, presente na fala dos indivíduos protagonistas de narrativas enriquecedoras e que, na maior parte das vezes, são carregadas de conteúdos mais atrativos aos alunos do que o material trazido pelos livros didáticos.

O trato indevido com o texto nas aulas de Língua Portuguesa culmina para um empobrecimento dessas aulas e desinteresse dos alunos na prática de leitura e produção textual. Os textos sugeridos pelo livro didático, na maioria das vezes, além de não se apresentarem atrativos ao aluno, especialmente pelo distanciamento temático da realidade desses alunos, são explorados apenas em sua estrutura e, na maioria das vezes, são utilizados pelo aluno como depósitos de informações que serão procuradas em exercícios de “interpretações”. Em consequência de tudo isso, desmotivado pela superficialidade das leituras propostas em sala, o aluno vai transformando cada vez mais essa prática numa atividade puramente mecanicista que em nada contribui para seu desenvolvimento cognitivo. Assim, intencional fazer com que o aluno se posicione frente a um texto cujo conteúdo temático não lhe atrai, pode parecer, a princípio, um risco iminente diante do desenvolvimento dos processos argumentativos iniciais desse aluno.

Os PCN, concebidos sob orientação do pensamento de Bakhtin (2003), propõem que o ensino da Língua Portuguesa se dê na interação das várias linguagens, que se tomem as novas tecnologias e as façam dialogar. O diálogo entre as formas de linguagem é importante para orientar a visão sobre discurso e gênero, tão necessária ao ensino. Geraldi (2002) salienta que o processo da tomada de consciência do sujeito se dá nas relações interativas do eu com a palavra do outro, na internalização dessa sua palavra, num processo ininterrupto e sempre inacabado. Assim, mesmo deixando claro que nossa análise incidirá em textos prontos, achamos notadamente importante considerar o processo de produção desses textos, utilizando a identidade local como instrumento mobilizador no processo de tomada de consciência do aluno em suas produções, partindo do que é mais atrativo e próximo da realidade desse aluno – o conhecido – para depois adentrar no novo – ou desconhecido.

Assim, surge nossa temática: argumentação com foco na produção textual escrita de alunos do 6º e 7º ano do ensino fundamental, amparada em conteúdos

temáticos vinculados a vivência da comunidade discursiva do aluno. Nesse contexto, com base na vivência como professora de Língua Portuguesa e na problemática aqui delimitada, optamos por trabalhar com a *Lenda da Pedra da Moça*, procurando perceber que teses são revelados sobre essa lenda, desde a contação de uma fonte local da cidade de São Miguel até as produções textuais dos alunos e como desdobramento, que processos argumentativos são percebidos na narrativa dos alunos que apontem para um maior envolvimento desses alunos com a temática, a produção do texto.

Leal e Moraes (2006) apontam a necessidade de considerar as situações de produção ao trabalhar a produção textual com crianças, sendo necessário atentar, por exemplo, para as representações do redator a respeito das opiniões dos possíveis leitores, as representações sobre as expectativas dos leitores com relação às suas próprias posições, a complexidade do tema exposto, os conhecimentos prévios sobre esse tema, os conhecimentos sobre o gênero textual a ser construído na situação de asserção e, conseqüentemente, as representações sobre as expectativas dos leitores sobre a organização textual desse gênero, dentre outros fatores. Dessa maneira, é importante que o professor perceba e trabalhe as marcas argumentativas de modo a fazer com que o leitor aprenda que os processos de negociação podem ocorrer de várias formas.

1.2 A ARGUMENTAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL

As vezes, de maneira precipitada, poderemos pensar que a argumentação está pouco presente nos discursos de alunos das séries iniciais, porque temos, muitas vezes, em mente, o discurso retórico como algo instrumentalizado na linguagem formal dissertativa e judiciária. Porém, é mister perceber a argumentação em todas as fases da vida de um indivíduo, seja em ocasiões formais ou cotidianas. Mesmo no espaço escolar devemos considerar e aprimorar a argumentação que a criança já utiliza em seu dia a dia. Para Leitão e Banks-Leite (2006), crianças já podem: (i) justificar por meio de diferentes bases (regras, palavras de autoridade, evidências, circunstâncias e testemunhos, motivos, causas e conseqüências, etc.); (ii) apelar a diferentes conteúdos; (iii) antecipar pedidos de justificativas pelo

interlocutor; (iiii) entender o significado pragmático de muitas justificativas; (iiiiii) justificar com explicações fundadas em relações causais sobre tópicos curriculares; (iiiiiii) reagir à oposição recebida; (iiiiiiii) refutar e se opor a determinadas afirmações e/ou demandas; (iiiiiiiii) considerar possíveis fragilidades nas posições defendidas; (iiiiiiiii) intensificar e/ou atenuar determinada oposição.

Dessa maneira, mesmo não fazendo um trabalho com a argumentação diretamente direcionado à sala de aula, mas consideramos contribuir para tal, uma vez que percebemos e analisamos processos argumentativos em textos produzidos por alunos de Ensino Fundamental. Ao passo em que fornecemos dados e ferramentas que colaboram para que este trabalho se efetive, cooperamos para o exercício da argumentação nas escolas e para que este domínio ganhe o espaço que lhe é de direito em sala de aula, não somente nas aulas de ensino de texto, mas, de maneira interdisciplinar, visto que consideramos que a argumentação está presente em todas as disciplinas que visam preparar o aluno para quaisquer situação de comunicação/interação.

Orsoloni (2005) sugere alguns aspectos considerados fundamentais para se trabalhar, de maneira proveitosa, a argumentação em sala de aula: (i) intervenções semanticamente contingentes que levem a continuidade de elaboração por todo o grupo de estudantes; (ii) pedidos de explicação, após a tomada de posição, que permitam a produção de respostas como réplicas elaboradas; (iii) discordâncias com posições anteriores, para gerarem tendências à justificativas com discursos explicativos. Esses aspectos podem ser considerados metodologicamente em diversas situações de aprendizagem em que se promova o uso da argumentação. Em nosso caso, por exemplo, utilizar o conteúdo temático e as peculiaridades da lenda local para instigar e promover a argumentação, baseados nesses aspectos, poderá, aos poucos, sacudir as bases de uma visível passividade em que se encontram os alunos, frente aos textos. Nesses moldes, consideramos que as atividades que instiguem a argumentação em sala de aula, devam ser estimuladas desde cedo, para que o aluno aprenda a arte de convencer e persuadir diante dos diversos gêneros e das diversas situações comunicativas, individuais e coletivas. Nessa perspectiva, optamos por trabalhar na área dos estudos argumentativos pelo fato de acreditarmos ser uma atividade extremamente importante e necessária ao homem, enquanto ser social que utiliza diariamente do discurso retórico de

convencer, de persuadir para se promover diante das diversas situações comunicativas cotidianas.

Nessa perspectiva, nosso trabalho evidencia alguns processos argumentativos utilizados pelos alunos em produções textuais baseadas n'A *Lenda da Pedra da Moça*, refletindo sobre o conteúdo temático dos textos no desenvolvimento dessa argumentação.

1.3 AS PRETENSÕES DA PESQUISA

A narrativa que deu origem a *Lenda da Pedra da Moça*, gira em torno de um fato ocorrido há muito tempo na cidade, mais especificamente no início do século passado, que vem sendo contado e recontado, dando origem a diversas versões e narrativas subjacentes, o que corroborou para que a história ganhasse aspectos de lenda. A narrativa contempla a história de um romance proibido que resultou em fuga e morte, vem sendo recontada por gerações e, a cada versão, ganha detalhes, ações e até personagens novos de acordo com o posicionamento de cada contador, diante do fato, seja do ponto de vista real ou ficcional. Segundo Cascudo (2006), através do gênero lenda, mesmo sem a garantia da veracidade de um documento histórico, o povo ressuscita o passado, indicando passagens, mostrando, como referências indiscutíveis para a verificação racional da “veracidade” dos fatos, os lugares onde o fato ocorreu.

Dentro desse contexto, o objetivo de nossa pesquisa é perceber, analisar e interpretar processos argumentativos presentes nessa narrativa e nas narrativas subjacentes a ela, tais como hierarquização de valores de um contador da comunidade local e dos alunos, lugares da argumentação e as principais técnicas argumentativas mobilizadas pelos alunos, considerando os diferentes processos argumentativos, do texto-fonte (do contador) ao texto-base (narrativas orais dos alunos). Objetivamos ainda refletir sobre o ensino da argumentação nas aulas de Língua Portuguesa, com ênfase nos processos de raciocinar e expor, levando em consideração a utilização de lendas populares que estejam vinculadas à vivência da comunidade discursiva do aluno.

1.4 A JUSTIFICATIVA

A *Lenda da Pedra da Moça* é uma narrativa que faz parte do imaginário popular local da cidade de São Miguel. Um texto de tradição oral, de origem popular local que, em nossas observações iniciais, atrai de maneira significativa a atenção do aluno, se comparado aos textos sugeridos no manual didático do 6º e 7º ano. Por se tratar de um texto originário de tradição oral, assim como ocorre com outros textos de mesma origem, pouco ou indevido espaço lhes são dados nas aulas de ensino e produção de textos.

Belintane (2013) destaca a importância da narrativa e dos gêneros da tradição oral nos quais prevalece a função poética da linguagem e exercem papel significativo para o desenvolvimento do fluxo de leitura, o ritmo e a dicção, projetando espaço para uma leitura mais significativa e, conseqüentemente uma produção textual melhor estruturada. Além disso, o autor destaca as narrativas míticas, de encantamento, de aventuras entre outras que instigam o desejo de busca do saber, como determinantes na constituição da oralidade. Assim, a criança traz consigo marcas da oralidade desde os gêneros poéticos da maertância, passando pelo momento das parlendas, brincos e mnemonias, cantigas de roda, fórmulas de escolha, de pular corda, de bola na parede, adivinhas e enigmas. Em todos esses exemplos de textos de tradições orais que fazem parte de momentos significativos da vida do aprendiz, Belintane (2013) aponta aspectos importantes de serem considerados na vivência cognitiva desse aluno desde a percepção das dificuldades a serem consideradas (e, por conseguinte buscar transpô-las) até a presença de recursos estéticos que o texto põe em jogo, os quais poderão ser favoravelmente utilizados no desenvolvimento das habilidades de leitura e produção textual, que podem, de acordo com a intervenção do professor, serem exploradas em níveis crescentes, de acordo com a evolução de aluno.

Nessa perspectiva, nossa justificativa para a escolha dessa temática, parte, a princípio, da vivência como professora de Língua Portuguesa, percebendo desinteresse dos alunos no trabalho com textos que se distanciam de sua realidade e do mundo imaginário, tanto na leitura como na produção textual, atrelada a necessidade de maior presença da cultura local nas aulas de ensino de textos bem como a necessidade de trazer leituras em que o aluno intervenha, que o levem a

pensar e a racionar, a argumentar. Dessa maneira, ao passo em que trazemos para as aulas de Língua Portuguesa, textos com conteúdo temático direcionador para cultura local da cidade de São Miguel, fazemos um resgate dessa cultura que detém de pouco espaço nas atividades cotidianas escolares, além de reavivarmos um pouco das memórias coletivas locais.

Somado a isso, consideramos que o gênero lenda, traz em si, peculiaridades e características que atraem visivelmente o aluno. As lendas apresentam enredos carregados de fantasia que estimulam a criatividade e conquistam o aluno, envolvendo-o no mundo imaginário suscitado pelo gênero. Essa é uma das grandes vantagens de se trabalhar com esse gênero e esse foi um dos principais motivos pelo qual o escolhemos como gênero-base de nossa pesquisa. Cascudo (2006) ressalta que as lendas podem trazer as cores locais, algum modismo verbal, hábito ou frase, denunciando, no espaço, uma região, e no tempo, uma época. Dessa forma, é nesse sentido que promovemos a valorização da cultura local da cidade-fonte da *Lenda da Pedra da Moça*, ao escolhê-la como base para o *corpus* de nossa pesquisa, trazendo, em acordo com as palavras de Cascudo (2006), as cores da cidade de São Miguel, destacando, com isso, a região, e no que se refere ao tempo, uma época determinada.

De acordo com Cascudo (2006), através do gênero lenda se sente o sabor da história fantástica, transmitida de geração para geração, como uma herança miraculosa, explicando um princípio e às vezes até nomeando o protagonista. Segundo o autor, há um halo de respeito. Tudo isso configura nossa justificativa em focalizar o trabalho com tal gênero, aliando sedução aos alunos pelo sabor da narrativa fantástica mais o resgate da cultura local.

Na lenda, o aluno encontra, nas palavras de Cascudo (2006), uma “presença”, um gesto de mistério, uma frase ou assunto que permaneceu vivendo, viajando nas conversas das pessoas mais velhas às mais novas, sem que desaparecesse. Há na lenda, de acordo com Cascudo (2006), um ambiente, quase sempre heroico, quase sempre sobrenatural. Este último elemento é, segundo o autor, constituinte típico da atmosfera lendária e, para nós, é elemento essencialmente responsável pelo maior interesse e envolvimento dos alunos no universo temático da lenda ora trabalhada.

O mágico, o fantástico, o misterioso, a assombração, as aparições e os traços religiosos são constantes no gênero lenda. Não existe, de acordo com Cascudo

(2006), lendas inúteis e desinteressadas, uma vez que todas elas doam alguma coisa a localidade de onde se originam e se perpetuam, seja essa coisa material ou abstrata. Dessa maneira, parafraseando as palavras do autor, as lendas trazem, inegavelmente valiosas contribuições para a formação da cultura popular local. Ortiz (2005), fazendo um passeio histórico pelos caminhos da cultura nacional brasileira, destaca que apesar da diversidade, a noção de cultura popular enquanto folclore recupera a ideia de “tradição”, seja na perspectiva de sobrevivência dessa tradição, seja na perspectiva de memória coletiva.

Bosi (2003) destaca que, quando se trata da história recente, feliz o pesquisador que pode se amparar em testemunhos vivos, e reconstituir, com base neles, comportamentos e sensibilidades de uma época. Segundo a autora, relatos que são registrados em documentos são esquematizados e, conseqüentemente, empobrecidos. Contudo, frisamos que não se intenciona aqui obscurecer o valor da memória registrada, escrita. Bosi (2003) também destaca que não se deve pensar que as testemunhas orais são sempre mais “autênticas” do que a versão oficial da história, pois as mesmas, muitas vezes, se deixam estereotipar e/ou dobrar a memória institucional. Assim, a autora frisa que a memória oral também tem seus desvios, seus preconceitos e sua inautenticidade. É, contudo, válido enfocar aqui que, com relação à memória, a autenticidade não chega a importar, tendo em vista que de acordo com a perspectiva adotada pela própria Bosi (2003), a memória não tem que ter, necessariamente, relação com a verdade dos acontecimentos lembrados. É válido destacar que, apesar de acreditarmos que nossa pesquisa envereda inevitavelmente pelos caminhos da cultura local da cidade de São Miguel, RN, ressaltamos nosso objetivo principal aqui não será discutir os aspectos inerentes à cultura popular ou à memória coletiva. Apenas mencionamos tais correntes de estudo por serem fatores inerentes ao nosso *corpus* bem como são necessários para a efetiva compreensão, justificativa e construção de nossa pesquisa.

Escolhemos essa temática também pelo fato dela estar vinculada ao Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto (GPET), cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e certificado pela UERN, mais especificamente à linha de pesquisa “Estudos dos processos argumentativos”. A vinculação de nossa pesquisa a este grupo não parte apenas da nossa ligação como membros e pesquisadores mas, principalmente, pela

aproximação entre os objetivos propostos em nossa pesquisa e outros objetivos de pesquisas desenvolvidas no Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto (GPET), especial na Linha de Pesquisa “Estudos de Processos Argumentativos”. De maneira geral, os estudos aqui citados voltam-se para a investigação do aspecto argumentativo da linguagem nos processos de produção e ensino de texto, considerando as especificidades dos gêneros discursivos e as condições de produção dos discursos, amparados nas teorias retóricas.

1.4 A ORIENTAÇÃO TEÓRICA E ESTADO DA ARTE

Para fundamentar nossa discussão, procedemos com nosso estudo seguindo correntes teóricas que contemplem discussões dentro de nossa temática, tais como a Nova Retórica (Argumentação no Discurso) e a Linguística Aplicada ao Ensino. Respaldados nessas teorias, encontramos posicionamentos em nomes como Perelman e Tyteca (2005), Abreu (2009), Reboul (2004), Meyer (2007), Souza (2003), que direcionam as discussões no campo da argumentação; Marcuschi (2002), Geraldi (2002), Bakhtin (2003), entre outros, que nos ancoram em discussões ligadas ao campo da linguística aplicada ao ensino, com um enfoque para a questão dos gêneros textuais; uma contribuição teórica da análise do discurso, com Brandão (2004), Fiorin (2006), Orlandi e Rodrigues (2006); algumas discussões no terreno do gênero lenda e sua contribuição à constituição cultural de um povo, fundamentados em Cascudo (2006, 2012), Costa (2009), Lopes (2008) e algumas discussões relacionadas ao território da memória, fundamentadas em Bosi (2003), (2007) e Chauí (2000).

De forma mais específica, como nosso objetivo é analisar alguns processos argumentativos presentes em textos produzidos por alunos do Ensino Fundamental, com base numa lenda local, baseada num namoro proibido que gerou fuga e morte, marcando a rotina pacata da sociedade da cidade de São Miguel, RN, em meados do século passado. Assim, as discussões em torno da Nova Retórica, proposta por Perelman e Tyteca (2005) constituem a base teórica de nossa dissertação. Além desses, também recorreremos a estudos que trabalham questões relacionadas a argumentação em sala de aula, dentre os quais, destacamos, Paulinelli (2014),

Leitão e Banks-Leite (2006), Orsoloni (2005), Leal e Moraes (2006) que nos ajudam a justificar nossa opção em direcionar o enfoque de nosso estudo pelos caminhos da argumentação na área do ensino.

As pesquisas em argumentação no campo do ensino, principalmente no que se refere ao ensino de texto/produção textual, estão em menor evidência se comparadas às pesquisas em argumentação no campo jurídico (observação feita com base em pesquisas de banco de dissertações e teses -Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), etc.). Assim, a título de ilustração, consideramos importante elencar os estudos mais próximos da temática de nossa pesquisa, dentre os quais destacamos a tese de doutoramento de Souza (2003), que analisa o processo de (des)construção de sentidos sobre o Nordeste em discursos veiculados na mídia jornalística; a dissertação de Costa (2010), sobre o ethos de egressos de curso de graduação em Letras, de Alves (2011), sobre o ethos de alunos de curso de graduação em Letras em relatórios de estágio supervisionados e de Silva (2012), sobre a argumentação em textos escritos por crianças em fase inicial do ensino fundamental.

Podemos citar ainda, como exemplo de estudos voltados para nossa temática ou próximos a ela, algumas pesquisas institucionais, promovidas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN): “Os gêneros do discurso nas aulas de língua materna do Ensino Fundamental e Médio: um estudo sobre o ensino da leitura e produção de textos” (SOUZA, 2006), financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Norte (FAPERN); “O perfil dos egressos do Curso de Letras do CAMEAM/UERN” (SOUZA, 2007), com apoio do CNPq/UERN; “A função social dos textos trabalhados no ensino de língua materna e estrangeira: um estudo acerca dos gêneros discursivos adotados no Ensino Médio e Superior” (SOUZA, 2008), também financiada com recursos da UERN e com apoio financeiro do CNPq; entre outras.

Todos esses trabalhos revelam a importância de compreendermos e pesquisarmos a argumentação em diversos corpora, levando em consideração que a compreensão dos processos argumentativos nos direciona a fazer com que o aluno extraia da linguagem os elementos que melhor conferirão sucesso aos propósitos comunicativos de suas asserções. Nessa perspectiva, ressaltamos o

estudo da argumentação no âmbito educativo não com o objetivo de instigar o aluno à investigação e questionamento do que é verdadeiro ou falso nos textos discutidos, mas, de acordo com as palavras de Reboul (2004), em incitá-lo a compreender e justificar o que pode ou não ser “mais ou menos verossímil”, uma vez que, segundo o autor, a arte do discurso persuasivo implica a arte de compreender e possibilita a arte de inventar.

1.5 A ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Pretendendo, pois, elevar essas discussões de maneira mais concreta e estruturada, organizamos nosso trabalho dissertativo em cinco capítulos, descritos abaixo:

O capítulo I, configurado nesta *INTRODUÇÃO*, em que fazemos um apanhado geral de nosso trabalho dissertativo, objetivando situar o leitor do que encontrará pela frente, além de apresentar uma discussão acerca da validade da argumentação em sala de aula, no Ensino Fundamental e de maneira geral, das contribuições que justificam a nossa escolha pelo gênero lenda para constituir a base de nosso *corpus*, enfim, da pertinência de nossa pesquisa, de maneira geral.

No capítulo II, *A ARGUMENTAÇÃO NO DISCURSO*, fazemos um panorama dos estudos retóricos, dando ênfase aos conceitos utilizados em nosso trabalho dissertativo.

No capítulo III, *DA INTERVENÇÃO À CONSTITUIÇÃO DO CORPUS: ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA* definimos a metodologia adotada em nossa pesquisa, sinalizando aspectos necessários ao bem compreender de nosso trabalho como situar a pesquisa, delimitar o universo de estudo, justificando teoricamente a nossa escolha em privilegiar o trabalho com o texto a partir do gênero, mais especificamente, o gênero lenda, os métodos de procedimento e ainda o passo a passo de nossa proposta de intervenção.

No capítulo IV, *OS PROCESSOS ARGUMENTATIVOS PRESENTES NA LENDA DA PEDRA DA MOÇA: DAS MEMÓRIAS DO CONTADOR ÀS PRODUÇÕES DOS ALUNOS*, partimos para a percepção e análise dos principais processos argumentativos envolvidos na contação da história da *Pedra da Moça*, por

parte do contador e, principalmente, como objetivo maior do Mestrado Profissional e nosso, por parte dos alunos, especificamente os valores hierarquizados, os lugares recorridos e as técnicas argumentativas mobilizadas.

O capítulo V, que compreende nossas *CONSIDERAÇÕES FINAIS*, fazemos uma breve retomada da discussão que norteiam nossa pesquisa, considerando a validade de nossa pesquisa para o âmbito argumentativo, educativo e cultural local, e fazendo possíveis apontamentos para projeções futuras, nessa linha de estudo.

Por fim, as REFERÊNCIAS de nosso trabalho explicitam os textos que fundamentaram nosso estudo e contribuem significativamente para a efetiva construção de nossa análise e, conseqüentemente de nossa pesquisa; e os ANEXOS, constituídos por um plano de uma aula sobre o gênero lenda, as produções textuais completas dos alunos e algumas imagens que documentam o passo a passo de nosso trabalho. Estes últimos anexos não serão foco de análise, contudo, as ilustrações fotográficas do processo viabilizam ao leitor a visão de um momento significativo do processo de intervenção, atuando, inclusive, como recurso de presença para determinar a importância desse processo fundamental ao propósitos do Profletras.

CAPÍTULO II: A ARGUMENTAÇÃO NO DISCURSO: A NOVA RETÓRICA

O espírito do homem não se eleva à verdade às custas de intuições beatificantes, assim como seu corpo não sobe aproveitando-se preguiçosamente de ascensões: os pés da inteligência chamam-se argumentos, e sua marcha, raciocínio.
Pascal Ide

De acordo com as palavras de Reboul (2004), a retórica não nasceu em Atenas, mas na Sicília grega, por volta de 465, após a expulsão dos tiranos, tendo sua origem, não literária, como pensavam alguns, mas sim judiciária. Segundo o autor, numa época em que não existia a advocacia, era necessário oferecer a cada disputante uma maneira de defender suas causas. Assim, um discípulo do filósofo Empédocles, chamado Certo Córax¹ e seu próprio discípulo, Tísias, publicaram então, de acordo com Reboul (2004) uma coletânea de preceitos práticos que continha exemplos para uso das pessoas que recorressem a justiça. Esse conjunto de preceitos recebeu o nome de “arte oratória”. Assim, segundo Reboul (2004), Córax dá a primeira definição retórica: ela é criadora da persuasão.

Dessa forma, Reboul (2004) aponta que, por manter estreitos laços e até processos com a Sicília, a Grécia logo adotou a retórica. Por não existirem advogados na época, os litigantes recorriam a pessoas que atuavam como espécies de escrivães públicos, chamados de logógrafos, responsáveis por redigir as queixas que eles só tinham de ler diante de um tribunal. Assim, os retores², que, segundo Reboul (2004), possuíam agudo senso publicitário, ofereceram aos litigantes e aos logógrafos, um instrumento persuasivo, para eles, invencível, capaz de convencer qualquer pessoa a respeito de qualquer coisa. Nessa perspectiva, a retórica não argumentava a partir do verdadeiro, mas sim do verossímil.

De acordo com Reboul (2004), o verossímil era inevitável tanto aos gregos quanto a nós, nos dias atuais, uma vez que, se no âmbito judiciário, conhecêssemos

¹ Segundo Reboul (2004), Córax é considerado o inventor do argumento que leva seu nome – o Córax – e que deve ajudar os defensores das piores causas. Segundo o autor, esse argumento consiste em dizer que uma coisa é inverossímil por ser verossímil demais. Por exemplo: se o réu for fraco, dir-se-á que não é verossímil ele ser o agressor. Já se esse réu for forte e todas as evidências lhe forem contrárias, o argumento se sustentará na premissa de que, por ser tão verossímil ele ser julgado culpado, que não é verossímil que ele realmente o seja.

² Estudiosos de retórica, na antiga Grécia, definiam os argumentos próprios do convencimento, delimitavam os atos de fala.

a verdade, não haveria mais necessidade de tal âmbito, e os tribunais seriam reduzidos a câmaras de registro. A lógica é muito simples: já se sabendo a verdade dos fatos, não há necessidade de argumentação para o alcance do verossímil. Assim, se anularia as funções advocatícias, e, conseqüentemente os julgamentos.

Entretanto, Reboul (2004) destaca que, o problema, tanto para nós, quanto para os gregos, é que as más causas necessitam dos melhores advogados, já que, quanto pior a causa, maior terá de ser o recuso a retórica. Adentrando, pois, no campo da retórica, recorreremos às definições propostas por Meyer (2007):

- (1) a retórica é uma manipulação do auditório (Platão);
- (2) a retórica é a arte de bem falar (*ars bene dicendi*, de Quintiliano);
- (3) a retórica é a exposição de argumentos ou de discursos que devem ou visam persuadir (Aristóteles) (p. 21)

Segundo Meyer (2007), da primeira definição decorrem todas as outras concepções centradas na emoção, no papel do interlocutor, em suas reações. Quanto à segunda definição, para o autor, está relacionada a tudo que diz respeito ao orador, à expressão, à si mesmo e à intenção do que se quer dizer. Para a terceira definição o autor destaca que ela se refere ao implícito e ao explícito nas relações discursivo/argumentativas, o literal e o figurado, às inferências e o literário. Assim, de acordo com o autor, a adição ou mesclagem de tudo isso, acabou por dar à retórica, ares de uma disciplina com contornos mal definidos, por tratar de uma abrangência ampla de questões nesse sentido. Meyer (2007) discute sobre os elementos essenciais à ciência retórica: o orador, o auditório e a mensagem, o discurso, relacionando-os as três definições propostas acima. Para ele:

[...] a primeira privilegia o papel do auditório; a segunda, a importância do orador; e a terceira, o peso das proposições e da linguagem que as veicula, o que confere a aparência de tornar a retórica mais objetiva e racional. (MEYER, 2007, p. 22)

Entretanto, por admitir que não há como privilegiar uma dimensão da retórica, Meyer (2007) afirma que essas definições evoluíram com o passar do tempo, para não deixar negligenciadas as duas outras categorias retóricas.

Reboul (2004) afirma existir dois tipos de retórica: uma espontânea, que aflora naturalmente nos eventos comunicativos em que ela se faz pertinente e outra que é ensinada de acordo com a necessidade comunicativa do evento:

(...) existe uma retórica espontânea, uma aptidão para persuadir pela palavra que talvez não seja inata – não entraremos nessa discussão agora - mas que tampouco é devida a uma formação específica, e também existe uma retórica que é ensinada com o nome, por exemplo, de “técnicas de expressão e comunicação”, que serve para formar vendedores ou políticos, para ensinar-lhes aquilo que outros vendedores, outros políticos parecem já saber naturalmente. (REBOUL, 2004, p. 16)

É na primeira retórica que incide nosso interesse. Numa característica peculiar e popular que instaura no discurso um caráter argumentativo que é perceptivelmente observado nos gêneros orais, sendo um deles aqui, objeto de nossa pesquisa.

Estando, pois, nosso olhar voltado para os estudos da Nova Retórica que compreende a argumentação no discurso, compreendamos, de uma maneira geral, o que é argumentar. Segundo Abreu (2009), argumentar é a arte de convencer e persuadir. Colocado desta forma, damos a entender que se trata de coisas diferentes. De fato é. De acordo com Abreu (2009), convencer é saber gerenciar informações no campo das ideias, da razão. Quando se trata de persuadir, estamos adentrando no campo das emoções, fazendo com que o outro se sensibilize e haja como desejamos. Dessa forma, segundo o autor, às vezes conseguimos convencer as pessoas, mas não as persuadimos.

Para Bronckart (1997/1999), a argumentação opera por meio de:

(i) fase das premissas: em que o orador define o ponto de vista, a tese a ser defendida e escolhe o tom adequado para tal propósito; (ii) fase de apoio argumentativo, em que o orador apresenta a sustentação para a argumentação e a articulação dos argumentos (o que ele chama de hierarquização de argumentos); (iii) fase de contra-argumentação, em que o orador antecipa a contestação global ou

refutação, utilizando as razões do adversário; (iiii) fase de conclusão ou nova tese, ponto em, segundo o autor, o orador chega a um *acordo*³.

Assim, consideramos que, para se efetivar, a argumentação transpõe algumas etapas e perpassa por alguns aspectos a serem considerados. Alguns elementos que contribuem para que essa argumentação seja realmente concretizada são discutidos no decorrer de nosso panorama de estudos teóricos em andamento.

2.1 AS TESES

Para que uma argumentação ocorra efetivamente, é necessário que haja um posicionamento a ser defendido. Em outras palavras é necessário haver uma *tese*. Essa tese ou proposição se apresenta como uma síntese do ponto de vista defendido no texto que, para o auditório, poderá ganhar ares de verdadeiro ou falso.

Perelman (2004, p. 325), destaca que “Qualquer argumentação, para ser eficaz, deve apoiar-se em teses admitidas pelo auditório”. Para Abreu (2009), ter definida uma tese e saber para que tipo de problema essa tese é a solução é a primeira condição da argumentação. Para argumentar, em acordo com Perelman e Tyteca (2005), é preciso ter apreço pela adesão do interlocutor, pelo seu consentimento, pela sua participação mental, seu posicionamento. Dessa forma, segundo os autores, querer convencer alguém, implica sempre certa modéstia da parte de quem argumenta, pois, antes de promover a adesão do auditório a uma tese proposta, é evidente que devem ser consideradas algumas implicações, como por exemplo, a admissão do auditório a determinadas teses de adesão inicial, que fundamentarão e servirão de subsídio para a tese principal, lançada posteriormente pelo orador.

Ide (2000) destaca que, no sentido técnico, a tese é a problemática formada de maneira afirmativa. Segundo o autor, a tese será, portanto, o enunciado de um juízo. Assim, a formulação de uma tese nos direciona de forma mais precisa e crítica do pensamento do autor. Segundo Souza (2003) buscar a identificação da

³ Esta categoria argumentativa será explicada e melhor discutida mais adiante.

tese de um texto, em confronto com as técnicas argumentativas utilizadas pelo orador, nos permite encontrar não somente a ideia central, mas também, e principalmente, outros efeitos de sentido, às vezes contraditórios, dos textos, inscritos em seu próprio processo argumentativo. Dessa forma, Souza (2003) destaca que ao procedermos numa análise de um texto, a tese deve ser buscada na ideia central, mais verossímil, mais provável. Naquela ideia em que os argumentos utilizados contribuem para a sua delimitação; sendo, portanto, a mais unificadora dos pensamentos e ideologias do orador a respeito de determinada temática. Nessa perspectiva, temos as teses de adesão inicial, que subtende-se serem previamente conhecidas e aceitas pelo auditório; e as teses centrais, que constituirão as ideias defendidas pelo orador.

Para Ide (2000), o papel da tese é formular, dando lógica às regras e os meios (instrumentos) dessa formulação. Segundo o autor, a questão não é colocar “o que me diz o texto?”, tampouco “o que é que eu digo do texto?”, mas sim, “o que é que diz o texto?” de maneira mais objetivamente possível. De acordo com o autor, a palavra opinião é reveladora, uma vez que a opinião se trata de algo muito subjetivo, podendo ser um sinal de humildade ou, na maioria das vezes, um grande empobrecimento de pensamento. Assim, para Ide (2000), ao “dar a minha opinião”, reduzo o texto a uma série de impressões afetivas que farão sentido apenas para mim. De acordo com o autor, a formulação da tese permite uma melhor avaliação crítica do pensamento do autor, consentindo principalmente a sinalização das principais contradições do autor. O autor ressalta a certa existência de tais contradições, mesmo em autores que estão acima de qualquer suspeita de manipulação.

Paulinelli (2014), em estudo sobre o Tratado de Argumentação (TA), destaca que escolher as estratégias mais adequadas é fundamental para que a argumentação se efetive, uma vez que a adesão é suscetível de maior ou menor intensidade. Assim, de acordo com a autora, se a intensidade da adesão do auditório a determinada tese for insuficiente, devemos considerar que essa tese, mesmo após ser admitida, pode não prevalecer diante de outras. Assim, segundo Paulinelli (2014), mesmo concedida a adesão inicial, esta poderá ser negada mais adiante, pois a qualquer momento o auditório pode discordar do que o orador lhe apresenta. Pode também desconfiar do conteúdo das premissas ou, ainda, se mostrar insatisfeito com o caráter tendencioso do orador ao apresentar tais

premissas. Enxergando essa possibilidade, Ide (2000) ressalta que, após transpor a compreensão do pensamento do autor e assimilar o pensamento de determinado texto, resta confrontar esse último pensamento com o real para, com isso, “pesar” sua verdade, visto que, um texto só interessará ao ouvinte/auditório, em última instância, se esse texto apontar o verdadeiro ou o falso. Para Ide (2000), a busca do verdadeiro rege a maneira pela qual o exprimimos, atribuindo um conceito a outro. Dessa forma, para o autor, uma tese é, portanto, a atribuição de um conceito a outro, tendo em vista dizer a verdade. Pensando no conceito sintático, o autor, metaforicamente, considera que a tese abrange o rosto ou a fisionomia (sujeito) que exprime o caráter (predicado).

2.2 O ACORDO PRÉVIO

Para adentrar no campo da argumentação, recorreremos a alguns conceitos discutidos por Perelman e Tyteca (2005), partindo primeiramente do que é aceito como raciocínio e depois, sobre a maneira pela qual este se desenvolve, obedecendo, segundo os autores, a um conjunto de processos de ligação e dissociação que são fundamentais em uma exposição e pressupõem, evidentemente, acordo do auditório. A relação entre orador e auditório está pautada na instauração de um acordo prévio. Este é o ponto de partida fundamental de toda argumentação.

Assim, segundo Perelman e Tyteca (2005), a argumentação ocorre efetivamente a partir do acordo com o auditório. O acordo fundamenta a argumentação inicial do orador. Os autores afirmam existir vários tipos de objeto de acordo, como por exemplo os fatos e as verdades, as presunções, os valores (abstratos e concretos), as hierarquias, os lugares, a utilização e redução dos lugares. Os autores apontam que o objeto de um acordo pode se dar no campo do real, onde se destacam os fatos, verdades e presunções; ou no campo do preferível em que se prevalecem os valores, hierarquias e lugares.

Segundo os autores, a argumentação gira em torno do acordo: algo comum a vários pensantes, sendo comum a todos, cuja adesão é uma reação subjetiva e que se impõe a todos. Dessa maneira, qualquer fato, seja de observação, seja de

suposição, deixa de assim ser ao ser posto em dúvida ou quando há, no auditório, um aumento no grupo de pessoas que não o admitem como tal. Assim sendo, não há critérios objetivos nas condições que favorecem os acordos.

Entre os objetos do acordo pertencentes ao real, os autores destacam, de um lado, os fatos e as verdades e, do outro, as presunções. Classificar um dado concreto como sendo um fato, segundo os autores, desvela uma impossibilidade de definição, uma vez que, na argumentação, a noção de *fato* reside no acordo de certos dados entre certos auditórios. Assim, só estamos diante de um fato, se pudermos postular a seu respeito um acordo universal, não controverso de uma tese. É válido lembrar, entretanto, que não podemos conferir essa universalidade, tendo em vista que o acordo, segundo Perelman e Tyteca (2005), está sempre suscetível à contestação.

Dessa forma, não podemos contar com nenhum critério que possibilite, independente da atitude do auditório, afirmar a existência de um fato. Podemos sim, de acordo com Perelman e Tyteca (2005), reconhecer que existem certas condições que favorecem um acordo entre o orador e o auditório.

De acordo com os autores, aplicamos ao que chamamos de *verdades*, tudo o que acabamos de dizer dos fatos, os sistemas mais complexos relativos a ligações entre fatos. Delimitar as diferenças legítimas entre fatos e verdades se torna uma tarefa um tanto quanto difícil, já que sinalizam concepções de auditórios diferentes. Segundo Perelman e Tyteca (2005), para alguns o fato se opõe à verdade teórica como contingente necessário, enquanto que para outros, a relação entre esses aspectos está mais para como o real ao esquema do real. Nessa linha de pensamento destacamos ainda, além dos fatos e das verdades, as *presunções* admitidas pelo auditório. Elas também são mediadas pelo acordo universal, entretanto, a sua adesão não é máxima, mas sim, reforçada, em alguns momentos por outros elementos.

De acordo com Perelman e Tyteca (2005), as verdades são sistemas complexos relativos a ligações entre fatos, científicos, filosóficos ou religiosos que superam a experiência. De acordo com os autores, a presunção, cuja adesão não é máxima, é uma noção que está ligada ao verossímil ou normal. Assim, uma presunção, diferente da probabilidade estatística, é vista sempre a partir de grupos de referência e sujeita a mudanças de perspectiva. Sendo assim, ao tentarmos

justificar uma presunção podemos fortalecê-la. Contudo, quando fazemos isso diante de fatos e verdades, podemos enfraquecê-los.

No que se refere ao acordo do auditório universal, assim como os fatos, as verdades e as presunções, é notadamente necessário destacar o papel que os objetos de acordo desempenham para os grupos particulares. Dessa forma, versamos sobre pontos fundamentais em nosso trabalho: *os valores, as hierarquias e os lugares do preferível*.

2.3 OS VALORES E SUAS HIERARQUIAS

Os valores, embora precários e instáveis, prestam-se como meio de argumentação: argumentar significa admitir outros valores e que se possa ultrapassar os acordos particulares para chegar ao universal
Salvador Mosca

Para o homem enquanto ser social, é praticamente impossível viver sem alguma hierarquia de valores. Estamos constantemente fazendo juízo daquilo que é mais ou menos importante. Isso pode, muitas vezes, acabar gerando contradições e problemas, uma vez que as pessoas divergem quanto a essas hierarquias. Mesmo que levássemos em primeira consideração as necessidades básicas fundamentais para a subsistência, o fator subjetivo, mesmo assim, persistiria em muitos casos.

Assim, antes de darmos continuidade a nossos estudo percorrendo os caminhos teóricos da argumentação, no que se refere a hierarquização de valores, adentraremos, mesmo que superficialmente no território da Análise do Discurso (AD), para elencarmos uma discussão teórica anterior, mas que pode nos ajudar a compreender melhor como hierarquizamos e re-hierarquizamos valores no decorrer de nossas vidas.

O fato (se é que podemos falar em fatos, nessa perspectiva), é que as hierarquias não são estanques. Na verdade, os valores que tínhamos quando crianças não são mais os valores nossos de hoje. Nossas hierarquias são, portanto, diretamente influenciadas por nossa formação, por nossas ideologias. Pegando este

último aspecto como fio da meada, tentemos compreender como nossa formação discursiva e ideológica influenciam nossos valores.

A formação ideológica é discutida por Brandão (2004) como “[...] organizações de posições, políticas e ideológicas [...]”. A partir dessa concepção, podemos conceber a formação ideológica de um indivíduo como o conjunto de representações e atitudes que revelam nossas ideias, opiniões, crenças, enfim, nossa ideologia. A autora também discute o conceito de formação discursiva como o lugar em que a formação ideológica se manifesta. Em outras palavras, as nossas ideias, crenças e opiniões só ganham materialidade no discurso, é somente nele que elas podem ser expressas ao(s) nosso(s) interlocutor(es). O discurso é, pois, o lugar de materialização e concretização de nossas ideologias, logo, a formação discursiva é o lugar onde discurso e ideologias se articulam, sendo a formação discursiva determinante sobre o que pode e deve, ou não, ser dito numa dada formação ideológica. Esse ponto de vista é colocado também por Orlandi e Rodrigues (2006):

As formações discursivas são as projeções na linguagem, das formações ideológicas. As palavras, expressões, proposições adquirem seu sentido em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem. [...] Chamamos então formação discursiva àquilo que, numa formação ideológica, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinando o que pode e deve ser dito. (Orlandi e Rodrigues 2006, p. 17)

Atrelamos a atividade discursiva também ao caráter sentimental, afetivo. Reboul (2004) aponta que, em retórica, razão e sentimento são inseparáveis:

Os meios que dizem respeito à afetividade são, por um lado, o ethos, o caráter que o orador deve assumir para chamar a atenção e angariar a confiança do auditório, e por outro lado o pathos, as tendências, os desejos, as emoções do auditório das quais o orador poderá tirar partido (REBOUL, 2004, p. 19).

Dessa forma, em consonância com o autor, percebemos a afetividade ligada, direta ou indiretamente à formação discursiva do sujeito que utiliza a linguagem e seus recursos persuasivos nas variadas situações comunicativas. Seja na contação

de uma história, numa cantiga ou numa lenda, o sentimento, ou a ausência dele, poderá atribuir significativamente diferentes contornos ao discurso. Abreu (2009) destaca que, ao contrário do que se pensava, o homem é um ser principalmente emocional e não predominantemente racional.

Nesse sentido, a afetividade que, muitas das vezes aparece imbuída no discurso e se expressa através do tom de voz, das gesticulações corroboram para a obtenção do propósito enunciativo do discurso. Todos esses elementos estão direta ou indiretamente ligados aos objetos que nos rodeiam, os quais serão passíveis a nosso julgamento de valor. Todos esses elementos estão presentes também, nas narrativas locais, no discurso dos contadores de histórias locais e na contação dos alunos. É correto, portanto, percebermos que nossa formação ideológica e discursiva afetarão diretamente nossos juízos de valor, nossos padrões de escolhas do que seja mais ou menos importante, nossas hierarquias. Todos esses elementos serão, portanto, importantes para a fundamentação desta pesquisa.

Nos parágrafos anteriores procuramos perceber, ancorados em estudos da AD, se e como a formação discursiva e ideológica de um indivíduo pode influenciar no processamento de seus valores. A discussão, como já mencionado, é meramente para fins de melhor compreensão, uma vez que, nosso principal objetivo é perceber como esses valores são hierarquizados no âmbito não da formação, mas da argumentação no discurso. Voltando, pois, ao terreno da retórica, compreendamos como os valores e hierarquias são aqui discutidos.

Ao se dirigir ao auditório, o orador, fazendo uso das premissas que lhe servirão de base a sua proposição, conta com a adesão de seus ouvintes. Contudo, Perelman e Tyteca (2005) atentam para o fato de que isso pode não ocorrer, seja por não aderirem ao que este orador lhes apresenta, seja por perceberem a unilateralidade da escolha das premissas, seja por ficarem contrariados com o caráter tendencioso da apresentação dessas premissas. Assim, um dos grandes problemas do orador é descobrir quem são realmente os seus destinatários, imprescindíveis para o efetivo processo de persuasão.

A noção de valor surge em meio à multiplicidade dos grupos formadores dos auditórios. Perelman e Tyteca (2005) destacam que o orador recorre aos valores para motivar o ouvinte a fazer determinadas escolhas ao invés de outras, para justificar estas escolhas, de maneira que se tornem aceitáveis em detrimento de outras. Os autores então, apontam a existência de valores concretos e abstratos. Os

valores concretos estão ligados a um ser vivo, grupo determinado, objeto particular examinados em sua unicidade, tendo seu lugar definido de maneira precisa. Já os valores abstratos admitem várias definições. Certos comportamentos só são virtuosos dentro de valores concretos (fidelidade, lealdade, solidariedade, disciplina).

Perelman e Tyteca (2005) destacam que valores concretos tendem ao conservadorismo, enquanto valores abstratos geram a inovação. Os autores definem justiça e veracidade como valores abstratos e a França ou a Igreja como valores concretos, vinculando o valor concreto a um ente vivo, a um grupo determinado ou a um objeto particular. Nessa perspectiva, podemos assim dizer que a liberdade é um valor abstrato, enquanto que a República Brasileira ou a Academia de Letras são valores concretos. Os autores destacam, contudo, que algumas noções da moral como lealdade, solidariedade, fidelidade não podem ser concebidas sem que se considere o valor concreto, ou seja, é a partir da relação entre os entes que os valores abstratos acontecem, uma vez que é a própria existência dos entes concretos que permite a concepção dos valores abstratos.

Perelman e Tyteca (2005) apontam que os valores intervêm num determinado momento, em todas as argumentações. Nos raciocínios de ordem científica, eles ficam geralmente restritos a origem da formação dos conceitos e das regras que constituem o sistema em questão e ao termo do raciocínio, ao passo em que este raciocínio objetiva buscar o valor de verdade. Dessa forma, em consonância com os autores, entendemos que em qualquer asserção, não poderemos subtrair o valor nem tampouco negá-lo. Assim também como teremos de dar razões para uma alegação de que algo seja um fato. Consoante a isto, compreendemos também o alto nível de persuasão dos valores e, conseqüentemente o seu papel argumentativo.

Henriques (2013), parafraseando o TA, aponta que os valores abstratos são aceitos por todos, independente de tempo ou lugar. Nesses moldes estão a justiça, o bem, o mal, o belo, o feio, etc. Enquanto isso, de acordo com o autor, os valores concretos, são constituídos por realidades mais palpáveis como a família, o Estado. Para Reboul (2004), nos domínios da argumentação, é impossível renunciar aos juízos de valor, uma vez que noções fundamentais de inocente ou culpado, belo ou feio, bom ou mal, entre outras, são sempre formuladas em termos de valor.

Perelman e Tyteca (2005) ressaltam que, sejam quais forem os valores dominantes num meio cultural, a vida do espírito não pode evitar se apoiar tanto em

valores abstratos como em valores concreto, uma vez que, segundo os autores, sempre pareceu haver pessoas que dão importância maior a uns do que a outros. Os autores destacam que a argumentação em si, se baseia, de acordo com as circunstâncias, ora nos valores concretos, ora nos valores abstratos, sendo, algumas vezes, difícil perceber o papel representado por uns e outros.

Para esclarecer melhor essa questão, Perelman e Tyteca (2005) utilizam do exemplo a seguir: quando afirmamos que os homens são iguais, por serem filhos de um único Deus, parecemos nos amparar num valor concreto para encontrar um valor abstrato, o da igualdade. Entretanto, segundo os autores, poderíamos dizer também que, nesse caso, somente o valor abstrato se expressa, recorrendo, através da analogia, a uma relação concreta, mesmo com o uso do *porque*, ainda assim, o ponto de partida estaria vinculado a um valor abstrato.

Continuando nessa linha de raciocínio, Perelman e Tyteca (2005) afirmam que o melhor lugar para se observar esse tráfego do valor concreto ao abstrato e vice versa, são os raciocínios relacionados a Deus, visto estar este, ao mesmo tempo, entre o valor abstrato absoluto e Ser perfeito. Dessa forma, os autores questionam se a perfeição de Deus se dá a partir da encarnação de todos os valores abstratos e apontam ser difícil determinar.

Nessa perspectiva, Perelman e Tyteca (2005) destacam que uma mesma realidade ou grupo social poderá ser retratada ora como valor concreto e único, ora como uma múltipla de indivíduos que serão contrapostos a um só ou a alguns, mediante argumentações por meio do número, às quais, qualquer ideia de valor concreto, poderá ser completamente alheia. Para os autores, o que é valor concreto em determinados casos, nem sempre, verdadeiramente o é. Dessa maneira, segundo Perelman e Tyteca (2005), para que determinado valor seja concreto, é necessário examiná-lo sob o aspecto de uma realidade única, uma vez que declarar que esse valor é, de uma vez por todas, um valor concreto, implica na constituição de uma tomada de posição arbitrária. Os autores apontam ainda que valores concretos são utilizados, na maioria das vezes, para fundamentar os valores abstratos e vice versa.

Os autores destacam que os valores abstratos podem servir comodamente para a crítica, pelo fato de não levarem em consideração as pessoas e por parecerem fornecer critérios a quem quer modificar a ordem estabelecida das coisas. Para Perelman e Tyteca (2005), os valores concretos podem sempre se

harmonizar, uma vez que o concreto existe, este o é exatamente por ser possível, por realizar determinada harmonia. Enquanto isso, os valores abstratos, para os autores, quando levados ao extremo, são inconciliáveis, já que é impossível conciliar no abstrato, valores como a justiça e a caridade.

Assim, consideramos que se torna difícil caracterizar matematicamente um valor como concreto ou abstrato, uma vez que, como acabamos de ver nos pensamentos de Perelman e Tyteca (2005), há um trânsito considerável entre um e outro, em alguns aspectos da vivência humana. O que podemos considerar é que essa transição contribui ainda mais para o pensamento que determina a instabilidade de determinados valores, em decorrência de fatores temporais, culturais, ideológicos e, ou mesmo do objeto focalizado no momento da argumentação.

As hierarquias são princípios de ordenação de valores e podem ser de ordem concreta, homens superiores aos animais, ou de ordem abstrata, justo superior ao útil. Perelman e Tyteca (2005) destacam que estar de acordo com um valor, é admitir que um objeto, um ser ou um ideal deve exercer sobre a ação e as disposições à ação uma influência determinada. Dessa forma, a existência dos valores, como objetos de acordo que possibilitam uma comunhão sobre os modos particulares de agir, está vinculada, segundo os autores, a diversidade dos grupos. Antigamente, como bem acentuam Perelman e Tyteca (2005), os enunciados que hoje correspondem aos que denominamos valores, ao passo em que não eram tratados como verdades indiscutíveis, pertenciam à classe das afirmações verossímeis e eram tidos como *opiniões*.

Henriques (2013), discutindo o TA, afirma que as hierarquias de valores são uma forma de estratificação social, com a constituição de camadas sociais e, nessa leitura de Perelman e Tyteca, o autor então aponta as hierarquias concretas (homem sobre animais) e hierarquias abstratas (bem sobre o útil). Nessa perspectiva, Henriques (2013) ressalta que a própria expressão *hierarquia de valor*, revela que existem escalas de valores, uns mais importantes que outros, de acordo com o grau de cultura de cada pessoa, do contexto social em que a argumentação se desenvolve e da ideologia dominante em determinada época.

Nessa perspectiva, é também fundamental, no âmbito da argumentação, fazer um destaque para as hierarquias. Nosso trabalho está pautado principalmente sobre este ponto: como determinados valores são hierarquizados. Para

compreendermos melhor, vejamos o que postulam Perelman e Tyteca (2005), a respeito disso:

A argumentação se esteia não só nos valores, abstratos e concretos, mas também nas hierarquias, tais como a superioridade do homem sobre os animais, dos deuses sobre os homens. Por certo essas hierarquias seriam justificáveis em virtudes de valores, porém, mais comumente, só se tratará de buscar-lhes um fundamento quando for o caso de defendê-las [...] (PERELMAN E TYTECA, 2005, p. 90)

Assim, entendemos que alguns objetos se sobrepõem a outros. Essa hierarquização ocorrerá então de acordo com os valores atribuídos a tais objetos. Perelman e Tyteca (2005) admitem ainda a existência de hierarquias concretas e abstratas:

As hierarquias admitidas se apresentam praticamente sob dois aspectos característicos: ao lado das hierarquias concretas, como a que expressa a superioridade dos homens sobre os animais, há hierarquias abstratas, como a que expressa a superioridade do justo sobre o útil. (PERELMAN E TYTECA, 2005, p. 90)

Assim, de acordo com os autores, compreendemos que as hierarquias concretas estão precisamente constituídas sobre objetos/asserções dificilmente ou praticamente irrefutáveis. Enquanto isso, as hierarquias abstratas se constroem a partir de concepções, princípios, valores, consequentemente, abstratos, a depender dos valores de cada um. Os autores destacam que um dos princípios hierarquizadores mais comumente usados é a noção de quantidade. Assim, se temos hierarquias baseadas em valores de preferência ao lado de hierarquias baseadas em quantidades de um mesmo valor, o grau superior é, então, caracterizado por uma maior quantidade de certo caráter. Assim, os autores defendem que as hierarquias de valores são mais importantes do ponto de vista da estrutura de uma argumentação do que os próprios valores em si, já que o que caracteriza cada auditório são menos os valores que admite do que o modo como eles são hierarquizados.

Nessa perspectiva, Perelman e Tyteca (2005) destacam ainda que os valores são classificados com maior ou menor força mesmo sendo admitidos por muitos auditórios particulares. Assim, a intensidade de adesão entre um valor e outro, determina entre esses valores uma considerada hierarquia. Nessa perspectiva, estar de acordo com um valor é, segundo Perelman e Tyteca (2005), admitir que um ser ou um ideal exerce uma influência determinada sobre a ação e as disposições à essa ação, sem que, necessariamente, esse ponto de vista se aplique a todos, uma vez que não há como se impor juízos que dependam da valoração de cada sujeito.

Segundo os autores, quando a intensidade dos valores não é precisamente conhecida pelo orador, este poderá utilizar livremente cada um dos valores em seu discurso, sem ter de justificar a preferência nem tampouco comprometer determinada hierarquia admitida. Entretanto, Perelman e Tyteca (2005) destacam ser este, um caso raro, já que, na grande maioria das vezes, os valores se apoiam em intensidades diferentes, mas também são admitidos princípios que permitem a sua hierarquização. Parafraseando o TA, Paulinelli (2014) aponta que na argumentação, os valores funcionam como os mais importantes objetos de acordo entre o orador e o auditório na formulação das premissas, já que aqueles que partilham um conjunto de valores comuns se colocam mais receptivos às teses defendidas pelo orador. De acordo com as palavras de Paulinelli (2014), a adesão em torno de valores se dá com intensidade variável de indivíduo para indivíduo e de grupo para grupo.

De acordo com Perelman e Tyteca (2005), não só os valores gozam de uma adesão de intensidade diferente, mas, além disso, são considerados princípios responsáveis por hierarquiza-los. Entretanto, os autores apontam que devemos considerar que essas hierarquias não impedem a relativa independência dos valores, uma vez que, na prática, não é assim que se apresentam as hierarquias: seus fundamentos são tão múltiplos quanto os próprios valores que elas coordenam.

Para Perelman e Tyteca (2005), o fato de nos sentirmos obrigados a hierarquizar os valores, independentemente de quais sejam, provém do fato de que a busca simultânea desses valores criar incompatibilidades, obrigando escolhas. Assim, através de exemplos, os autores destacam que, quando dada, a justificativa de determinada hierarquização pode variar, mas o processo argumentativo supõe a existência de valores aceitos, porém incompatíveis em determinada situação. Assim sendo, de acordo com os autores, a hierarquização de um valor, tanto a que for

resultante de uma argumentação como a já enunciada desde o início, designa o valor que decidimos sacrificar em uma dada situação argumentativa.

Em suma, atribuir a determinado elemento uma carga valorativa maior que outra constitui uma cadeia de posições hierárquicas dentro de um sistema de crenças pertinente, implícita ou explicitamente no discurso do orador. É justamente essa cadeia de posições de valores, em maior ou menor grau, que entendemos como hierarquização de valores. Compreender, pois, a hierarquização de valores, é condição básica para a efetivação de nossa análise.

2.4 OS LUGARES DA ARGUMENTAÇÃO

Ao passo em que discutimos hierarquias e valores, estamos lidando com premissas que determinam esses aspectos. Dessa forma, nesse ponto versaremos um pouco sobre o que, por alguns, é intitulado como depósito de informações do orador: os lugares da argumentação. Os lugares atuam como rubricas nas quais se podem classificar os argumentos. Sua principal função é fundar as hierarquias e os valores.

Segundo Perelman e Tyteca (2005), para os antigos, os lugares designam apontamentos para classificação dos argumentos. Trata-se, portanto, de reunir o material necessário ao orador, no momento em que este achar devido. A partir daqui encontraremos distinções para o que Aristóteles chamou de *lugares-comuns* e *lugares-específicos*. Segundo os preceitos aristotélicos, os lugares-comuns podem servir indiferentemente ao orador em qualquer ciência, sem necessariamente depender de nenhuma delas. Já os lugares-específicos são próprios de uma ciência em particular e/ou gênero oratório definido. Reboul (2004) explica que dá-se o nome de “lugares comuns” por se aplicarem a toda espécie de argumentação, um esquema de argumento que se aplica aos dados mais diversos.

Posto isto, de forma bem geral, passemos então, dentre esses lugares-comuns, à uma classificação, justificada, segundo os autores, pela importância na prática argumentativa, dos critérios que devem ser considerados em cada categoria. Assim, discorreremos nesse momento a respeito do *lugar de quantidade*, *lugar de qualidade*, *lugar de ordem*, *lugar de essência*, *lugar de pessoa* e *lugar do existente*.

Entendemos, baseados nos postulados de Perelman e Tyteca (2005), por lugar de quantidade, os lugares-comuns que afirmam que uma coisa é melhor que outra ancorados em razões quantitativas. Complementando as palavras de Perelman e Tyteca (2005), Abreu (2009), um bem ou propósito que serve a um número maior de pessoas, segundo este preceito, possuirá mais valor que outro, que sirva a uma quantidade menor. Conforme as palavras do autor, um dos traços mais característicos do lugar de quantidade é a utilização de números e estatísticas.

Perelman e Tyteca (2005, p. 98) destacam ainda que “o lugar da quantidade, a superioridade do que é admitido pelo maior número, é o que fundamentam certas concepções da democracia”. Esse preceito é estabelecido até os dias atuais, uma vez que, ganha uma eleição o candidato que obtiver o maior número de votos, assim como a aprovação de uma lei dependerá do maior número de votos a seu favor. Dessa forma, em acordo com Perelman e Tyteca (2005), podemos considerar como lugares de quantidade: “a preferência concedida ao provável sobre o improvável, ao fácil sobre o difícil, ao que há menos risco de nos escapar.” (p.100).

Quando a virtude da quantidade pode ser contestada, o orador pode recorrer em seu discurso, ao lugar de qualidade. Este lugar valoriza o único, o raro. Nas palavras de Abreu (2009), tudo aquilo que é ameaçado por ser único, ganha demasiadamente outro valor. É o caso, por exemplo de alguns animais que estão em risco de entrarem em extinção. Perelman e Tyteca (2005) reforçam o conceito do lugar de qualidade, destacando o aspecto de ordem superior norteador de quem protagoniza este lugar:

O verdadeiro não pode sucumbir, seja qual for o número de seus adversários: estamos em presença de um valor de ordem superior, incomparável. É esse aspecto que os protagonistas do lugar de qualidade não podem deixar de enfatizar: no limite, o lugar de qualidade redonda na valorização do único que, assim como o normal, é um dos pivôs da argumentação. (PERELMAN E TYTECA, 2005, p. 101)

Dessa forma, em acordo com as palavras dos autores, o único é ligado a um valor concreto nosso. Estando, por isso, ligado a um valor, nos parecerá único e, conseqüentemente precioso. Esse princípio fundamenta o lugar de qualidade.

Nos dizeres de Abreu (2009), o lugar de ordem defende a superioridade do anterior sobre o posterior, das causas sobre os efeitos, dos princípios sobre as finalidades e assim sucessivamente. Dessa forma, um membro mais velho da família tem o direito ao maior e mais nobre pedaço da carne na hora da refeição em família.

Perelman e Tyteca (2005) destacam que grandes discussões filosóficas giram em torno do que é posterior ou anterior para se ter uma conclusão a respeito da predominância de um aspecto sobre outro. Para os autores, o pensamento existencial, que insiste na importância da ação voltada para o futuro, relaciona o projeto com a estrutura humana e, por isso, o homem está na constante busca pela remontagem da fonte, do originário. Essa busca estaria, portanto, relacionada diretamente ao protagonismo do lugar de ordem.

Perelman e Tyteca (2005) discutem ainda o lugar de essência. Não como atitude metafísica que afirma a superioridade de uma essência sobre cada uma de suas encarnações fundamentadas num lugar de ordem, mas sim, compreende-se como este lugar, o fato de conceder um valor superior a determinados indivíduos, enquanto representantes caracterizadores de uma essência. Para os autores, o que melhor encarna um padrão, uma função, ganha, exatamente por isso, valor maior. Abreu (2009) menciona o lugar de essência como justificativa para os concursos de misses (essência de mulher bonita), os galãs e as estrelas de cinema (essência de beleza masculina e talento, respetivamente).

Para afirmar superioridade daquilo que está ligado às pessoas, estamos adentrando, de acordo com Abreu (2009) no lugar de pessoa. O protagonismo desse lugar se situa no fato de se atribuir sempre mais valor às pessoas do que às coisas. Perelman e Tyteca (2005), relacionando alguns lugares da argumentação, destacam que o lugar de pessoa pode estar fundamentado no da essência, da autonomia, da estabilidade, mas pode também se fundamentar na unidade e originalidade daquilo que se relaciona com a personalidade humana.

O lugar do existente aponta a superioridade do que existe, do que é real, atual sobre o possível, o eventual, o impossível. A utilização desse lugar, segundo Perelman e Tyteca (2005) pressupõe um acordo sobre a forma do real ao qual são aplicados. Abreu (2009) discute o protagonismo desse lugar, ressaltando o elemento que já existe, hierarquizado de forma superior diante do que ainda não existe.

Perelman e Tyteca (2005) abrem parênteses para observar que o uso de determinados lugares ou argumentações não caracteriza necessariamente um

determinado meio cultural, mas pode resultar, entretanto, como geralmente acontece, da situação argumentativa particular em que está inserido. Os autores apontam que quando se trata de lugares, menos ainda do que quando se trata de valores, quem participa de um processo argumentativo, procura eliminar completamente, em proveito de outros, certos elementos, buscando preferencialmente subordiná-los, reduzindo-os ao que considera fundamental para seus propósitos argumentativos.

Resumindo tudo isso, concluímos, a princípio, que: (i) no que se refere ao conceito de hierarquia de valores: os valores de uma pessoa não tem o mesmo valor para todo o auditório nem para si mesma; (ii) o que caracteriza um auditório não é propriamente os seus valores, mas a maneira como ele os hierarquiza, como coloca cada valor em escalas diferenciadas; (iii) aspectos como a ideologia, a história e a cultura de uma pessoa, serão determinantes para a hierarquia de valores dessa pessoa; (iiii) quando determinada situação argumentativa envolve um valor contrário ao do auditório, o enunciador deve analisar esse valor e submetê-lo a outros que pertencem ao auditório, para, assim, conseguir a adesão desse auditório à sua tese. Isso se chama re-hierarquização. (adequar os valores aos valores do auditório); (iiiii) para descobrir como nosso auditório hierarquiza seus valores, o orador/enunciador deve atentar para a intensidade de adesão dada a tais valores; (iiiii) para re-hierarquizar os valores, o orador/enunciador recorre aos lugares da argumentação (depósitos de argumentos onde o orador irá busca-los quando houver necessidade).

2.5 AS TÉCNICAS ARGUMENTATIVAS

A argumentação se constrói efetivamente fundamentada num conjunto de aspectos que culminam num propósito comum: a adesão a uma determinada tese. Perelman e Tyteca (2005) destacam que analisar a estrutura dos argumentos isoladamente, indispensável numa primeira aproximação, nos obriga a separar articulações integrantes de um mesmo discurso e constituintes de um único conjunto argumentativo. Assim, segundo os autores, para discernir um esquema argumentativo, somos obrigados a interpretar as palavras do orador, suprimindo os

elos faltantes, o que, para Perelman e Tyteca (2005), sempre pode apresentar riscos interpretativos. Contudo, levando em consideração a base do entendimento da estrutura argumentativa, tomaremos esses esquemas isolados apenas para fins de estudo.

Tais esquemas, nas palavras de Perelman e Tyteca (2005), também podem ser considerados valiosos aspectos da argumentação, uma vez que apenas o acordo sobre o valor deles pode justificar-lhes a sua aplicação a casos particulares. Esses esquemas, nos dizeres dos autores, se caracterizam por processos de *ligação e dissociação*:

Entendemos por processos de ligação esquemas que aproximam elementos distintos e permitem estabelecer entre estes uma solidariedade que visa, seja estrutura-los, seja valoriza-los positiva ou negativamente um pelo outro. Entendemos por processos de dissociação técnicas de ruptura com o objetivo de dissociar, de separar, de desunir elementos considerados um todo, ou pelo menos um conjunto solidário dentro de um mesmo sistema de pensamento. (PERELMAN E TYTECA, 2005, p. 215)

Conforme Perelman e Tyteca (2005), os processos de ligação, como o próprio nome sugere, aproxima elementos procurando estabelecer uma unidade no intuito maior da defesa de determinada tese. Já a dissociação terá o efeito de modificar esse sistema ao transformar algumas das noções que constituem suas peças mestras. Para estabelecer ligação entre as teses que defendemos em nossos discursos, utilizamos de *técnicas argumentativas*. Nessa perspectiva, ao construir o seu texto, o orador utiliza-se das técnicas argumentativas como uma das principais ferramentas na formulação e defesa de sua tese central. Uma dessas técnicas é a técnica central ou *axial*. Sendo aquela mais utilizada pelo orador, mas não a única, chega a constituir a própria tese, mesmo que inconscientemente. Outras técnicas serão também utilizadas por esse orador. Essas técnicas servem de âncora para a técnica axial e, por assim serem utilizadas, recebem o nome de técnicas de *ancoragem*.

As técnicas argumentativas compreendem dois grupos: um por *associação* e outro por *dissociação*. A partir desses grupos, Perelman e Tyteca (2005) consideram quatro técnicas principais, sendo os três primeiros através de associações de noções e, o último, por dissociações. São elas:

- ✓ Os argumentos quase-lógicos;
- ✓ Os argumentos baseados na estrutura do real;
- ✓ Os argumentos que fundamentam a estrutura do real;
- ✓ A dissociação das noções.

Mostramos a seguir, mesmo que resumidamente, os princípios e subdivisões de cada técnica ora mencionadas.

2.5.1 Os argumentos quase-lógicos

Souza (2003) aponta que os argumentos quase-lógicos são amparados por princípios lógicos. Obedecendo a regras lógicas, esses argumentos discutem contradições, incompatibilidades, regras de justiça, entre outros. Destaca ainda que se apresentam como comparáveis a raciocínios formais, lógicos ou matemáticos. Para Perelman e Tyteca (2005), enquanto esquemas de ligação, os argumentos quase-lógicos são melhor compreendidos se aproximados do pensamento formal. Já os argumentos baseados na estrutura do real são apresentados conforme à própria estrutura das coisas. Enquanto isso, os argumentos que objetivam fundar a estrutura do real se voltam para o caso particular, reestruturando certos elementos do pensamento em conformidade com esquemas aceitos em outros campos do real. Abreu (2009) aponta que a argumentação quase-lógica acontece quando a pessoa que argumenta procura mostrar compatibilidade da tese de adesão inicial com a sua tese central. A argumentação quase-lógica, de acordo com Perelman e Tyteca (2005), ocorre através de argumentos: (i) de contradição, de incompatibilidade; (ii) por definição e identidade; (iii) a regra de justiça; (iiii) de transitividade; (iiiii) de comparação.

A *contradição* e a *incompatibilidade* consistem, para o orador, em mostrar que a tese de adesão inicial é compatível ou incompatível com a tese principal. Estes argumentos, por sua vez se subdividem em argumentos de *incompatibilidade*, *autofagia* e do *ridículo*. Nas palavras de Reboul (2004), a incompatibilidade funda-se especialmente, na retorsão. A respeito disso, compreendemos nos dizeres do autor que “a incompatibilidade está vinculada à retorsão, que consiste em retomar o argumento do adversário mostrando que na verdade este é aplicável contra ele

mesmo”. (REBOUL 2004, p. 169). A *autofagia*, segundo Reboul (2004), objetiva mostrar que o enunciado do adversário se desfaz por si mesmo. De acordo com Costa (2010), o orador entra numa batalha com o discurso do outro provando a ineficácia e a fragilidade da argumentação desse outro, em prol de sua tese.

O argumento por *ridículo* se apresenta ao enunciador como sendo ridículo. Parafraseando Perelman e Tyteca (2005), Souza (2003) acrescenta ainda que é na incompatibilidade, portanto, que está a essência do ridículo e, como soluções para os argumentos de incompatibilidade, temos as dissociações de noções, vistas mais a diante. Costa (2010) destaca que esse argumento consiste em criar uma situação irônica adotando, de forma provisória, um argumento do outro, extraindo-lhe todas as conclusões possíveis, por mais absurdas que possam ser. Demonstrando obrigatoriamente uma incompatibilidade, promove-se então o riso, o ridículo.

A argumentação por *definição e identidade* consiste em definir um termo dando-lhe uma identificação, ou seja, substituindo um termo por outro, de maneira que, ao menos aparentemente, não ocorra prejuízo de sentidos. Perelman e Tyteca (2005) ressaltam que a identificação de um termo em relação a outro, por mais próximo ou verossímil que seja, jamais revela uma identidade pura, uma vez que sempre será uma preferência ou um posicionamento do orador.

Os autores ressaltam que o próprio ato de definir um termo, dando-lhe uma identificação, é um processo argumentativo quase-lógico, tendo em vista que a identificação de um termo em relação a outro, por mais verossímil que pareça, jamais revela uma identidade pura, sendo sempre uma escolha do orador. Acrescenta ainda que se o ato de definir implica sempre numa escolha por parte do orador, essa escolha, ao ser feita, revela um direcionamento, fazendo parte de seu processo de argumentação. Essa definição, portanto, já traz implícita uma subjetividade, um posicionamento do orador. Reboul (2004, p. 1173) aponta que, “na realidade, toda definição é um argumento, pois impõe determinado sentido, geralmente em detrimento de outros.” O autor, entretanto, alerta que a definição poderá se tornar perigosa e abusiva quando, sendo apenas normativa, pretende-se descritiva, sendo condensada ou oratória, pretende-se completa.

Perelman e Tyteca (2005) distinguem quatro espécies de definições que conduzem a identificação do que é definido com o que o define: as normativas, as descritivas, as de condensação e as definições complexas. Sobre elas, os autores explicitam que:

- 1) as definições normativas, que indicam a forma em que se quer que uma palavra seja utilizada. Tal norma pode resultar de um compromisso individual, de uma ordem destinada a outros, de uma regra que se crê que deveria ser seguida por todos;
- 2) as definições descritivas, que indicam qual o sentido conferido a uma palavra em certo meio em certo momento;
- 3) as definições de condensação, que indicam elementos essenciais da definição descritiva;
- 4) as definições complexas, que combinam, de forma variável, elementos das três precedentes. (PERELMAN E TYTECA, 2005, p. 239)

Para Perelman e Tyteca (2005), essas definições seriam, entre definições e hipóteses empíricas referentes a sinonímia do *definiendum* e do *definiens* (definindo e definição). Ainda dentro dos argumentos por definição encontramos a argumentação pautada na *tautologia*. Esse argumento caracteriza-se pela aparente repetição liberal de um termo, mesmo que isto seja apenas uma formalidade, já que pressupõe uma diferença semântica entre esses termos. Dessa forma, quando afirmamos que “uma ordem é uma ordem”, atribuímos valores semânticos diferentes a cada um dos termos, mesmo eles sendo, aparentemente os mesmos. Costa (2010) destaca que os argumentos por tautologia só adquirem significado quando são aplicados em uma situação concreta, na qual o sentido passa a ser específico.

Os argumentos baseados na *regra de justiça* partem do princípio de que os seres da mesma categoria são todos iguais. Assim, partindo desse fundamento, tais seres requerem tratamento idêntico. Segundo Perelman e Tyteca (2005), para que esse argumento se efetue, há de se considerar fatores condicionais. Para eles “para que a regra de justiça constitua o fundamento de uma demonstração rigorosa, os objetivos para os quais ela se aplica deveriam ser idênticos, ou seja, completamente combináveis.” (PERELMAN E TYTECA, 2005, p. 248). Contudo, os autores destacam que isso nunca acontece, uma vez que esses objetivos sempre diferem em algum aspecto, e o grande problema, o que suscita a maioria das controvérsias, é decidir a relevância dessas diferenças constatadas.

Dentro dos limites da argumentação baseada na regra de justiça, estão os argumentos por reciprocidade que, segundo Perelman e Tyteca (2005), visam aplicar o mesmo tratamento a duas situações correspondentes. Os autores ressaltam, entretanto, que a identificação das situações, condição necessária para que seja aplicável a regra da justiça, torna-se, aqui, indireta, uma vez que requer a noção de simetria. Nesse contexto, os autores apresentam a noção uma relação

assimétrica, afirmando que em lógica formal, uma relação é considerada assimétrica quando a mesma relação pode ser afirmada tanto entre b e a como entre a e b , considerando, dessa forma, que a ordem do antecedente e do consequente possa ser invertida.

O argumento de *transitividade* ocorre a partir de um processo em que uma ideia transita, passando de um termo a outro(s), de uma situação a outra(s). Perelman e Tyteca (2005) afirmam que a transitividade é uma propriedade formal de certas relações, mas acrescentam que quando ela puder ser contestada ou exigir adaptações em sua aplicação, se tornará um argumento quase-lógico, haja vista que a passagem de uma afirmação a outras precisa de um trabalho de elaboração. Os autores apontam que esses argumentos se constituem por que a mesma relação existente entre os termos a b e onde $a = b$, $b = c$, de alguma maneira mantém, uma ligação entre os termos a e c , logo $a = c$. Dessa forma, haverá uma mesma relação entre os termos, permitindo que a mesma ideia transite entre eles. Essa ideia transitará em argumentos que compreendem as relações de igualdade, superioridade, inclusão e ascendência.

Para Perelman e Tyteca (2005), a validade dos argumentos por *inclusão* se dá no momento em que consideramos que “[...]a relação do todo com suas partes é tratada pelo ângulo quantitativo: o todo engloba a parte e, por conseguinte, é mais importante que ela; em geral o valor da parte será considerado proporcional à fração que ela constitui com relação ao todo” (PERELMAN E TYTECA, 2005, p. 262).

O argumento de inclusão fundamenta-se na ideia de totalidade afirmando que o todo vale mais do que uma parte. Em outras palavras o que não cabe a ele, também não é cabível à parte. É um argumento quase-matemático assim também como o argumento de *divisão*. Para este, a divisão do todo em partes surge como forma de orientação argumentativa. De acordo com os dizeres de Costa (2010), o argumento de divisão consiste em mostrar que um todo pode ser provado por parte, pois tem a mesma propriedade. Entretanto, destaca que esse argumento só será rigoroso quando o todo e as partes forem homogêneas. Dessa forma, a máxima “quem pode o mais pode o pouco” só valerá se o poder for de uma mesma natureza: o diretor pode tanto quanto o professor em sua área de conhecimento?

Para Perelman e Tyteca (2005), quando o orador/público chega racionalmente a conclusão de que os dois termos de uma alternativa levam à mesma consequência, instaura-se o dilema, uma vez que, nos dizeres dos autores,

o argumento por divisão está na base do dilema, formando um argumento em que se examinam duas hipóteses para concluir que, seja qual for a escolha, chega-se a uma opinião, a uma conduta de mesmo alcance, e isto por uma das seguintes razões: ou elas conduzem cada qual a um mesmo resultado de igual valor (geralmente dois fatos temidos), ou acarretam, em cada caso, uma incompatibilidade com uma regra à qual se estava vinculado. Neste caso, nas palavras de Costa (2010), a situação se reduzirá a uma alternativa: escolher a parte que constitui o mal menor.

Uma das grandes ferramentas da argumentação é a *comparação*. Nos dizeres de Perelman e Tyteca (2005), é através desse instrumento que cortejamos vários objetos, avaliando-os em relação ao outro. Os autores afirmam que a disjunção afirmada entre dois termos que não são formalmente contraditórios, indicará, com frequência, que o orador assume, diante disso, que identifica uma das proposições da alternativa com negação da outra. Souza (2003) ressalta que entre os argumentos de comparação, podemos citar os pesos e as medidas, não a partir de uma pesagem efetiva, mas utilizando o argumento da comparação, no efeito persuasivo que ele pode provocar, no efeito de sentido que a situação evoca.

Dessa categoria argumentativa podemos destacar o argumento pelo *sacrifício* e o argumento pelas *probabilidades*. O primeiro estabelece o valor de uma causa pelo sacrifício que são ou serão feitos por ela. O segundo se baseia na ideia de que a probabilidade de que uma melhor escolha será resultante do número de soluções possíveis e disponíveis a esta escolha. O argumento do sacrifício se fundamenta na troca, ou, nas palavras de Perelman e Tyteca (2005, p. 281), no “sacrifício a que se está disposto a sujeitar-se para obter certo resultado”. Com relação ao argumento pelas probabilidades, os autores destacam que, em geral, a aplicação de raciocínios baseados nas probabilidades dão aos problemas um caráter empírico, independentemente do fundamento teórico que se distribui a essas probabilidades. De acordo com os autores, esses raciocínios quase-lógicos poderão modificar a ideia que fazemos de certos domínios.

2.5.2 Os argumentos baseados na estrutura do real

Ao contrário dos argumentos quase-lógicos, que se baseiam na lógica, racionalidade, os argumentos baseados na estrutura do real, se baseiam na experiência, nas relações das coisas do mundo real. Essas relações podem ser por *sucessão*, por *coexistência* e por *relações simbólicas*. Mostraremos sucintamente cada uma delas.

2.5.2.1 As ligações de sucessão

As ligações de sucessão estimulam a argumentação a partir da constatação de um nexo causal capaz de explicar ou justificar as teses que se quer defender. Os argumentos construídos por essas ligações estruturam-se nas relações de causa/efeito, consequência/finalidade.

Dentro das ligações de sucessão, Perelman e Tyteca (2005) apontam o vínculo causal como desempenhador de papel essencial, destacando também seus numerosos e variados efeitos argumentativos. Os autores apontam três tipos de argumentações que ele permite:

- a) as que tendem a relacionar dois acontecimentos sucessivos, dados entre eles, por meio de um vínculo causal;
- b) as que, sendo dado um acontecimento, tendem a descobrir a existência de uma causa que pôde determiná-lo;
- c) as que, sendo dado um acontecimento, tendem a evidenciar o efeito que ele deve resultar. (PERELMAN E TYTECA, 2005, p. 299-300).

Perelman e Tyteca (2005) afirmam que a transferência de valores entre elementos de uma cadeia causal se efetua indo da causa ao efeito, do efeito à causa. No primeiro caso, segundo os autores, da relação chamada de descendente, o vínculo entre termos (especialmente quando se trata de pessoas), é fornecido normalmente, não pela relação causal, mas por uma relação de coexistência.

Assim, os autores chamam de *argumento pragmático* aquele argumento que permite apreciar um ato ou acontecimento conforme suas consequências favoráveis ou desfavoráveis. Perelman e Tyteca (2005) destacam que esse argumento desempenha papel a tal ponto essencial na argumentação, que alguns autores quiseram ver nele o esquema único da lógica dos juízos de valor uma vez que, para apreciar um acontecimento, cumpre-se reportar a seus efeitos.

Costa (2010) destaca que o argumento por finalidade está fundamentado na ideia de que o valor de uma coisa depende da finalidade a que se destina e não do meio que a originou, fazendo com que a ideia de causalidade, embora não possa ser descartada, não seja colocada em primeiro lugar. A finalidade comporta os argumentos de *desperdício*, de *direção* e de *superação*.

O argumento do desperdício fundamenta a finalidade, uma vez que objetiva dizer que após iniciado uma obra é necessário ir até o fim para não perdermos o tempo e o investimento. Perelman e Tyteca (2005) aponta que o argumento do desperdício faz lembrar o do sacrifício inútil, ressaltando que o sacrifício é medida do valor que o determina. Entretanto, se tal valor é mínimo, o sacrifício é, de acordo com os autores, depreciado.

A finalidade é fundamentada também pelo argumento de direção, que defende que uma coisa, mesmo tida como inofensiva, é rejeitada porque servirá de meio para um fim não desejado. Perelman e Tyteca (2005) ressaltam que cada vez que uma meta pode ser apresentada como um ponto de referência, o argumento de direção pode ser utilizado, tendo em vista que esse argumento responderá à pergunta: “Onde se quer chegar?”. Contudo, à frente, os autores explicitam as implicações do argumento de direção:

Portanto, o argumento de direção implica, de um lado, a existência de uma série de etapas direcionadas a um certo objetivo, o mais das vezes temido, e, de outro, a dificuldade, se não a impossibilidade, de deter-se, uma vez que tomamos o caminho que leva a ele. (PERELMAN E TYTECA, 2005, p. 324).

A finalidade comporta ainda o argumento da superação, que parte da insatisfação ligada ao valor, mas pode progredir até alcançar um patamar mais elevado. Segundo Perelman e Tyteca (2005), os argumentos de superação insistem

na possibilidade de ir sempre mais além num certo sentido, num crescimento contínuo de valor. Contudo, destacam que o que vale não será realizar certo objetivo alcançando certa etapa, mas continuar, superar, transcender no sentido indicado por dois ou mais pontos de referência.

2.5.2.2 As ligações de coexistência

Perelman e Tyteca (2005) discutem as ligações de coexistência através da relação ato/pessoa, estabelecendo um vínculo entre realidades diferentes. Costa (2010) destaca ser através dessa interação que construímos a imagem de uma pessoa, atribuindo-lhe um julgamento de valor. Nessa perspectiva, surge o argumento de *autoridade*, que objetiva usar o valor de uma pessoa ou de um grupo de pessoas para conseguir a adesão do auditório à tese principal.

Segundo Perelman e Tyteca (2005), muitos argumentos são influenciados pelo prestígio e o argumento de prestígio mais nitidamente caracterizado é o argumento de autoridade, que utiliza atos ou juízo de uma pessoa ou grupo de pessoas como meio de prova a favor de uma tese. Esse argumento, pois, vislumbra a credibilidade, baseando-se na honra, na moralidade da pessoa.

Nos dizeres de Costa (2010), para restringir o efeito dessa argumentação, se recorre às técnicas de *ruptura* e de *travagem* que tentam restringir o alcance do ato da pessoa, uma vez que, muitas vezes, ao ligarmos o ato à pessoa, o ato é interpretado de acordo com o que pensamos sobre essa pessoa, de maneira preconceituosa. Perelman e Tyteca (2005) apontam que:

As técnicas que rompem, ou que refreiam, a interação entre o ato e a pessoa devem ser postas em ação quando existe uma incompatibilidade entre o que julgamos da pessoa e o que pensamos do ato, e recusamo-nos a operar as modificações que se oporiam, porque queremos manter, quer ao abrigo da influência do ato, quer este ao abrigo da influência da pessoa. (PERELMAN E TYTECA, 2005, p. 353).

Dessa forma, parafraseando as palavras dos autores, a técnica mais eficiente para impedir essa reação, muitas vezes preconceituosa, da pessoa (agente) sobre o ato, é considerar este ato como uma verdade ou a expressão de um fato.

2.5.2.3 As ligações simbólicas

Os símbolos provenientes do auditório serão de fundamental relevância ao orador para que suas asserções sejam, do ponto de vista argumentativo, efetivadas. Perelman e Tyteca (2005) aproximam as ligações simbólicas das ligações de coexistência, evidenciando que o vínculo simbólico é encarado como fazendo parte do real mas ele não se refere a uma estrutura definida desse último, uma vez que frequentemente símbolo e simbolizado não fazem parte daquilo que, de outro ponto de vista seria considerado uma mesma camada da realidade. Os autores destacam ainda que comparar símbolo e simbolizado numa perspectiva analógica seria destruir o que há de impressionante na relação simbólica, visto que, para esta última desempenhe seu principal papel, é necessário que símbolo e simbolizado estejam inseridos numa realidade mítica ou especulativa na qual participem um do outro.

Diante disso, os autores afirmam que existe uma relação de coexistência entre os elementos da relação simbólica, mesmo quando, na verdade, o símbolo está separado do simbolizado por um intervalo temporal. Dessa forma, Perelman e Tyteca (2005) concluem que a relação simbólica acarreta transferências entre símbolo e simbolizado.

Perelman e Tyteca (2005) lembram que na maioria das vezes, o orador, utilizando como premissa ao discurso, em favor dos acordos com o auditório, se baseará numa correlação entre termos da hierarquia discutida e os de uma hierarquia aceita ou, em outras palavras, ao que eles chamam de hierarquia dupla ou dupla hierarquia. Utilizando as palavras de Costa (2010), assimilamos o conceito de dupla hierarquia quando a simbologia adquire um valor superior a outro e os argumentos são construídos através dessa dupla escala de valores entre termos.

Segundo Perelman e Tyteca (2005), o argumento de hierarquia dupla permite determinar uma hierarquia contestada numa hierarquia admitida, sendo, por isso, muito valioso no momento de qualificar regras de conduta pois, se certas leis são

preferíveis do que outras, então serão a elas que deveremos obedecer. Os argumentos de duplas hierarquias podem também surgir a partir das diferenças de grau e de ordem, sendo que, as primeiras estão ligados a ideias quantitativas e as últimas a questões qualitativas.

2.5.3 Os argumentos que fundam a estrutura do real

Os argumentos que fundam a estrutura do real também estão diretamente ligados ao empirismo. Entretanto, se diferenciam dos argumentos baseados na estrutura do real por não basear-se nela e, sim, cria-la ou completá-la. As ligações que fundam a estrutura do real subdividem-se em dois tipos: o fundamento pelo caso particular e o raciocínio por analogia. Perelman e Tyteca (2005) analisam as ligações que fundamentam pelo recurso ao caso particular, desempenhando papéis variados como pelo *exemplo*, pela *ilustração*, pelo *modelo* e pelo *antimodelo*.

2.5.3.1 O argumento pelo exemplo, por ilustração, por modelo e antimodelo

Amparada nas discussões de Perelman e Tyteca (2005), Costa (2010) aponta que o argumento pelo exemplo mostra algo (um acontecimento, um caso) para se chegar a uma proposição maior, a uma conclusão, objetivando a adesão do auditório. Para que essa argumentação se efetive, é necessário que esse exemplo seja concreto e, portanto, incontestável. Perelman e Tyteca (2005) salientam que a argumentação pelo exemplo supõe um acordo prévio com o auditório sobre a própria possibilidade de uma generalização a partir de casos particulares. Mais a frente os autores afirmam que, em muitas situações, o orador poderá manifestar claramente sua intenção de apresentar os fatos como exemplos, mas isso não obrigatoriamente acontece, uma vez que, esses fatos serão, muitas vezes, simplesmente uma contribuição para a sua proposição.

Perelman e Tyteca (2005) apontam ainda que a interação com os exemplos permitem que a menção de um novo exemplo modifique o significado dos exemplos

já mencionados e conhecidos, permitindo especificar o ponto de vista sobre o qual os fatos anteriores deveriam ser considerados.

Nos dizeres de Costa (2010), seguindo uma linha contrária do exemplo, a argumentação pela ilustração poderá se basear em algo fictício já que a função não é provar a regra, mas mexer com a imaginação, para invocar a adesão. Perelman e Tyteca (2005) diferenciam esses dois tipos de argumentação partindo do princípio que:

Enquanto o exemplo era incumbido de fundamentar a regra, a ilustração tem a função de reforçar a adesão a uma regra conhecida e aceita, fornecendo casos particulares que esclarecem o enunciado geral, mostram o interesse deste através da variedade das aplicações possíveis, aumentam-lhe a presença na consciência. (PERELMAN E TYTECA, 2005, p. 407).

O argumento pelo modelo ocorre a partir da imitação de ações de determinadas pessoas, numa escala decrescente do extraordinário à pessoa comum. Perelman e Tyteca (2005) destacam que, quando se trata de conduta, um comportamento particular pode servir não somente para fundamentar ou ilustrar uma regra geral, mas também para estimular uma ação nele inspirada. Dessa forma, segundo os autores, a condição para que alguém seja aceito e seguido como modelo é o prestígio que essa pessoa exerce sobre o orador, valorizando seus atos, já que “não se imita qualquer um; para servir de modelo, é preciso um mínimo de prestígio” ((PERELMAN E TYTECA, 2005, p. 414). Segundo os autores, o indivíduo modelo deve vigiar sua conduta, já que o menor dos deslizes de sua parte justificará muitos outros com elevada frequência.

O argumento pelo antimitelo funciona de maneira inversa, indicando algo que deve ser evitado. Se alguém é citado é para que se extraia justamente o contrário do que essa pessoa seja ou tenha feito. Perelman e Tyteca (2005) afirmam que o argumento pelo modelo ou pelo antimitelo pode ser aplicado espontaneamente ao próprio discurso, uma vez que o orador, ao afirmar sua crença em certas coisas não utiliza como apoio somente sua autoridade. De acordo com os autores, o comportamento do orador para com estas crenças, se ele possui prestígio, servirá de modelo, incentivando o auditório a se comportar como ele (o

orador); e, ocorrendo o contrário, este auditório poderá também afastar-se desse orador.

2.5.4 A Analogia e a metáfora

Souza (2003) destaca que o argumento por analogia busca esclarecer o que se quer provar pelo concreto, pelo sensível, encaminhando-se para uma busca pela verdade, pela prova dos fatos, a partir de uma semelhança de relações. Perelman e Tyteca (2005) ressaltam que um dos efeitos da analogia é contribuir para determinar um ou os dois termos do tema. Costa (2010) observa que para argumentarmos por analogia devemos utilizar como tese de adesão inicial um fato que tenha uma semelhança de relações com a tese principal, salientando que a analogia não é simplesmente uma comparação, tendo em vista que essa última lida com realidades concretas, enquanto que a primeira, trabalha com realidades diferentes, uma concreta outra abstrata.

Uma importante forma de argumentar por analogia é pela utilização de *metáfora*. Perelman e Tyteca (2005) apontam a metáfora como importante elemento interventivo para a efetivação da analogia e destaca que toda analogia, menos aquelas que se apresentam em formas rígidas como a alegoria, a parábola, torna-se espontaneamente uma metáfora. Nos dizeres de Souza (2003), é, portanto, nessas circunstâncias, e através de uma transferência parcial de sentido e de uma analogia, que a metáfora funciona como um argumento que fundamenta a estrutura do real.

2.5.5 Os argumentos por dissociação de noções

As técnicas argumentativas até aqui apresentadas, visavam a associação de noções ou de aspectos aparentemente independentes. Inversamente a isso, os *argumentos por dissociações de noções* objetiva dissociar ou romper noções em pares hierarquizados, alegando que a todo discurso pode ser contraposto outro,

intencionando remover incompatibilidades. Perelman e Tyteca (2005) observam que a dissociação das noções, ao reestruturar a nossa concepção do real, impede o reaparecimento da mesma incompatibilidade, salvaguardando mesmo que parcialmente, os elementos incompatíveis.

De acordo com os autores, o mais importante argumento dessa natureza é o centrado no par aparência/realidade. Segundo eles, não resta dúvidas de que a necessidade de se diferenciar a aparência da realidade surgiu de certas dificuldades de determinadas incompatibilidades entre aparências, não podendo mais, estas últimas, serem consideradas expressões da realidade. Dessa forma, os autores consideram a hipótese de que, se todos os aspectos do real fossem compatíveis entre si, um bastão, por exemplo, seria curvo na realidade, tal qual aparentemente o percebemos quando mergulhado parcialmente na água.

Nessa perspectiva, Perelman e Tyteca (2005) apontam que essa primeira constatação ressalta imediatamente o caráter equivocado, o significado e o valor indeciso da aparência. Nas palavras de Costa (2010), a dissociação entre essas noções faz com que onde exista apenas uma realidade, sejam vistas duas: a aparente e a verdadeira, isso porque nem sempre a realidade aparente constitui a verdade.

Perelman e Tyteca (2005) designam, para efeitos de entendimento e comodidade de análise, o termo I correspondente ao ser aparente, imediato, e termo II, correspondente ao ser real, critério de valor e de verdade do termo I. Outros pares são, assim como o par aparência/realidade, constituídos por analogia. Os mais comuns, são: meio/fim, consequência/princípio, ato/pessoa, ocasião/causa, subjetivo/objetivo, múltiplo/uno, individual/universal, particular/geral, teoria/prática, linguagem/pensamento, entre outros. Souza (2003) ressalta a necessidade de uma discussão sobre esses pares hierarquizados, tendo em vista, inclusive, como descreve essa técnica, a todo argumento pode ser contraposto um outro.

Em acordo com Costa (2010), é válido salientar que todas as técnicas argumentativas aqui apontadas visam ancorar a maneira como argumentamos. Sobretudo, não consideraremos ineficácia de uma técnica ou outra, de um argumento ou outro, uma vez que consideramos eficiente toda e qualquer asserção que seja conscientemente utilizada em defesa de uma tese.

CAPÍTULO III: DA INTERVENÇÃO À CONSTITUIÇÃO DO CORPUS: ASPECTOS TEÓRICO- METODOLÓGICOS DA PESQUISA

*Se é um fato ou lenda
Isso não sei afirmar
Se a certeza tivesse
A todos iria contar
Mas uma coisa garanto
O mistério é de encantar.*

Laura Beatriz Silva Soares
Gustavo Emanuel Silva Queiroz

Um dos propósitos de uma pesquisa é materializar toda uma trajetória para a qual houve um grande investimento mental, físico e muitas vezes, financeiro. Xavier (2010) destaca que aprender as técnicas de produção de textos científicos e os modos de apropriação das tecnologias, podem tornar a linguagem acadêmica mais inteligível. Dessa maneira, Motta-Roth (2010) atenta para a importância de alguns fatores que podem ajudar a delinear o formato e o conteúdo de nosso texto na fase de preparação, mais tarde no decorrer do processo da escrita e ainda mais adiante no processo de revisão e edição desse texto. Assim, de acordo com Motta-Roth (2010), uma estrutura textual clara facilita a leitura de informações, já que, dessa forma, o leitor poderá anteciper padrões de organização textual comumente encontrados em textos do mesmo gênero. Para Marconi e Lakatos (2014), a pesquisa científica se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou ainda se descobrir verdades, mesmo que parciais. Significando muito mais que procurar a verdade, a pesquisa científica deve, de acordo com as autoras, encontrar respostas para questões propostas, através, obviamente, de métodos científicos.

Boaventura (2014) aponta ser essencial fornecer uma ideia clara e delimitada do tema de pesquisa e enfatiza que o problema é o núcleo do tema. Como bem destaca o autor, todo processo de investigação de uma pesquisa se caracteriza pela procura de resposta ao problema ao qual a pesquisa se propõe a analisar. Assim, tendo em vista já termos especificado nossa temática e problema de pesquisa em nosso capítulo inicial, tratamos neste capítulo de esclarecer justificadamente cada passo por nós tomado.

Nessa perspectiva demonstramos o passo a passo de nossa pesquisa num primeiro momento, situando-a. Logo após, damos continuidade ao nosso capítulo metodológico expondo nosso universo de estudo. Para melhor compreender a importância do trabalho com o texto a partir do gênero, no nosso caso, lembrando essa importância como justificativa para a escolha de nosso *corpus*, especificamente o gênero lenda, discutimos brevemente esse assunto no tópico *constituição do corpus*. Em seguida, detalhamos nosso trabalho de pesquisa através dos métodos de procedimento e procedimentos para a análise dos dados. Para concluir, fazemos uma breve recapitulação da problemática envolvida em nosso trabalho para finalizar o capítulo expondo onde e como incide nossa intervenção.

3.1 CARACTERIZANDO A PESQUISA

Nossa pesquisa desenha-se nos moldes interpretativos. Em consonância com Severino (2007) compreendemos interpretar como uma posição própria a respeito das ideias enunciadas, superando a ideia explícita do texto. Dessa maneira, nos debruçaremos além do texto para tentar captar os discursos, as teses envoltas nas contações dos alunos. Para Severino (2007), um dos focos da interpretação é verificar como as ideias expostas na unidade do texto se relacionam com as posições do pensamento teórico do autor, tal como é conhecido por outras fontes. Assim sendo, nosso olhar está voltado para as variadas teses, explícitas e implícitas, reveladas nos textos dos alunos e que culminam para revelar os demais processos argumentativos, constituindo assim, o elemento primordial de nossa pesquisa.

De acordo com Marconi e Lakatos (2014), toda pesquisa implica levantamento de dados de variadas fontes, independente dos métodos e técnicas utilizadas. Assim, as autoras ressaltam os processos de obtenção de dados de uma pesquisa: a documentação *direta* e a *indireta*. Considerando que os dados de nossa pesquisa foram coletados através da colaboração de outras pessoas e/ou fontes de dados, nossa pesquisa ancora-se na documentação indireta.

Os dados pretendidos para nosso trabalho são analisados a partir do levantamento e recorte de trechos de narrativas inerentes a cultura oral micaelense, que justifiquem e comprovem os objetivos pretendidos pela pesquisa. Para tanto,

buscaremos referência e/ou auxílio em posicionamentos teóricos já formulados nessa área, intencionando, com isso, contribuir de alguma maneira com estudos já realizados nesse âmbito de análise bem como com possíveis estudos posteriores a este.

A opção por trabalhar com uma lenda local justifica-se pela ausência e desvalorização desses textos nas aulas de leitura e produção textual das escolas locais, sendo que os mesmos são dotados de conteúdo temático muito mais atrativo e, conseqüentemente, muito mais favorecedor a uma situação interventiva por parte do aluno, principalmente no que se refere ao conjunto discursivo/argumentativo presente na fala dos indivíduos protagonistas dessas narrativas.

3.2 UNIVERSO DE ESTUDO

Uma das tarefas fundamentais para o efetivo estudo de determinado problema de pesquisa é o conhecimento do ambiente onde essa pesquisa incidirá. Dessa forma, nossa pesquisa apresenta como universo de estudo, alunos do 6º e 7º ano da Escola Municipal Elisiário Dias (EMED), nos anos de 2014 e 2015, nos quais se podem verificar contextos de aprendizagem e nível socioeconômico diferentes. Nossa opção em trabalhar com anos escolares e anos letivos diferentes se justifica ao considerarmos o efeito comparativo de nossas hipóteses de pesquisa, ou seja, pretendemos comparar se nossos propósitos se aplicam a níveis e épocas diferentes. As turmas com as quais trabalhamos apresentam alunos provenientes de zona rural e outros (a maioria) de zona urbana. Uma mesclagem significativa de alunos, desde o âmbito socioeconômico ao nível de aprendizagem. Entretanto, com problemas em comum no âmbito da leitura e produção textual, mesmo que, em maior ou menor grau: fruição, compreensão, envolvimento e principalmente posicionamento crítico diante do que leem.

Considerando importante determos de algumas informações básicas a respeito do lugar que fornece nosso *corpus* de análise, elencamos alguns dados, disponíveis no site da Prefeitura Municipal de São Miguel, a saber.

São Miguel é um município brasileiro localizado no interior do estado do Rio Grande do Norte. Localiza-se na região do Alto Oeste, na mesorregião do Oeste

Potiguar e microrregião da Serra de São Miguel, a uma distância de 441 quilômetros de a oeste da capital do estado, Natal. Ocupa uma área de 171,691 km². sua população no censo de 2010 era de 22 157 habitantes, de acordo com Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, (IBGE), sendo então o vigésimo quinto mais populoso do estado e primeiro de sua microrregião.

A predominância do espaço rural, assim como em outros municípios mais próximos, como Pau dos Ferros, foi e está sendo substituída pela zona urbana, para atender às exigências da expansão urbana, dada pelo aumento das atividades produtivas na cidade (indústria, comércio e serviços) e pelo aumento da demanda habitacional, gerado pela concentração populacional. O limite entre o campo e a cidade está deixando de ser visível e a população do campo vem decrescendo a cada ano.⁴

3.2.1 A escola ambiente da pesquisa

A Escola Municipal Elisiário Dias está localizada na Rua Deputado Hesíquio Fernandes, SN, cidade de São Miguel/RN. Com uma média de 1.170 alunos distribuídos em dois turnos: matutino - 754 alunos - e vespertino – 416, a referida escola foi criada através do Decreto nº 188/73 de 23 de abril de 1973 do Governo do Município que, na época era dirigido pelo então prefeito Dr. José Torquato de Figueiredo. Obteve autorização para seu funcionamento através da Portaria nº 348/76 de 16 de dezembro de 1976 da Secretaria de Estado, Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Norte, em consonância com o Parecer nº 29/76 do Conselho Estadual de Educação/RN.

A maior concentração de estudantes na EMED se encontra no turno matutino, devido à escola ter recebido o ensino fundamental de 1º ao 5º ano. No turno vespertino, a clientela estudantil abrange, em sua grande maioria, alunos da zona rural.. As salas de aulas contêm em média 25 alunos, principalmente de 6º a 9º anos. A faixa etária dos alunos em geral varia muito, porém a secretaria da escola tem a preocupação de agrupar por faixa etária a formação de cada sala de aula. A

⁴Disponível em <http://www.saomiguel.rn.gov.br/saomiguel/historia>

clientela da Escola Municipal Elisiário Dias não difere das de outras escolas públicas do município de São Miguel, podendo se dizer que se trata de um público um tanto carente de acompanhamento, proveniente também de situações econômicas delicadas pela falta de emprego ou atividade econômica.

3.2.1.1 As turmas

As turmas em que nossa pesquisa incidiu são constituídas por uma mesclagem socioeconômica e cultural significativa. No ano de 2014, trabalhamos com as turmas de 6º ano 02, 03 e 04. A turma de 6º ano 02 apresentava predominância de alunos provenientes da zona urbana. As turmas dos 6º anos 03 e 04 apresentavam uma mistura relativamente igual de alunos tanto da zona rural, quanto da zona urbana. Quanto ao nível socioeconômico, encontramos também uma mistura significativa, que vai desde alunos cujos pais são também profissionais da educação básica, funcionários públicos e agricultores beneficiados pelo Programa Bolsa Família, do governo federal.

Nas turmas de 6º ano, trabalhadas no ano de 2014, contamos com um total de 90 alunos distribuídos em três turmas. Pudemos verificar contextos de produção textual totalmente adversos. No ano de 2015, trabalhamos com uma turma de 7º ano, com nível socioeconômico relativamente superior. Nessa turma, encontramos na maioria dos alunos, filhos de pais com estabilidade financeira e condições propícias ao bom desenvolvimento cognitivo dos filhos. Contudo, a falta de atratividade no universo temático dos textos aparece também como empecilho, mesmo em um ano escolar diferente, com nível escolar e socioeconômico diferente. Isso ancora cada vez mais nossa tese de que ao trabalharmos textos que se aproximam da realidade do aluno, seu envolvimento acontece de maneira mais significativa.

Dessa maneira, apesar de trabalharmos com uma mesclagem significativa de alunos, nos deparamos com problemas em comum no âmbito da produção textual: posicionamento crítico diante do que leem e escrevem, impulsionado pela falta de motivação diante das temáticas que lhes são propostas. Essa comprovação além de nos servir como reforço para ancorar nossa tese, também justifica nossa opção em

trabalhar a mesma problemática em anos escolares diferentes, uma vez que partimos do princípio que esta problemática incide em ambas realidades.

3.3 CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

Nosso *corpus* é constituindo basicamente pela transcrição⁵ de um contador de lendas locais e 15 (quinze) textos produzidos por alunos de 6º e 7º anos do ensino fundamental, nos anos de 2014 e 2015, com base nesse gênero. Nessa perspectiva, consideramos importante destinar um espaço dedicado a justificar, pautados teoricamente, a nossa escolha em trabalhar na perspectiva também do gênero. Bauer e Aarts (2002) enfatizam que todo pesquisador necessita de uma boa justificativa para a seleção de seus relatórios, base de sua investigação. Em outras palavras, se faz necessário justificar criteriosamente a escolha de um *corpus* de pesquisa. Dessa forma, abrimos espaço nesse tópico para elencar uma breve discussão a respeito do trabalho com o texto a partir dos gêneros textuais, percebendo sua importância nesse âmbito. Dando continuidade, afunilamos a discussão mais adiante, ressaltando a relevância do gênero lenda, elemento constituidor de nosso *corpus*, para o contexto de ensino de produção textual.

3.3.1 Trabalhando com gêneros textuais

Ao produzir um enunciado, o falante estabelece um diálogo com outras práticas discursivas. Dessa forma, ao tomar conhecimento de seu auditório e em situações concretas de uso da linguagem, o locutor constrói seu diálogo já o considerando uma possível resposta aos possíveis questionamentos de seu auditório. Assim, interagindo com o auditório, o orador, em consonância com os estudos bakhtinianos, dialoga também com os discursos que circulam socialmente,

⁵ Transcrição feita a partir do texto **Normas para transcrição de entrevistas gravadas**, de Preti (1999).

que são inscritos em uma determinada prática discursiva, historicamente construída e pertencentes a um certo gênero textual.

A concepção interacionista e dialógica de linguagem é ponto de partida para o entendimento da nova abordagem de um ensino que visa formar cidadãos críticos. O enfoque bakhtiniano que evidencia o caráter dialógico da língua é base para esse ensino, norteador, inclusive, a visão sobre linguagem considerada pelo documento dos PCN. Assim, ao passo em que o caráter dialógico da linguagem invoca várias perspectivas aos textos, atribui a todos envolvidos nas relações com os gêneros, com outros textos, outros discursos, outras realidades, um papel significativo nas relações comunicativas. Daqui percebemos quão valiosas são as contribuições das concepções dialógica e interacionista de linguagem aos moldes do ensino atual.

Segundo Bakhtin (2003), tudo que é dito ou expresso por um falante, por um enunciador, não pertence só a ele, pois nessa enunciação, assim como em todo discurso são percebidas vozes, às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais, quase imperceptíveis, mas que precedem o dito. Em outras palavras, o autor defende que não há discurso novo, uma vez que tudo já foi dito. Dialogia foi o termo mais usado por Bakhtin (2003) para descrever o mundo composto de textos e discursos já existentes, mas onde as vozes se cruzam e interagem constituindo novas representações, e em que os sentidos e as significações reconstroem a realidade. O processo é sempre de construção dialógica, pois segundo a teoria bakhtiniana os textos/discursos dialogam entre si implícita ou explicitamente, antes ou no momento da enunciação.

Nesse caminho, o ensino tem como centro o texto, partindo do princípio de que a interação na comunicação se dá não através da frase, sintagma ou palavra, mas através do texto, da situação de uso. Para Travaglia (2001) a concepção que orienta a prática em sala de aula é a de linguagem como processo de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores. Com foco nessa concepção e nos moldes bakhtinianos, mostraremos ao público que a aprendizagem de gêneros textuais não existe somente para fins de conhecimento linguístico, mas, sim, e principalmente, para se comunicar efetivamente e melhor transmitir uma mensagem, melhor atingir um propósito comunicativo.

Nessa perspectiva, enfocamos o trabalho com gêneros textuais como elemento norteador no se refere ao ensino de língua. A esse respeito poderíamos

levantar várias discussões, porém atendendo ao nosso objetivo principal, nos deteremos a sua definição segundo Marcuschi (2002):

Usaremos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir-se aos textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. (MARCUSCHI , 2002, p. 22 – 23).

Essa visão de gêneros privilegia os aspectos social, histórico, funcional e interativo da língua, considerando, portanto, sua natureza externa. Assim, privilegiar o texto a partir do gênero é considerá-lo em seu contexto de uso, é considerar, nos processos comunicativos nos quais o texto é eixo central, colocando o aluno como parte integrante e essencial nesses processos. Nessa perspectiva, o trabalho com o ensino de texto e, conseqüentemente o ensino de gêneros, amparados nessas proposições, contribui para afastar o aluno do que Barbosa (2007) destaca como passividade social do cidadão devido ao simples desconhecimento de certas convenções linguísticas. Dessa forma, perceber a língua em situação real de uso, pode direcionar a reflexão a respeito dos diversos usos textuais, levando em conta as intenções do emissor a aceitabilidade ou não do receptor, o contexto de situação.

O trabalho com o texto em sala de aula a partir dos gêneros textuais é de fundamental importância principalmente se considerarmos que quando dominamos um gênero, não dominamos uma forma linguística e, sim, uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares. Schneuwly e Dolz (1997/2004) ressaltam que uma vez que os gêneros atravessam a heterogeneidade das práticas de linguagem e fazem emergir toda uma série de *regularidades* no uso, compreender a argumentação como objeto de ensino na escola poderia permitir aos alunos a resolução de conflitos, a tomada de decisões coletivas, o uso da palavra em público, o melhor desempenho na discussão de problemas com os colegas, entre tantas outras vantagens intra e extra sala de aula. Segundo os autores, trabalhar o gênero nessa perspectiva contribui para que o aluno possa corroborar ou refutar um ponto de vista. Esse panorama de trabalho com o gênero, sem dúvida, traz contribuição no plano global da sala de aula, melhorando o desempenho e funcionamento da turma.

Nessa perspectiva, o trabalho com o gênero vai além da esfera de ensino de língua materna, chegando a ser transdisciplinar ao considerarmos que os textos que circulam no meio social são explorados em sua totalidade no âmbito do gênero. Assim, ao passo em que o caráter dialógico da linguagem invoca várias perspectivas aos textos, atribui a todos envolvidos nas relações com os gêneros, com outros textos, outros discursos, outras realidades, um papel significativo nas relações comunicativas, papel este, objetivo maior do professor para com seu aluno.

3.3.1.1 O gênero lenda

O caráter oral e coletivo de produção e de circulação do gênero lenda parece ser um dos mais relevantes aspectos que caracterizam esse gênero, uma vez que a lenda tem uma função particular para a comunidade narrativa em que é criada. Com caráter fictício, as lendas combinam fatos reais e históricos com fatos irreais que são produto da imaginação humana.

Encontramos uma definição para o gênero lenda, no Dicionário de gêneros textuais escrito por Costa (2009):

Lenda: narrativa ou credence acerca de seres maravilhosos ou encantatórios, de origem humana ou não, existente no imaginário popular. Trata-se de história, também chamada legenda, cheia de mistério e fantasia, de origem no conto popular, que nasceu com o objetivo de explicar acontecimentos que teriam causas desconhecidas. Nessa busca do maravilhoso, o ser humano sempre procurou dar sentido à movimentação dos astros, à migração de animais, aos fenômenos naturais, etc. Essa narrativa de caráter maravilhoso pode também se referir a um fato histórico que, centralizado em torno de algum herói popular (revolucionário, santo, guerreiro), se amplifica e se transforma sob o efeito da invocação poética ou da imaginação popular. Desse modo, como o conto popular oral, apresenta algumas características básicas: (i) rica em ações e situações antigas; (ii) permanência no tempo; (iii) de autoria anônima ou desconhecida; (iv) transmissão e divulgação de geração em geração entre pessoas e comunidades; (v) convergência das ações para o tema ou foco da lenda, como a busca, por exemplo, de um mundo feliz, de paz, de justiça, etc.; (vi) sequência lógica no tempo e no espaço narrativo; (vii) destaque de algum personagem por seus poderes sobrenaturais ou atos de heroísmo; (viii) relação direta da história com o momento histórico da região e da comunidade que a cria; (ix) final emblemático, com desenlace maravilhoso ou extraordinário. (COSTA 2009, p. 138)

Nessa perspectiva, a própria definição do gênero o aproxima de aspectos inerentes ao local com o qual se relaciona. Essa aproximação direta traz consigo, mesmo que de maneira fictícia, na maioria dos casos, um pouco da história do lugar de origem. Esse resgate será, portanto, muito importante para a valorização histórica e cultural do lugar no qual a lenda se origina. Machado (1994) destaca que:

A lenda apresenta uma relação direta com o momento histórico do povo que a cria. Nesse sentido, as lendas nos fornecem um caminho simples para os fatos culturais de uma civilização. Com isso passamos a conhecer os mecanismos da variação cultural e, principalmente o modo de pensar de cada povo, num dado momento de seu desenvolvimento histórico. (MACHADO, 1994, p. 97).

Assim, o trabalho com o gênero lenda auxilia no resgate cultural de determinada região, ao passo em que mobilizam aspectos inerentes às características do lugar ao qual está relacionada. Contribuindo com esse ponto de vista, Cascudo (2012) ressalta que a lenda dá renome aos lugares consagrados por ela.

Segundo Lopes (2008), é difícil encontrar uma definição precisa para o gênero lenda. Assim, segundo a autora, podemos entender, que suas características mais importantes são: estar presente no imaginário popular e ser considerada essencialmente um gênero oral. A partir disso, em consonância com Lopes (2008), acreditamos que dificilmente uma lenda será contada da mesma maneira em mais de um local e existe, nas histórias, certa limitação geográfica. Para Dion (2008), a lenda tradicional é uma narrativa que revela certa subjetividade, tendo por pano de fundo fatos reais, históricos e de elementos reveladores do fantástico, do sobrenatural e do extraordinário. Para a autora, o discurso lendário, mais do que uma simples narrativa com fins divertidos, explora os valores morais de uma comunidade trazendo à tona tanto um exemplo de indivíduo, como um contraexemplo, um desvio de comportamento. De acordo com a autora, a função primeira da lenda é de advertir e persuadir, uma vez que o acontecimento sócio histórico desencadeador da narrativa é de responsabilidade do grupo que o impregna com seus valores e com seus modelos de comportamento.

Dessa maneira, segundo Dion (2008), cada lenda é o lugar de uma reinterpretarão de fatos, geradora de um discurso de prevenção e de advertência nascido da necessidade de limitar o normal do anormal, a moral do imoral. Nessa perspectiva, a autora defende que a lenda sempre representa a narrativa de alguma transgressão, de uma ação que consiste em desobedecer, em violar o proibido, em ultrapassar os limites do habitual, permitidos e tolerados. Os transgressores, pelo antimodelo que eles representam, colaboram para a norma e a coerência do grupo de pertença.

Nos textos dos alunos, que constituem o *corpus* desta dissertação, o caráter ficcional do gênero lenda, aparece marcado em grande parte dos textos, como podemos perceber no quadro de transcrições abaixo:

ASPECTOS FICCIONAIS DO GÊNERO LENDA PERCEPTÍVEIS EM TRECHOS DOS TEXTOS DOS ALUNOS	
<i>[...]Reza a lenda que no outro dia a pedra amanheceu com as feições da mulher e quando chovia a pedra sangrava.</i>	(Texto 02: N.Q. - 6º ano 02)
<i>[...] Hoje, quando as pessoas passam por essa pedra, veem a moça lá, sentada na pedra e, por isso a pedra ficou conhecida como Pedra da Moça.</i>	(Texto 04: A.M.R.O. – 6º ano 02)
<i>[...] A partir desse dia ficou aparecendo algumas visagens todo dia, na mesma hora em que ela morreu.</i>	(Texto 06: M.S.M.A. – 6º ano 02)
<i>[...] Dizem que no dia seguinte ficou a marca da moça na pedra e toda vez que chove dizem que a pedra sangra. Por isso chamam essa pedra de “Pedra da Moça”.</i>	(Texto 08: M.E.B.G.R – 6º ano 02)
<i>[...] Dizem que quando chove essa pedra começa a sair sangue, vários animais como por exemplo gatos, cachorros, começam a latir quando alguém passa por lá a noite e quem passa nunca mais volta. [...]</i>	(Texto 13: W. P. F.P.. - 7º ANO 01)
<i>[...]E dizem que até hoje quando chove dessa pedra sai sangue.</i>	(Texto 14: J. V. A. – 7º ANO 01)

[...] Os mais velhos contam que ali naquela pedra há coisas estranhas, pois em dias de chuva a pedra mostra o sangue do casal, e a noite aparecia um caixão em cima da pedra e quando as pessoas paravam para ver o que era o caixão desaparecia sem mais nem menos.

(Texto 15: Y.M. – 7º ANO 01)

[...] O que muitos contam é que a moça foi enterrada e em cima do seu túmulo tinha uma pedra cobrindo sua cova e todos que moram ali por perto relatam que nas noites de chuva a pedra aparece como se tivesse sangue saindo sobre ela.

(Texto 16: A.B. – 7º ANO 01)

Quadro 1: Aspectos ficcionais do gênero lenda perceptíveis em trechos dos textos dos alunos

Como acabamos de mostrar nos trechos dos textos dos alunos, o ficcional está sempre ligado a aparições, mal assombros. O fim trágico de um amor não concretizado fez com que, segundo alguns alunos, aparecessem, no local da morte, no caso, na pedra, sinais e aparições sobrenaturais que chegam a assustar algumas pessoas das proximidades do local. Esse traço típico da lenda, contribui para que percebamos a influência positiva que o gênero em questão traz para as produções textuais dos alunos.

Ainda a respeito do aspecto sobrenatural, Cascudo (2012) aponta que as lendas normalmente estão ligadas a uma aparição divina ou intervenção de santos, provocando uma estória respeitosa que o povo guarda na memória e passa a respeitá-la a través dos tempos. O autor acrescenta ainda que a lenda nasce como uma fantástica coordenada geográfica, limitada pelo pavor, podendo constar de aparições, espectros luminosos, fantasmas processionais, mil formas apavorantes. Nessa perspectiva, consideramos que os textos dos alunos cumprem com o papel ao qual se propõe o gênero lenda, definindo-se como um dos fenômenos sociais da comunidade, constituindo-se como elemento integrante nas atividades cotidianas discursivas dessa comunidade.

3.3.2 A memória

Um dos méritos de nossa pesquisa é o valor que atribuímos ao conteúdo temático local. Conteúdo este, responsável por fazer com que o aluno se posicione de maneira mais eficaz em suas produções textuais. Essa constatação inicial se dá, como outrora mencionado em nossa justificativa, por meio da experiência como professora de Língua Portuguesa, no Ensino Fundamental. Assim sendo, acreditamos estar contribuindo significativamente tanto para o desenvolvimento do aluno, no que se refere ao exercício de raciocinar e expor (nossos propósitos dentro do âmbito argumentativo), quanto na valorização da memória dos contadores de histórias locais e, conseqüentemente com a cultura local da cidade de São Miguel, trazendo a tona uma lenda local, que traz junto consigo toda uma representatividade guardada na memória de alguns habitantes mais experientes da cidade.

Nessa perspectiva, reservamos este espaço de nossa dissertação para discutir o quão considerável é, valorizar as memórias locais, no nosso caso, tomado como exemplo, de um contador de lendas, como fator determinante para a própria valorização da cultura do lugar, uma vez que, narrativas como esta, estão, na maioria das vezes, carregadas de conteúdos temáticos ricos em história, cultura e identidade local de um povo. Dessa maneira, trabalhar com uma lenda local, resgatada através da contação de um nativo da região, revela todo um o conjunto de características humanas que não são inatas, e que se criam, se preservam ou aprimoram. E quando isso não acontece e essa cultura fica esquecida, busca-se, como também intencionamos com nossa pesquisa, fazer a busca e registro através da memória individual e coletiva, dos elementos constituintes e caracterizadores dessa cultura, com pessoas da localidade, como no nosso caso.

Grande parte de nossa história fica registrada através de documentações oficiais. Assim, nos apoiamos nesses registros para rememorar fatos e/ou conteúdos significativos do passado. Contudo, concordamos com Bosi (2003) quando a mesma afirma que a história que se apoia unicamente em documentos oficiais não consegue dar conta das emoções - ou, como a autora denomina "paixões individuais" - que estão por trás dos episódios.

De acordo com os conceitos do dicionário Aurélio, através da memória retemos ideias, impressões e conhecimentos adquiridos anteriormente, ou ainda podemos conceber a mesma como uma lembrança, reminiscência, recordação, um relato, narração ou ainda um vestígio, lembrança, sinal. Podemos inferir, a partir

desses conceitos, que a memória funciona como ponte, nos ligando a fatos, recordações passadas, atuando ainda como relato de tais lembranças. Assim, a memória funciona como instrumento potencialmente importante no que diz respeito ao retorno a essas ideias, impressões e experiências adquiridas anteriormente. Podemos inferir, a partir desses conceitos, que a memória funciona como ponte, nos ligando a fatos, recordações passadas, atuando ainda como relato de tais lembranças. Assim, a memória funciona como instrumento potencialmente importante no que diz respeito ao retorno a essas ideias, impressões e experiências adquiridas anteriormente. Chauí (2000) afirma que a memória atua como uma evocação ao passado, uma capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o de uma perda total. De acordo com a autora, a lembrança conserva em nossa mente aquilo que se foi e não retornará mais, e complementa que essa é nossa primeira e mais fundamental experiência com o tempo. A autora afirma que a memória é uma atualização do passado assim como também é um registro do presente para que este permaneça como lembrança.

A autora destaca ainda que a memória era considerada essencial para o aprendizado e, sendo assim, os mestres da retórica criaram métodos de memorização ou “memória artificial”, os quais constituíram a “Arte da Memória”, que se firmou como parte central do ensino e aprendizado da oratória. Segundo Chauí (2000), a memória veio a se tornar posteriormente uma arte usada por outras disciplinas de ensino e aprendizagem.

De acordo com a autora, os romanos julgavam que, além da memória natural, os humanos são capazes de desenvolver uma outra memória capaz de auxiliar e ampliar a memória espontânea. Essa ideia de memória artificial, segundo a autora, existe até hoje, quando nos referimos aos computadores e sua “memória”. A diferença, de acordo com Chauí (2000), entre a memória artificial dos antigos e a atual está no fato de que a primeira era desenvolvida como uma capacidade do sujeito, do conhecimento humano, enquanto que a segunda deposita a memória em máquinas e chega quase a nos dispensar da necessidade de possuímos memória.

Assim, a autora afirma que, em nossa sociedade, a memória é valorizada, mas também é desvalorizada. É valorizada no momento em que se pode perceber a multiplicação de registros e gravações de fatos, acontecimentos e/ou pessoas (computadores, filmes, vídeos, fitas cassetes, livros), assim também como das instituições que preservam tais registros, como bibliotecas, museus ou arquivos. É

desvalorizada quando percebemos que a mesma ainda não é considerada uma atividade essencial para o conhecimento, uma vez que usamos máquinas no lugar de nossa própria memória, e ainda porque a publicidade e a propaganda nos fazem sempre preferir o “novo”, o “moderno”, a “última moda”, visto que a indústria e o comércio sobrevivem exatamente disso, e nós, enquanto consumidores, não conservamos as coisas mais antigas e queremos sempre o mais novo, o mais atual.

A autora destaca ainda nesse sentido que a memória é desvalorizada também com a proliferação de objetos descartáveis, na maneira como cidades inteiras são destruídas para dar lugar a cidades mais “modernas”, destruindo-se com isso a memória, assim também como a própria história dessas cidades. A memória é também desvalorizada, de acordo com Chauí (2000), através do descaso existente pelos idosos, vistos, muitas vezes, como inúteis em nossa sociedade. Segundo a autora, ao contrário de nós, em outras sociedades os idosos são valorizados como portadores de todo o saber de uma coletividade, e são, por isso, respeitados e admirados por todos. Em consonância também com esse ponto de vista está Bosi (2003), quando destaca que a memória dos mais velhos pode ser trabalhada como mediadora entre a nossa geração e os fatos do passado, sendo ela o intermediário informal da cultura (valores, atitudes, conteúdos), uma vez que temos instituições como a escola, igreja, o partido político, que atuam como mediadores formais.

Bosi (2003) atenta para o caráter livre da memória, que, segundo ela, escolhe e guarda acontecimentos no tempo e no espaço, não de maneira arbitrária, mas por se relacionarem através de índices comuns. A autora frisa que ficará a cargo do cientista social detectar esses vínculos de afinidades entre fenômenos distanciados no tempo. Bosi (2003) destaca ainda a funcionalidade da memória em nossa existência, enfatizando o fato de que ela permite a relação do corpo presente com o passado, enquanto que, ao mesmo tempo, interfere no curso atual das representações, das percepções imediatas:

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra “descola” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 2003, p. 36).

Fazendo referência ao filósofo francês Bergson, Bosi (2003) afirma que a memória seria o “lado subjetivo do nosso conhecimento das coisas”⁶, e afirma que o método introspectivo do autor a respeito da memória sugere a conservação de estados psíquicos já vividos, conservação esta responsável por nos permitir escolher entre as alternativas que um novo estímulo pode nos proporcionar. Sendo assim, a memória teria a função prática de limitar a indeterminação do pensamento e da ação e de levar o sujeito a reproduzir maneiras de comportamento que já deram certo no passado, utilizando-se justamente dessa premissa para obter um novo sucesso.

Ainda no que concerne à memória, destacamos o enfoque de Bosi 2003, p. 45), quando fala em narrativa e oralidade: “Insisto nos termos *narrativa* e *oralidade*. Ambas se desenvolveram no tempo, falam no tempo e do tempo, recuperando *na própria* voz o fluxo circular que a memória abre do presente para o passado e deste para o presente”. Nesse momento, a autora faz uma aproximação entre narrativa e oralidade através de um denominador comum entre as mesmas: o tempo. E ressalta ainda, que é através da nossa própria voz que é recuperado o fluxo contínuo e circular que (inter)liga nossa memória entre presente e passado e vice-versa.

Nessa perspectiva, a autora enfatiza ainda que relembrar é reviver, no sentido de que quando o sujeito relembra, ele não apenas rebusca uma ou outra imagem, “Ele evoca, dá voz, faz falar, diz de novo o conteúdo de suas vivências” (BOSI, 2003, p. 44). Finalmente, a autora acrescenta que, no momento em que relembra determinados momentos, o sujeito (re)vive tais momentos atualmente, acrescentando uma intensidade, uma emoção nova a essa sua experiência. Assim, ao trazermos para a sala de aula a *Lenda da Pedra da Moça*, baseada nas contações de pais, avós, e até bisavós, valorizamos a memória dos contadores, promovendo, de acordo com Bosi (2003) o intermédio informal da cultura, no que se refere a valores, atitudes e conteúdos.

6 “Matière et Mémoire”, *Ouvres*, Paris, PUF, 1959.

3.3.2.1 A memória individual e a memória coletiva

Considerando que nosso trabalho envereda inevitavelmente nas discussões em torno da memória e seu papel na constituição cultural de um povo, recorremos a Halbuwachs (2006) e seu posicionamento sobre *memória individual e memória coletiva*. Segundo ele, as lembranças podem se organizar agrupadas tanto em torno de uma única pessoa que as vê de seu ponto de vista - e aí teríamos a memória individual - como se distribuindo dentro de uma sociedade grande ou pequena, da qual são imagens pessoais. Sendo assim, de acordo com o autor, o indivíduo participa desses dois tipos de memória, e, conforme participa de uma e de outra, acaba por adotar duas atitudes muito diferentes, chegando a ser até contrastes.

No que diz respeito à memória coletiva, de acordo com o autor, no primeiro plano da memória de um grupo, se destacam as lembranças de eventos e experiências que dizem respeito à maioria dos seus membros e que resultam de sua própria vida ou de suas relações com os grupos mais próximos, os quais tiveram contato com este grupo com mais frequência.

O autor destaca que essas duas memórias se interpenetram com frequência, segundo ele, a memória individual, para confirmar algumas de suas lembranças, para torná-las mais exatas, ou até mesmo para preencher algumas de suas lacunas, pode se apoiar na memória coletiva, chegando a nela se deslocar e até mesmo com ela se confundir em alguns momentos e nem por isso deixará de manter suas particularidades, assimilando progressivamente toda essa contribuição de fora, incorporando-a a sua substância.

Por outro lado, segundo Halbuwachs (2006), a memória coletiva contém as memórias individuais, mas não se confunde com elas, evolui de acordo com suas leis e, mesmo quando determinadas lembranças individuais a invadem, estas mudam de aparência a partir do momento em que são substituídas em um conjunto que não se restringe mais a uma consciência pessoal.

A memória individual, segundo o autor, não está inteiramente isolada ou fechada, tendo em vista que, para evocar o seu próprio passado, em geral o indivíduo precisa também recorrer às lembranças de outros indivíduos, e com isso, acaba se transportando a pontos de referência que existem fora de si, sendo determinados pela sociedade. Mais do que isso, de acordo com Halbuwachs (2006),

o funcionamento da memória individual não ocorre sem esses instrumentos, que são as palavras e as ideias que o indivíduo não inventou, e sim tomou emprestado de seu ambiente, segundo ele, quando evocamos fatos de nosso passado, somos obrigados a nos remeter inteiramente a memória dos outros que não entra somente para completar ou reforçar a nossa, mas atua como única fonte do que podemos repetir sobre a questão. O autor ainda complementa que trazemos conosco uma bagagem de lembranças históricas que podemos aumentar por meio de conversas ou de leituras, mas ressalta que esta é uma memória que não é estritamente nossa, e sim tomada de empréstimo. Halbuwachs (2006) destaca que a memória coletiva também é assim, contudo difere nos limites que podem ser muito mais estreitos e muito mais distanciados.

Halbuwachs (2006) destaca que nossa memória não se apoia na história aprendida, mas sim na história vivida, e acrescenta que é melhor não se falar em nenhuma memória histórica, pois a história corresponde a um ponto de vista adulto, e as lembranças da infância só são conservadas pela memória coletiva porque no espírito da criança estavam presentes a família e a escola. Assim, concluímos em consonância com o autor que temos guardado em nosso subconsciente todo um conjunto de imagens e fatos que compõem nosso passado, contudo podemos encontrar dificuldades em rememorá-los e é justamente nesse momento que buscamos em nosso ambiente social, os indícios para que possamos encontrar com mais precisão esses aspectos.

Essa discussão contribui significativamente para que resgatemos as memórias de um povo em função da valorização de sua cultura. Não obstante, no espaço escolar, as produções textuais oriundas dessas memórias, são visivelmente permeadas de maior emoção e, conseqüentemente, envolvimento por parte dos sujeitos ligados em maior ou menor grau a essas memórias: os alunos.

3.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Ao refletirmos sobre os métodos de pesquisa por nós adotados nesse estudo, chegamos a conclusão de que partilhamos tanto do método dedutivo quanto do método indutivo, uma vez que, analisamos o problema da falta de

envolvimento/posicionamento do aluno diante dos textos, considerando o problema geral para o particular, e aqui fazemos uso da dedução, mas também utilizamos da convivência e experiência, enquanto professora de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, para observar casos concretos, particulares, para podermos chegar ao problema geral, utilizando, pois, a indução. Nesse sentido, nossa caracterização se ampara no que diz Gil (2014), ao apontar que a indução parte da observação de fatos ou fenômenos cujas causas se deseja conhecer, podendo se chegar a uma conclusão verdadeira.

Considerando, como já exposto, a experiência profissional, enquanto professora de Língua Portuguesa e percebendo a passividade dos alunos diante de textos que se distanciam de sua realidade e de seu mundo imaginário, optamos por trabalhar com o gênero lenda, especificamente uma lenda local. Nossa pesquisa voltar-se-á, a priori, para pesquisa, catalogação, leitura e análise da *Lenda da Pedra da Moça*, envolvendo ações de interpretação, intervenção e de pesquisa: contação dessa narrativa e análise da argumentação em narrativas subjacentes a ela. Nessa perspectiva, o passo a passo de nossa pesquisa se deu com: (i) definição do *corpus*; (ii) levantamento de aspectos presentes no *corpus*, condizentes com a proposta da pesquisa; (iii) análise/interpretação de tais aspectos, visando enfocar os objetivos pretendidos pela pesquisa.

Com o material para análise em mãos, nos deparamos com três possibilidades de procedimentos aplicáveis a análise de nossa pesquisa:

- A totalidade dos textos coletados;
- Uma amostra representativa desses textos;
- Os componentes específicos, (processos argumentativos condizentes com nosso estudo), mesmo que não representativos, da totalidade dos textos coletados.

Optamos então, por trabalhar com uma amostra representativa dos textos, levando em consideração fatores como tempo de execução da pesquisa, compreensão dos objetivos e presença das categorias argumentativas, pretendidas em nossos objetivos. Bauer e Aarts (2002), apontam a existência de dois tipos básicos de amostras: uma probabilística, em que todas as partes de um todo têm a mesma probabilidade de serem selecionadas e uma não probabilística, na qual as amostras são selecionadas de acordo com a conveniência do pesquisador ou os objetivos da investigação. Nessa perspectiva, adotamos a segunda possibilidade de

amostra, levando em consideração que essa opção vai ao encontro com os objetivos pretendidos em nossa pesquisa e, conseqüentemente atende melhor aos critérios de estudo do pesquisador, ao determinarmos a análise dos valores, lugares e técnicas mobilizadas pelos alunos em seus textos. Assim, nossa amostra se constitui de 15 produções escritas pelos alunos mais a transcrição da contação da fonte local, o senhor Quinco Borges, totalizando 16 textos.

3.4.1 A análise dos dados

Considerando pois, a natureza de investigação desta pesquisa, os objetivos pretendidos, o universo de estudo e os procedimentos de constituição de nosso *corpus*, passamos, a partir daqui, a fazer uma descrição, detalhando os principais procedimentos utilizados para análise dos dados coletados.

Para analisarmos os processos argumentativos utilizados pelos alunos em suas produções escritas⁷, atentando especificamente para as teses, valores hierarquizados e principais técnicas, objetivo geral de nossa pesquisa, procedemos metodologicamente, com base em Souza (2003), a partir de cinco questões para que, aplicadas aos quinze textos constituintes de nosso *corpus*, pudéssemos, fundamentados nelas, encontrar em nossa análise, respostas para elas e, ao fim da análise, compararmos os resultados obtidos. Assim, objetivamos responder as questões, a saber: (i) de que fala o texto (a tese principal)? (ii) que valores são percebidos nos textos do contador e dos alunos? (iii) Como esses valores são hierarquizados por eles? (iiii) A que lugares se referem os argumentos mobilizados pelos alunos? (iiiii) Quais os principais argumentos utilizados (as técnicas argumentativas)?

Ao passo em que pudermos encontrar respostas para tais perguntas, estaremos, como objetivado, percebendo a variedade de posicionamentos (diferentes teses), argumentos para defesa de tais posicionamentos (técnicas), valores diferenciados e hierarquizados de modos diversos e assim por diante. Dessa

⁷ Optamos por não padronizar um gênero específico, ao solicitar as produções dos alunos, para que as peculiaridades do gênero por nós determinado, se assim o fosse, não impedisse o aluno de se posicionar livremente quanto à narrativa, assumindo posicionamentos diversos, a depender do enredo admitido em torno da lenda, perpassando do real ao imaginário.

maneira, ao respondermos as questões acima, estaremos construindo uma compreensão mais significativa dos processos argumentativos presentes em nosso *corpus* e, conseqüentemente percebendo/confirmando a nossa premissa a respeito da influência da temática nas atividades cotidianas de leitura/produção/análise de textos.

Nessa perspectiva, para melhor sistematizar e construir nossa análise, elaboramos quadros sínteses demonstrativos que expõem:

- As teses principais defendidas pelos alunos;
- Uma síntese dos valores hierarquizados pelos alunos;
- As principais técnicas argumentativas mobilizadas pelos alunos;
- As relações estabelecidas pelos argumentos principais.

Para uma melhor compreensão e efetivação de nossa análise, trabalhamos com os dados elencados nesses quadros, analisando, a partir das teses principais defendidas pelo contador e pelos alunos, a hierarquização dos valores percebidos, os lugares dos argumentos e as técnicas utilizadas nos textos.

3.5 A INTERVENÇÃO

Um dos propósitos primordiais do Mestrado profissional em Letras – Profletras, é contribuir direta ou indiretamente com o trabalho do professor para promover a melhor aprendizagem dos alunos, trazendo assim, melhorias para o panorama educacional brasileiro.

Dentre outros, alguns dos objetivos principais do Profletras são:

(i) aumentar a qualidade do ensino dos alunos do nível fundamental, aspirando a desejada curva ascendente quanto à proficiência desses alunos no que se refere às habilidades de leitura e de escrita; (ii) diminuir consideravelmente as taxas atuais de evasão dos alunos durante o ensino fundamental; (iii) efetivar o multiletramento exigido no mundo globalizado com a presença da internet; (iiii) desenvolver pedagogias que efetivem a proficiência em letramentos compatível aos nove anos cursados durante o ensino fundamental.

Dessa forma, nossa pesquisa, mesmo em sua maior parte tendo caráter interpretativo, reserva um momento para efetivamente promover uma intervenção

em sala de aula. Assim, nesse tópico descreveremos o passo a passo de como se deu essa intervenção, procurando justificar, quando possível, cada escolha procedimental.

Trouxemos para o trabalho em sala de aula, textos da tradição oral da cidade de São Miguel, especificamente uma lenda da cidade conhecida como a *Lenda da Pedra da Moça*, para despertar o interesse do aluno numa temática que lhe é familiar e, logo após, esperamos que este aluno utilize dos mesmos meios para também intervir diante de outros textos. Com esse objetivo, daremos andamento a nossa pesquisa, fazendo com que o aluno interfira diretamente na construção e reconstrução das interpretações possíveis dentro da narrativa ora selecionada, procedendo esse momento de intervenção, como o descrito a seguir.

Antes de adentrarmos diretamente no trabalho de pesquisa sobre a *Lenda da Pedra da Moça*, determinamos 5h/a para conhecer, discutir e analisar as peculiaridades do gênero lenda, como poderá ser visualizado no plano de aula disposto no anexo “C” dessa dissertação. A partir da discussão em torno do gênero, passamos a verticalizar nosso olhar, de forma mais específica, para uma única lenda, a que constitui o nosso *corpus*.

Para fundamentar o trabalho com os alunos, num primeiro momento buscamos um registro escrito da história que deu origem a lenda, no livro *São Miguel na história dos fatos*, para uma percepção inicial de como a história passou a ser recontada e em que medida passou a ganhar características de lenda.

Após o conhecimento documental, buscamos fazer uma entrevista com uma fonte de pesquisa local sobre a *Lenda da Pedra da Moça* com o senhor Francisco Borges de Oliveira, (vulgo Quinco Borges), registrada através de gravação audiovisual, com a devida permissão do entrevistado. Nessa conversa, o senhor Quinco Borges, como é conhecido, nos relata toda a narrativa da história, fazendo questão de frisar que tudo aconteceu realmente, há muitos anos atrás, no tempo do avô de seu avô, mas que, por se tratar de um ato de bravura do pai da moça, vêm sendo contada e recontada através dos tempos.

Em seguida, partimos efetivamente para o trabalho com os alunos, solicitando-os que fizessem entrevistas com parentes, vizinhos e pessoas da comunidade sobre a referida história fazendo o registro escrito e a contação em sala de aula. Essa etapa de nossa pesquisa compreende a discussão prévia em sala de aula sobre o gênero lenda e suas características, as narrativas locais e seu espaço

no âmbito escolar e na vida cotidiana dos alunos e comunidade em geral. O trabalho com os alunos teve continuidade com o encaminhamento do trabalho de pesquisa, por parte dos alunos, sobre a história da Pedra da Moça (para aqueles que desconhecem o acontecido) e as contações dos alunos em sala, com base nas fontes entrevistadas. Para tanto, reservamos um espaço de tempo de aproximadamente 15h/a.

Em seguida, solicitamos produções escritas dos alunos, (anexo A), para, a partir delas, efetuarmos nosso trabalho de perceber as teses reveladas sobre a *Lenda da Pedra da Moça*, desde a contação da fonte popular e dos alunos, e ainda evidenciar os processos argumentativos percebidos nos textos dos alunos que apontem para um maior envolvimento com a temática e que possam revelar prazer na prática de produção/leitura/interpretação do texto. Essa etapa compreende, pois, a parte mais significativa de nosso trabalho. É válido destacar que trabalhamos com anos escolares diferentes, aplicando o mesmo plano de aula, contudo, considerando os níveis de aprendizagem de cada turma e ano.

CAPÍTULO IV: OS PROCESSOS ARGUMENTATIVOS PRESENTES N'A LENDA DA PEDRA DA MOÇA: DAS MEMÓRIAS DO CONTADOR ÀS PRODUÇÕES DOS ALUNOS

*O recinto ficou conhecido
Por um nome peculiar
É o tal da "Pedra da moça"
Acho que já ouviu falar
Se duvidares que exista
A Pedra permanece lá.*

*Pensas que pedra não chora?!
Pois agora vou falar
A pedra é testemunha
Da barbárie que houve acolá
Quando chove ela jorra
Sangue naquele lugar.
Laura Beatriz Silva Soares
Gustavo Emanuel Silva Queiroz*

Até aqui apresentamos discussões teóricas e metodológicas envolvendo categorias da argumentação no discurso. A partir daqui, daremos andamento a nossa análise, relacionando essas categorias retóricas ao nosso *corpus*, constituído pela transcrição da contação do senhor Francisco Borges de Oliveira, da *Lenda da Pedra da Moça* e pelos textos baseados na lenda, produzidos pelos alunos.

Para Gil (2014), a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas encontradas na pesquisa, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos, derivados de teorias. De acordo com o autor, para interpretar os resultados, o pesquisador necessita ir além da leitura dos dados, visando integrá-los num universo mais amplo, no qual poderão ter algum sentido. Esse universo, de acordo com Gil (2014), é justamente dos fundamentos teóricos da pesquisa e dos conhecimentos já adquiridos em torno do tema pesquisado. Assim, valendo-se dos conhecimentos adquiridos a partir de leituras, estudos e orientações na área da argumentação, daremos andamento a nossa análise e interpretação dos dados pretendidos em nossa pesquisa.

É válido destacar, contudo, que nossa análise não esgota as possibilidades tanto no que se refere aos valores e lugares, quanto no que se refere às técnicas

argumentativas, uma vez que apontamos apenas as categorias argumentativas que, aos nossos olhos, parecerem mais subjacentes que possíveis outras.

Nossa análise está voltada para as memórias de um contador de histórias local juntamente com os textos produzidos em torno de uma lenda micaelense que gira em torno de uma morte trágica ocorrida há muito tempo. Antes de adentrarmos efetivamente a análise de nosso *corpus*, para melhor operacionalizar nossa análise, apresentamos o registro escrito do ocorrido, no livro *São Miguel na história dos fatos*. Destacamos, contudo que, recorreremos ao livro para fins situacionais, deixando o foco de nossa análise para o discurso do contador local e dos textos produzidos pelos alunos acerca da lenda. No livro, Neto (1994) procurou, com base em entrevistas a fontes locais da época, fazer registros de acontecimentos que, de uma forma ou outra, se sobressaíam à normalidade da então, pacata vila de São Miguel. Assim, como o próprio escritor/narrador aponta, entre uma e outra conversa, saiu a história da Pedra da Moça:

PEDRA DA MOÇA – REVELANDO FATOS

Na estrada que sai da Vila de São Miguel, para o sítio Cedro, na altura do sítio Alagoinha, existe um local denominado Pedra da moça. Ali há uma cruz de madeira que deve lembrar alguma tragédia com a vida humana. Procurei pessoas de confiança radicada naquela imediação e comecei a procurar os fatos e o porquê. Então falando com o Sr. Sebastião Fernandes da Silva, conhecido como Sebastião Félix, presente estando o Sr. Pinheiro Braga, Valdivino e mais duas pessoas. Isto no terreiro da residência do Sr. Félix, que apesar de ser presidiário gozava de certa liberdade, dado o seu bom comportamento. Conversa vai, conversa vem, saiu a pedra da moça, o Sr. Sebastião ressaltou e disse que ali deu-se um crime no sítio Alagoinha como todos nós sabemos era na propriedade de um abastado senhor que conhecia grande prole. Aconteceu que uma de suas filhas saiu para casar com um forasteiro, como chamavam. Na hora do rapto da jovem, um dos filhos, do referido senhor saiu na pista e ali chegando foi dado o desfecho, o rapaz foi assassinado e a moça voltou para a casa dos pais.

No outro dia toda a Vila foi informado do acontecimento, que foi narrado pelo seu Sebastião. Ficou a conclusão que o lugar ficou conhecido como Pedra da Moça. Outra vez encontrei-me com o Sr. Plácido um amigo e cheio de esperança pela frente tornei a falar do assunto, esse já foi mais claro, entrou direto no assunto, chegando mesmo a citar os nomes de cada personagem. Como não tenho a autorização das referidas pessoas deixei de relacioná-las em meu comentário. Para que tenhamos um trabalho mais perfeito, deveríamos confrontá-los uma a uma. Nada importa, tudo passou e a vida de São Miguel continua cheia de fatos dignos de registro nas páginas históricas dos ocorridos primeiros anos do século atual, isto é, entre 1909 e 1920. Aguardarei outras pesquisas para confronto dos fatos. (NETO, 1994, p. 183)

Mesmo se tratando de uma narrativa, recordamo-nos do que disse Abreu (2013), ao destacar em uma entrevista concedida à revista *Diálogo das Letras*, que os momentos de uma narrativa (ação do vilão, luta contra ele, vitória ou derrota) formam circuitos neurais em nosso cérebro, com emoções como medo, raiva, ódio e alegria e essas emoções são sempre ativadas em novas narrativas. Dessa forma, essas emoções direcionam a posicionamentos e, conseqüentemente, mesmo que em algumas vezes de forma muito sutil, formulam teses.

A cada nova “versão” da narrativa, são adicionados, excluídos ou modificados elementos do enredo, construídas interpretações e crenças em torno da história, de que o local onde ocorreu o desfecho tornou-se mal assombrado. A narrativa ganha ênfase em aspectos diferenciados dependendo do ponto de vista do contador acerca dos fatos. Alguns relatos de moradores das imediações dão conta de vozes ouvidas e até vultos de uma provável moça sentada na pedra. Outros alegam terem visto sangue proveniente da pedra. É nesse momento que a tragédia ocorrida começa a ganhar efetivamente os aspectos do gênero lenda.

A partir daqui, damos andamento a nosso estudo lançando nosso enfoque de análise na contação da lenda por parte de uma fonte da comunidade local e, logo mais, sobre os textos produzidos pelos alunos, baseados em outras fontes locais ou ainda no que eles próprios conhecem da lenda.

4.1 SEU QUINCO BORGES: TESE, LUGARES E VALORES DE UM CONTADOR DE LENDAS

Damos início efetivamente à nossa análise com a transcrição da contação da lenda, por parte do senhor Francisco Borges de Oliveira, mais conhecido como Quinco Borges. Seu Quinco Borges tem 66 anos e mora, desde seu nascimento, no sítio Lagoinha, município de São Miguel, nas proximidades do local da Pedra da Moça, e, nessa região, seu Quinco é figura conhecida justamente por ser contador de histórias. Seu Quinco afirma veementemente que a história é verdadeira, mesmo tendo ocorrido há muitos anos e assim, nos relata:

Transcrição da contação de Seu Quinco Borges
--

(...) pois bem... a famosa Pedra da Moça lá... era um rapaz que tinha um namoro com uma moça e o pai dela não queria esse namoro... aí o rapaz foi e disse pra ela... “eu sou homem”... e ela foi e disse “meu pai também é”... aí ele inventou de carregar ela... no dia que completou noventa dia que ela saiu de casa... diz a história que ele saiu lambendo uma rapadura... topou com ele sentado na tal pedra da moça fazendo um lanche... () --o alimento que tinha () era rapadura... esses noventa dia... aí... quando ela disse “lá vem meu pai”... ((esses noventa dias ele tava noventa dias foragido já?)) ... caçando ela (...) ...procurando () essa filha... (...) aí ela foi e disse “lá vem meu pai”... mas não deu mais tempo a:.... aí ele matou ELA... e matou ele... (...) quando acabar disse assim “quando mata o cachorro mata a cachorra também”... eu ainda conheci as pedras colocada no canto das covas... mas eu não conheci as covas... essa história quem me contou muitas veiz foi meu avô isso é tão velho que já era o avô dele que contava... (...)

Transcrição de contação F.B.O.

Quadro 2: Transcrição da contação de Seu Quinco Borges

Após a entrevista inicial com uma fonte local, é possível já nesse momento perceber diferenças no enredo da história. Na contação da lenda, o senhor Quinco Borges defende a tese de que a história da Pedra da Moça envolve bravura, um ato de honra de um pai. Dirigindo-se ao seu auditório particular, seu Quinco se vale da adesão inicial desse auditório, partindo do princípio de que todo pai de família ama e protege seus filhos e zela pela honra de suas filhas. Para ancorar sua tese, seu Quinco recorre ao lugar de essência, evidenciando a superioridade do pai da moça em defender a honra familiar, colocando-o como representante de bravura, no que se refere a manutenção dos valores morais de uma família tradicional da época. Dessa forma, caracteriza sua busca no lugar de qualidade, valorizando o único, o raro, fazendo com que as atitudes de bravura e honra desse pai, ganhem demasiadamente outro valor.

Defender a moral da família, independente da forma como o faça, confere, na voz de seu Quinco, a esse pai, a essência de um chefe familiar que tem coragem e “sangue nas veias” para defender a honra de sua casa. Ao lavar com sangue essa

honra familiar, esse pai deixa o seu ato com o exemplo para a comunidade local da época. Assim sendo, ancorando essa tese, seu Quinco recorre ainda ao lugar de ordem, atribuindo valor maior ao pai da moça, por ser o pai, o patriarca, mais velho, tendo, conseqüentemente mais experiência, mais sabedoria e entendimento dos valores familiares, certos e errados.

De acordo com Abreu (2009), a intensidade de adesão a valores diferentes sinaliza uma escolha hierárquica. Para o autor, fatores culturais, históricos e ideológicos influenciam diretamente na elaboração de valores e hierarquias. Assim, se o enunciador perceber que o seu auditório rejeita seu valor, o que ele poderá fazer para não se confrontar com ele e comprometer a sua persuasão, é analisar esse valor e subordiná-lo a outros valores do auditório, ou como dito por Abreu (2009), deve re-hierarquizá-los.

Foi possível detectar na fala de seu Quinco que, na narrativa da *Lenda da Pedra da Moça*, o valor atribuído por ele às atitudes e ações dos protagonistas, (a moça e o rapaz), comparadas aos valores da época de outrora, foram consideradas negativas, tendo sido consideradas motivo suficiente para justificar de maneira louvável a ação do pai. Desse modo, é possível constatar inicialmente que a morte da moça, pelo próprio pai, mesmo aparentemente parecendo, a olhos imparciais, um ato cruel, para seu Quinco representa a defesa da honra familiar, um dos principais pilares característicos de um bom progenitor. A honra da família aqui, é colocada como valor primordial diante da situação. Abreu (2009), ao discutir sobre hierarquização de valores, destaca que:

Na verdade, o que caracteriza um auditório não são os valores que ele admite, mas como ele os hierarquiza. De fato, se dois grupos de pessoas possuem os mesmos valores, mas em escalas diferentes, acabam por configurar dois grupos diferentes. As hierarquias de valores variam de pessoa para pessoa, em função da cultura, das ideologias e da própria história pessoal. (ABREU 2009, p. 81)

Assim, como outrora mencionado, valendo-se da premissa de que seu auditório hierarquiza o valor da honra familiar de maneira suprema, seu Quinco hierarquiza esse valor de forma superior a outros possíveis valores pertinentes a lenda, atribuindo, mesmo que implicitamente, grau de importância maior a atitude do

pai, em relação às atitudes dos outros protagonistas. Quando questionado sobre as proporções que o acontecimento tomou através dos tempos, o contador destaca que:

Segunda parte da transcrição da contação de Seu Quinco Borges

(...) essa história ficou assim como uma bravura, que naquele tempo, existia que hoje um.. um soldado passa a ter um grau por curso e naquele tempo era por bravura, aí faça de conta que isso foi uma bravura do pai... uma bravura GRANDE... que noventa dias e ele ainda sair atrás... e não levou pra casa NÃO Deixou...
--

Transcrição de contação F.B.O

Quadro 3: Segunda parte da transcrição da contação de Seu Quinco Borges

Utilizando da figura do soldado em ascensão, o contador aqui reafirma sua tese, deixando visível que o valor da honra familiar é componente significativo em suas asserções. Para dar consistência a seu valor, ele encara o ato do pai, que para muitos seria encarado como algo cruel, equiparado a formação de um soldado, que muda de patente, de nível a partir de sua formação. Com isso, nosso contador concede valor superior ao pai da moça, enquanto, para ele, caracterizador da essência da bravura. Coloca-o como exemplo de virtude assim como também considera um soldado.

É válido destacar que outros valores estão presentes na fala de seu Quinco. (obediência/desobediência, casamento, etc). Se assim não o fosse, não teríamos uma hierarquia. Contudo, destacamos e analisamos aqui, o valor que aparece de maneira mais intensa em sua contação, ou seja, o valor que está no topo da sua hierarquia.

Como aponta Perelman e Tyteca (2005), os valores intervêm, em determinados momentos, em todas as argumentações. Assim, mesmo nas contações de histórias, de lendas, a carga valorativa que atribuímos a determinados aspectos, muitas vezes em detrimento de outros, acaba por tornar cada vez mais explícita a nossa tese. Na fala de seu Quinco, percebemos a predominância de valores concretos, hierarquizados de acordo com seus parâmetros pessoais e os costumes ligados diretamente a sua formação educacional e familiar.

4.2 TESES, LUGARES E VALORES HIERARQUIZADOS NOS TEXTOS DOS ALUNOS

Neste tópico desta dissertação, voltamos nosso olhar para as produções textuais dos alunos do 6º e 7º ano, percebendo, também aqui, as teses, lugares da argumentação e valores hierarquizados por esses alunos. Para tanto procederemos com a identificação das teses de cada texto e, a partir dessa percepção, prosseguiremos com nossa análise, com a identificação dos lugares argumentativos utilizados por esses alunos bem como o levantamento dos principais valores revelados nos textos, fazendo também um quadro síntese desses valores, para melhor esquematizarmos e compreendermos a hierarquização presente nas produções textuais.

4.2.1 As teses

Como outrora especificado em nossa metodologia e com o objetivo de sistematizar as informações obtidas nos textos dos alunos, neste tópico, elaboramos um quadro demonstrativo de teses, para, em seguida, darmos andamento a nossa interpretação/análise desses dados.

Antes, contudo, de expormos as teses defendidas pelos alunos, achamos pertinente destacar o pensamento de Ide (2000) quando abre os nossos olhos para a concreta existência da manipulação dos espíritos. De acordo com o autor, a manipulação tem como objetivo não tanto informar, e sim impedir a ação neste ou naquele sentido. Para Ide (2000), o texto manipulador: (i) caricatura ou até deturpa o pensamento do adversário, levando-o, pois, a considerar a tese exposta mais verossímil que a sua própria; (ii) utiliza o raciocínio por acidente, justapondo ideias, esperando que a mera coincidência contribua para o ocasionamento da relação de causa e efeito; (iii) pode utilizar a “desinformação sistemática”, que, segundo o autor, mesmo sendo difícil de ser discernido, o discurso manipulador pode mentir descaradamente no intuito de convencer e persuadir o auditório. É, de acordo com Ide (2000), a velha história de se recorrer ao provérbio “onde há fumaça, há fogo”.

Nessa perspectiva, apresentamos as teses defendidas nos textos dos alunos, considerando a não neutralidade desses textos, mesmo se tratando de narrativas, uma vez que, mesmo ao contar uma história, o indivíduo se posiciona frente aos acontecimentos, tomando posição e manipulando o ouvinte/leitor a não pensar/agir em determinado sentido contrário ao que ele direciona. Descobrir uma tese nem sempre é fácil, de acordo com Ide (2000). Contudo, nos arriscamos a determinar tais problemáticas, com base no que pudemos evidenciar de maneira mais objetiva possível, “o que é que diz o texto?”.

Após expostas as teses defendidas pelos alunos em seus textos, apresentamos, com base nessas teses, os principais lugares da argumentação e valores hierarquizados nos textos.

TESES DEFENDIDAS PELOS ALUNOS	
Nº	TESE
Texto 02	Uma história de amor não aceita ocasionou fuga/morte.
Texto 03	Um namoro precoce resultou numa morte violenta.
Texto 04	O namorado era possessivo e ciumento.
Texto 05	Apesar da coragem do rapaz, a justiça foi feita: o pai lavou sua honra.
Texto 06	O namorado era possessivo.
Texto 07	O ciúme exagerado do namorado causou a morte da moça.
Texto 08	Um namoro mal visto gerou fuga e morte de uma moça por seu pai.
Texto 09	O pai era preconceituoso e cruel.
Texto 10:	O namorado foi morto porque forasteiro que mexesse com moça de família deveria ser morto.
Texto 11:	O ciúme excessivo do rapaz causou a tragédia.
Texto 12:	Uma história de amor não aceita por ambas as famílias resultou na morte de um jovem casal inocente.
Texto 13:	O namoro proibido gerou fuga/morte trágica
Texto 14:	A desobediência da moça causou toda a tragédia.
Texto 15:	O romance não aceito pelo pai da moça ocasionou a fuga e morte do casal.
Texto 16:	O romance proibido foi interrompido pela violência e crueldade do pai,

	que mandou matar o casal.
--	---------------------------

Quadro 4: Teses defendidas pelos alunos

Em acordo com o pensamento de Ide (2000), apontamos as teses acima considerando-as como uma proposição, uma frase responsável por formular precisamente o que diz o texto, tendo em vista enunciar o verdadeiro ou o falso. Nessa perspectiva, algumas das teses apresentadas acima, apresentam semelhança, chegando a quase se repetirem, principalmente se considerarmos que todos os textos foram baseados em uma única lenda. E mesmo partindo de fontes de pesquisa diferentes ocasionando enredos diferentes, a trama principal da narrativa (namoro proibido, fuga, morte), permanece quase idêntica em todos os textos. Contudo, veremos a seguir que os lugares e valores se diferenciam em alguns textos e, mais adiante, veremos ainda que a maneira (técnicas) que cada aluno utiliza para chegar a determinada tese, também irá diferir, produzindo, conseqüentemente, efeitos de sentidos diversos.

Ao defenderem suas teses, os alunos, assim como seu Quinco, se valem de premissas com as quais possam contar, para conseguir a adesão de seu auditório. E mesmo não tendo sido feito um trabalho sistemático com a argumentação em sala de aula, antes das produções textuais, estes alunos (agora também chamados de oradores), recorrem a lugares para ancorarem suas teses e compartilham, ou pelo menos acreditam compartilhar da mesma hierarquização de valores de seu auditório, constituído, nesse primeiro momento pela professora.

4.2.2 Lugares e valores hierarquizados

De acordo com as palavras de Perelman e Tyteca (2005), a intensidade de adesão entre um valor e outro, determina entre esses valores uma considerada hierarquia. Dessa maneira, a posição que cada aluno atribui a determinada valor, sinaliza sua escolha hierárquica. Assim, nesse ponto enfocamos o valor hierarquizado de maneira mais intensa, ou seja, aquele que está no topo da hierarquia no texto de cada aluno. Ressaltamos, contudo, que os demais valores presentes nos textos não serão por nós analisados, mas por serem fundamentais

para que compreendamos a noção de hierarquia, nós os apontaremos no quadro síntese de valores hierarquizados pelos alunos.

Achamos pertinente lembrar as palavras de Perelman e Tyteca (2005), ao discutirem a predominância e diferença de valores concretos e de valores abstratos. De acordo com os autores, o valor concreto, admitido em determinadas situações, nem sempre, verdadeiramente o é. Dessa forma, em consonância com os autores, apontaremos alguns valores nos textos produzidos pelos alunos, compreendidos por nós como concretos ou abstratos, mas levando em consideração sua instabilidade nesse sentido, já que, de acordo com o posicionamento de Perelman e Tyteca (2005), para que determinado valor seja concreto, necessitaríamos analisa-lo sob o aspecto de uma realidade única. Nos dizeres dos autores, declarar que um valor é, de uma vez por todas, um valor concreto, implica na constituição de uma tomada de posição arbitrária. Para não cometermos essa arbitrariedade, deixamos claro que o nosso posicionamento quanto a definição de determinado valor ser concreto ou abstrato é puramente fruto de nossa compreensão, mas compreendemos também, em acordo com os postulados do TA, que valores concretos são utilizados, na maioria das vezes, para fundamentar os valores abstratos e vice versa, não havendo, assim, rigidez absoluta na definição entre um ou outro, presente nos textos constituintes de nosso *corpus*.

No primeiro texto analisado do aluno (no caso, o texto 02), é possível perceber na fala do orador a predominância do aspecto romântico. O valor do sentimento de amor está marcado de maneira mais intensa, se comparamos à versão de Seu Quinco e ainda a outros textos que seguirão:

Transcrição do texto 02

<i>Por volta de 1934, uma jovem, por volta de 18 a 20 anos tentou fugir com o namorado e os pais não aceitavam este relacionamento. Para impedi-la, os pais a mataram em cima de uma pedra. Reza a lenda que no outro dia a pedra amanheceu com as feições da mulher e quando chovia a pedra sangrava.</i>

(Texto 02: N.Q. - 6º ano 02)

Quadro 5: Transcrição do texto 02

Tomando como base a transcrição da contação de Seu Quinco Borges, percebemos logo no primeiro texto, a mudança no enredo da narrativa: a morte, na versão deste aluno, foi apenas da moça. Recorrendo ao lugar de essência, o orador desse texto aponta esse casal como essência da coragem em viver um romance, essência de um casal realmente apaixonado, essência da paixão. Hierarquizando o romance, a paixão como superior a todos os outros valores envolvidos, esse orador direciona seu público em favor de sua tese, de que uma história de amor não aceita ocasionou fuga/morte, intencionando fazer desse casal, frente ao público, vítimas de seus próprios sentimentos.

O ficcional aqui é mais presente que na contação de seu Quinco, uma vez que a fonte de pesquisa do aluno, tem um outro posicionamento hierárquico diante do fato ocorrido. O bem e o mal aparecem figurados no texto desse aluno. O bem, na figura da moça apaixonada, que teve sua vida ceifada. O mal aparece representado na figura dos pais que matam a própria filha, impedindo-a de viver seu grande amor. A tese, como já mencionado, se assemelha em outros textos assim como se repete também a presença do sobrenatural, aspecto este, já discutido no capítulo anterior dessa dissertação.

O amor, enquanto sentimento, motiva muitos dos atos dos personagens da *Lenda da Pedra da Moça*, sendo colocado como superior diante de outros valores fortemente difundidos na sociedade da época. O conceito desse sentimento⁸, por si só traz consigo toda uma carga justificativa para muitas situações vividas em nome dele, fundamentando relações que vão desde pais/filho(s), homem/objeto, homem/trabalho, entre outros e, mais comumente, o caso mais presente em nosso *corpus*: homem/mulher.

Na *Lenda da pedra da Moça*, em algumas versões, os protagonistas vão aos extremos em nome dessa paixão que os motiva. Além do texto 02, outros dois textos também apresentam o sentimento de paixão como valor hierarquizado no topo da hierarquia estabelecida pelo orador:

⁸ amor

a.mor: sm (lat amore) 1 Sentimento que impele as pessoas para o que se lhes afigura belo, digno ou grandioso. 2 Grande afeição de uma a outra pessoa de sexo contrário. 3 Afeição, grande amizade, ligação espiritual. 4 Objeto dessa afeição. 5 Benevolência, carinho, simpatia. 6 Tendência ou instinto que aproxima os animais para a reprodução. 7 Desejo sexual. 8 Ambição, cobiça: Amor do ganho. 9 Culto, veneração: Amor à legalidade, ao trabalho. 10 Caridade. 11 Coisa ou pessoa bonita, preciosa, bem apresentada. 12 Filos Tendência da alma para se apegar aos objetos. Antôn: aversão, ódio. sm pl 1 Namoro. 2 O objeto amado. 3 O tempo em que se ama. 4 Relações ilícitas, comércio amoroso. 5 Mit Divindades subordinadas a Vênus e Cupido. 6 Bot O mesmo que carrapicho [...]

Transcrição do texto 12

No tempo dos escravos, dois jovens iam fugindo para se casarem, pois os seus pais não consentiam esse namoro. Quando estavam alojados para passar a noite numa pedra, foram surpreendidos pelo pai da moça que matou os dois e enterrou naquele mesmo local.

Ainda hoje existe essa pedra, só que agora está coberta pelo asfalto que passa nessa estrada.

(Texto 12: M.N. – 6º ano 03)

Quadro 6: Transcrição do texto 12

No texto 12, o orador também utiliza do lugar de essência, colocando o casal como representantes de um amor proibido, mas forte e verdadeiro. Ou seja, mais uma vez, a essência da paixão. O orador desse texto, ao recorrer a esse lugar, afirma a superioridade da essência do amor sobre regras de conduta da época, concedendo um valor superior ao casal de indivíduos, enquanto representantes caracterizadores dessa essência. Nessa perspectiva, o orador procura a adesão do auditório para sua tese, levando este último a hierarquizar também o amor, tal qual o orador o hierarquiza, para poder partilhar e aceitar a sua tese. Para Perelman e Tyteca (2005), o que melhor encarna um padrão, uma função ganha, exatamente por isso, valor maior. Esse mesmo lugar aparece no texto 15, figurando da mesma maneira, o casal apaixonado:

Transcrição do texto 15

Tudo começou com um jovem casal muito apaixonado, porém o pai da moça não permitia o relacionamento do casal. Por este motivo o casal resolveu fugir para longe, onde não seriam impedidos de expressar os seus sentimentos.

Assim, logo ao amanhecer partiram sem destino algum, só sabiam que iriam para longe [...]

Quando ele estava andando por um matagal, o cachorro de sua casa pulou em cima dele, o cachorro latindo muito e puxando sua roupa o levou ate o casal, chegando lá sem mais demora matou a filha e o rapaz e os enterrou perto de uma pedra.

[...]

(Texto 15: Y.M... – 7º ano 01)

Quadro 7: Transcrição do texto 15

Na perspectiva dessa discussão, Ide (2000) ressalta que o amor é o sentido e o fim de todas as coisas, de modo algum aspirando chegar ao fundo de si mesmo sem deixar nenhum mistério. Dessa forma, o sentimento de amor é então colocado como valor que ancora e justifica alguns dos atos dos personagens da trama da *Lenda da Pedra da Moça*, em algumas das versões dos textos dos alunos.

Os dois últimos textos mostrados, assim como o texto 02, também desvelam a oposição entre o bem e o mau, representados, em ambos os textos:

Bem: o casal apaixonado

Mau: O pai da moça, que não permitiu a continuação da história de amor.

No texto 16, o orador, defendendo a tese de que o romance proibido ocasionou um crime violento, apresenta a narrativa como um acontecimento regado de abuso de autoridade e violência:

Transcrição do texto 16

A lenda conta que uma moça namorava com um jovem rapaz, mas o pai dela não queria esse relacionamento. Por esse motivo o rapaz e a moça tiveram a ideia de fugir de casa para viver esse romance. Ao saber desse acontecimento o pai da mesma contratou o serviço de um pistoleiro para que desce um fim no casal, já que sua filha tinha o desobedecido. [...] Ao se aproximar o pistoleiro avistou o casal que estavam se aquecendo em uma fogueira, logo em seguida foi em direção das vítimas e começou a agredir o rapaz até sua morte. E a moça muito apavorada sem saber o que estava acontecendo e transtornada com tamanha maldade também não

imaginaria que também ia ser agredida e conseqüentemente enterrada viva pelo próprio homem. [...]

(Texto 16: A.B... – 7º ano 01)

Quadro 8: Transcrição do texto 16

O orador do texto 16 destaca a história de amor e, defendendo a tese de que o romance proibido foi interrompido de forma violenta e cruel, esse orador resgata a oposição entre bem/mau, perceptível, principalmente o segundo elemento, na figura do pistoleiro contratado pelo pai da moça e também neste último, visto ser o mandante do ato de crueldade contra dois seres humanos (agressão e serem enterrados vivos), sendo que um deles, era sua própria filha. Recorrendo ao lugar de essência, o orador personifica a maldade nos atos do pistoleiro e do pai da moça, que passam a ser representantes dessa essência. O orador, hierarquiza a crueldade do ser humano, como um valor abstrato, em oposição ao valor que ele traz consigo em relação ao que é bom ou mal na natureza humana.

Os valores abstratos, segundo Henriques (2013), parafraseando o Tratado de Argumentação, são aceitos por todos, independente de tempo ou lugar. Nesses moldes estão o bem e o mal, ilustrados nesses textos que, apesar de estarem representados em um ato ocorrido há muito tempo, representariam o mesmo bem ou o mesmo mau, caso estivessem atrelados à algo semelhante, da atualidade. Nessa perspectiva, o orador do texto 16 nos permite observar que ele faz a sua escolha por um lado, diante dos acontecimentos da narrativa. E, ao deixar transparecer essa escolha, esse orador revela, pois, que existem, na *Lenda da Pedra da Moça*, um embate entre o bem e o mau, em que, infelizmente, o mau prevaleceu de maneira cruel. Ilustrando esse posicionamento, relembremos o pensamento de Perelman e Tyteca (2005), quando destacam que o fato de nos sentirmos obrigados a hierarquizar os valores, independentemente de quais sejam, provém do fato de a busca simultânea desses valores criar incompatibilidades, obrigando escolhas.

Dando continuidade a nossa análise, vejamos os demais textos, percebendo os valores condicionados em cada texto/grupo de textos, bem como os lugares de onde os alunos/oradores retiram seus argumentos.

Transcrição do texto 03

Era um menino e uma menina que inventaram de namorar. A menina foi contar para seus pais que não gostaram nada da ideia. Assim, ela fugiu com o namorado para a mata.

[...] os pais da menina arrumaram um grupo de cangaceiros e os encarregaram de encontrar o casal de namorados. Por causa da fumaça da carne, os cangaceiros encontraram o casal, os mataram com tiros de fuzil perto da pedra e enterraram lá mesmo. [...]

(Texto 03: A.L.A -, 6º ano 04)

Quadro 9: Transcrição do texto 03

No texto 03, os valores percebidos se diferem do texto 02, 12, 15 e 16. Enquanto que nos textos 02, 12 e 15, o orador hierarquiza o aspecto romântico, o amor, e, no texto 16, o orador, destaca a oposição bem/mau, hierarquizando, mais uma vez a crueldade oriunda de algumas atitudes do ser humano. No texto 03, o orador deixa transparecer, em seu texto, que o casal era jovem demais e que esse namoro era precoce: “Era um **menino** e uma **menina** que **inventaram** de namorar.” Ao evocar o casal como “menino” e “menina”, esse orador deixa refletir em sua fala que considera o casal jovem demais para namorar. Além disso, também deixa transparecer esse pensamento ao se referir ao início do namoro, ressaltando que o rapaz e a moça (como mostrado, para ele, ainda um menino e uma menina), “inventaram” de namorar. O verbo inventar, além de aparecer com a definição de criar algo novo, aparece também com a conotação de algo negativo, que não deve ser feito. Assim, compreendemos que o valor presente no topo da hierarquia desse orado é a noção concreta do namoro como inadequado, configurado na precocidade do namoro desse casal. Defendendo a tese de que o namoro precoce resultou numa morte violenta, o orador tematiza a oposição certo/errado dando ênfase ao segundo valor, uma vez que é este que perpassa, nos seus dizeres, nas atitudes e ações dos protagonistas da lenda. Para ancorar essa tese esse orador recorre ao lugar de ordem, defendendo a superioridade do anterior sobre o posterior (o pai, mais velho, mais experiente sobre a filha, apenas “uma menina”), das causas (o namoro precoce) sobre os efeitos (a proibição).

Mais uma vez a noção do bem/mau, aparece perceptível na questão do cangaço que, para este orador, fez parte dessa história: “[...] os pais da menina arrumaram um grupo de cangaceiros e os encarregaram de encontrar o casal de namorados” e ainda “[...] os cangaceiros encontraram o casal [...]”. Contudo, ao analisarmos o texto, percebemos que o valor que este orador traz consigo do que seja certo e errado, aparece de maneira mais marcante. Ao referenciar o cangaço brasileiro, o orador do texto 03 caracteriza em suas palavras, os cangaceiros como homens destemidos e impiedosos. Para tanto, o orador recorre ao lugar de essência, caracterizando tais pessoas como representantes da essência (na época), do medo. Passemos à análise de mais textos.

Transcrição do texto 04
[...] <i>Nesse sítio morava uma moça que tinha um namorado que tinha muitos ciúmes dela. Esse casal se encontrava para namorar nessa pedra a qualquer hora do dia ou da noite. Até que a moça, devido aos ciúmes exagerados do rapaz, terminou o relacionamento. Ele, naturalmente não gostou nada e, chamou-a para se encontrar na pedra a noite. Quando chegou a noite, eles foram se encontrar na pedra e o rapaz já foi armado de faca. Não deu outra! Ele deu duas facadas nela e ela caiu de braços abertos na pedra, já morta.</i> [...] (Texto 04: A.M.R.O. – 6º ano 02)

Quadro 10: Transcrição do texto 04

No texto 04, o aluno, defendendo a tese de que o namorado era possessivo e ciumento, transparece também em seu texto o valor da honra masculina, representado na figura do namorado, motivado pelo sentimento de ciúme. O namorado ciumento faz prevalecer a sua honra, com a morte da própria amada. Esse sentimento, aqui, é apresentado como algo ruim, destruidor, causador do fim do relacionamento e, por conseguinte, da morte da moça. O lugar de essência é também aqui utilizado para caracterizar o namorado como representante de uma honra masculina materializada no sentimento de ciúme. A superioridade das causas

(o ciúme exagerado do namorado) sobre os efeitos (a morte da moça), nos permitem perceber que esse orador recorre também ao lugar de ordem para ancorar a sua tese de que esse namorado era possessivo e ciumento.

Esse valor de honra masculina, concretizador de um ato de maldade, representado na figura do namorado ciumento, aparece ainda nos textos 07 e 11, como podemos ver a seguir:

Transcrição do texto 07

<i>[...] uma moça namorava um rapaz muito ciumento que sempre tinha ciúmes dela. Uma vez o rapaz chamou a moça para ir a essa tal pedra. Ao chegar lá, ele a matou.</i>
--

<i>[...].</i>

(Texto 07: B.K.S.B – 6º ano 02)
--

Quadro 11: Transcrição do texto 07

Transcrição do texto 11

<i>Segundo a lenda, um rapaz namorava uma moça mas por muitos ciúmes dele, ela terminou o namoro. O rapaz não se conformou com o fim do namoro e então, certo dia ele encontrou ela justamente nessa pedra. Então ele a matou esfaqueada [...].</i>
--

(Texto 11: M.I.F.S. – 6º ano 02)

Quadro 12: Transcrição do texto 11

Nos textos 07 e 11, os oradores também recorrem ao lugar de essência para representar, no namorado da moça, o ciúme, a possessividade motivados pelo valor da honra masculina e também ao lugar de ordem, ancorando suas teses a partir do princípio de superioridade das causas sobre os efeitos.

No texto 06, o rapaz também aparece como vilão, protagonista da morte da moça. Os lugares recorridos pelo aluno também são os de essência (honra masculina representada no sentimento de possessividade – essência do ciúme) e

ordem (superioridade das causas sobre os efeitos). Aqui, o sentimento de posse, está mais ligado ao fato de que se ele não pode ter essa moça, ninguém mais a terá:

Transcrição do texto 06
<i>(...) uma moça conheceu um rapaz e começaram a namorar. Porém o pai dela não aceitava esse namoro. Foi quando o namorado dela resolveu por um fim nessa história, tirando a vida da moça. Essa morte aconteceu em cima de uma pedra que ficou conhecida como a “Pedra da Moça”.</i> <i>[...]</i> (Texto 06: M.S.M.A. – 6º ano 02)

Quadro 13: Transcrição do texto 06

A possessividade é também aqui colocada como um valor negativo. A morte da moça foi, no texto desse aluno, a alternativa encontrada pelo rapaz ciumento para torná-la eternamente dele. O valor da honra, mais uma vez aparece também na pessoa do namorado, através do seu ato.

Nessa perspectiva, relacionamos a noção argumentativa dos valores presentes nos textos dos alunos, ao gênero ora enfocado, valendo-nos das palavras de Dion (2008), ao defender que a lenda sempre representa a narrativa de alguma transgressão, de uma ação que consiste em desobedecer, em violar o proibido, em ultrapassar os limites do habitual, permitidos e tolerados. Os transgressores, pelo antimodelo que eles representam, colaboram para a norma e a coerência do grupo de pertença.

O texto 05 é o que mais se assemelha com a fala de Seu Quinco, até mesmo nos valores hierarquizados e lugares recorridos:

Transcrição do texto 05
<i>Era uma vez um rapaz que namorava uma moça mas os pais dela não aceitavam.</i>

Um dia o rapaz convidou a moça para fugir, então ela disse:

- Meu pai é homem!

E o rapaz disse:

- Eu também sou.

[...]

(Texto 05: H.G.Q.C – 6º ano 02)

Quadro 14: Transcrição do texto 05

O valor da honra familiar está presente de forma bem clara no texto do aluno ao enfatizar a bravura do namorado e do pai: “- Meu pai é homem!” “-Eu também sou.” Esse valor aparece como hierarquizado tanto no ato do namorado em fugir com a moça, enfrentando com coragem todas as consequências que virão, quanto o ato do pai em “lavar a honra” da família, matando o namorado e a própria filha que, para ele, foi merecedora do mesmo castigo, por cometer o mesmo ato de desobediência e desonra. Contudo, é na figura do pai que o orador do texto promove uma nova hierarquização de valores, colocando o valor da honra como justificativa para o ato do pai, que, em decorrência dessa nova hierarquização, aqui já não é mais visto pelo orador, como vilão. O lugar de essência é, mais uma vez, utilizado. Entretanto, dessa vez é buscado pelo aluno para representar, tanto o namorado quanto o pai (e este último, mais ainda), como representantes da essência da bravura.

No texto 08, também podemos encontrar o valor concreto da honra familiar, entretanto, mostrado de maneira mais discreta:

Transcrição do texto 08

Bom, as pessoas mais velhas contam que um casal jovem namorava. Só que seus pais não gostavam desse relacionamento porque eles só gostavam de namorar perto de uma pedra.[...]

(Texto 08: M.E.B.G.R – 6º ano 02)

Quadro 15: Transcrição do texto 08

O orador desse texto revela que esse namoro não se adequava aos valores da época. Isso nos faz lembrar, como outrora mencionado em nosso capítulo teórico, que aspectos como a ideologia, a história e a cultura de uma pessoa, são determinantes para a maneira como essa pessoa hierarquiza seus valores. Assim, compreendemos que os valores culturais das famílias tradicionais e respeitadas da época, não viam com bons olhos um casal de namorados namorarem perto de uma pedra, já que, para a sociedade de então, namorados deveriam namorar em casa.

Como vimos em nosso capítulo teórico, a própria hierarquização subtende escalas de valores diferentes, uns mais importantes que outros, de acordo com o grau de cultura de cada pessoa, do contexto social em que a argumentação se desenvolve e da ideologia dominante em determinada época. Dessa forma, a presença desse valor de honra é notadamente forte nos textos dos alunos, levando-se em consideração o contexto social e ideologias da época dos acontecimentos, a formação cultural dos personagens envolvidos. Nos textos 13 e 14, esse valor também aparece:

Transcrição do texto 13

<i>Diz a lenda que em 1930 na cidade de São Miguel, uma moça de 16 anos conhecida como Rosinha era apaixonada por um rapaz que tinha a idade de 19 anos, o pai da moça nunca aceitou o namoro dos dois todos os dias eles namoravam escondidos do pai da moça, um dia eles resolveram fugir de casa pois sabiam que o pai da moça não iria aceitar os dois, e então eles fugiram para o sertão.</i>
--

<i>[...]</i>

<i>O pai chegou lá onde o casal estava e assassinou os dois com vários tiros pois estava furioso pelo ato que cometeram, nessa hora a chuva tinha aumentado mais ainda e lá possuía uma pedra gigante, que estava derrapando o pai da jovem percebeu e saiu correndo para tentar escapar, mais o casal que havia sido assassinado estavam lá no meio da estrada e nesse momento a gigante pedra caiu encima desse casal.</i>

<i>[...]</i>

Essa é mais uma história contada pela população micalense, que veio se passando e até hoje é contada.

(Texto 13: W.P.F.P. – 7º ano 01)

Quadro 16: Transcrição do texto 13

Transcrição do texto 14

Dizem algumas pessoas mais velha que antigamente existia um homem chamado Fáusto ele era um bom trabalhador que cuidava muito bem de sua filha chamada Chinha, ele era muito enciumado dizia ele que não queria ela namorando mas ela não ligava para o que ele dizia e vivia fugindo para namorar com o rapaz que trabalhava com seu pai.

Certo dia ele descobriu que ela estava namorando escondido dele numa pedra perto da sua casa que atualmente se localiza no município de São Miguel RN no sítio Lagoinha e ele nesse dia que ela foi namorar a seguiu armado com uma faca e foi travada naquela pedra uma luta entre o namorado que estava sem chance de vencer por não estar armado e o pai da moça, após ser morto o rapaz derramou muito sangue na pedra e depois a moça muito triste se matou também no lugar da pedra e por isso que essa pedra é chamada de pedra da moça.

[...]

(Texto 14: J.V.A.. – 7º ano 01)

Quadro 17: Transcrição do texto 14

Relembrando mais uma vez os aspectos do gênero, resgatamos as palavras de Dion (2008), ao enfatizar que o discurso lendário, mais do que uma simples narrativa com fins divertidos, explora os valores morais de uma comunidade trazendo à tona um exemplo de indivíduo um contraexemplo, um desvio de comportamento. Dessa maneira, pensando nos valores aqui elencados, relembremos ainda um aspecto inerente ao gênero que aponta, segundo Dion (2008), o gênero lenda como lugar de uma reinterpretação de fatos, gerador de um

discurso de prevenção e de advertência nascido da necessidade de limitar o normal do anormal, a moral do imoral.

Voltando ao âmbito argumentativo, percebemos que a hierarquização de valores vai, assim, criando escalas e atuando como fator determinante para a formulação das teses defendidas em cada texto.

O lugar de essência caracteriza o pai como representante da essência da autoridade paterna. O lugar de qualidade aparece nesses textos em que o valor da honra se destaca, ligado a esse valor concreto. Dessa maneira, relembramos que o único é ligado a um valor concreto nosso. Estando, por isso, ligado a um valor, nos parecerá único e, conseqüentemente precioso. Esse princípio fundamentará o lugar de qualidade e, como não poderia deixar de ser, fundamenta a recorrência a esse lugar, nos textos dos alunos. O lugar de ordem também é recorrido pelos oradores dos textos 08, 13 e 14 para auxiliar na adesão do auditório às suas teses, todas relacionadas a uma morte (efeito) ocasionada por uma causa superior: a manutenção da honra familiar diante de um namoro errado, proibido ou mal visto, para os padrões da sociedade da época.

No texto 09, o valor do dinheiro, do *status* social aparece como elemento determinante para a proibição do namoro:

Transcrição do texto 09
<i>Era um fazendeiro que não queria que a filha casasse com um escravo.</i> <i>Um dia eles dois estavam sentados numa pedra e o fazendeiro os matou, cortando o pescoço deles dois e enterrou perto da pedra.</i> (Texto 09: D.G.. – 6º ano 03)

Quadro 18: Transcrição do texto 09

A princípio percebemos uma mudança significativa na composição dos personagens da lenda, o que direciona para uma nova interpretação, um novo julgamento de valor, entretanto, um desfecho semelhante à maioria dos demais textos. No texto 09, o orador revela em suas palavras, o prestígio social atrelado ao nível socioeconômico como fator determinante para o desfecho trágico da narrativa.

Defendendo a tese de que o pai da moça era preconceituoso e cruel, este orador argumenta que a diferença socioeconômica existente entre os namorados foi o motivo para o impedimento da relação. Para este orador, o fato de o namorado ser um escravo e a moça ser filha de um fazendeiro, contrariou os valores das famílias mais abastadas da época, o que, como já dito, ocasionou a proibição e, conseqüentemente toda a sucessão de acontecimentos fatídicos. Para tanto, o orador do texto 09 recorre ao lugar de ordem, avaliando as atitudes do pai da moça, que vislumbrava para a filha, um pretendente vindo de família abastada e de senhores donos de escravos, com recursos financeiros já existentes, apontando, assim, a superioridade do proprietário sobre o escravo.

Relembrando o que disse Henriques (2013), parafraseando Perelman e Tyteca (2005), percebemos nesses textos em que o valor concreto da honra familiar subjaz na narrativa, que as hierarquias de valores são uma forma de estratificação social, com a constituição de camadas sociais.

Por fim, ainda nessa esfera de hierarquizações de valores de honra familiar/autoridade paterna, nos deparamos com o texto 10, em que, novamente, as ideologias e formação cultural das pessoas da época influenciam consideravelmente nos valores percebidos no texto, bem como, obviamente, em consonância com a tese defendida:

Transcrição do texto 10

<i>Tinha uma moça que se apaixonou por um forasteiro, por isso a família não queria o casamento dos dois. Assim, eles resolveram fugir. Então o irmão da moça foi atrás deles, matou o rapaz perto de uma pedra e a moça voltou para casa dos pais dela. [...] O lugar do crime ficou conhecido como a “Pedra da Moça”.</i>
--

(Texto 10: P.M. – 6º ano 04)

Quadro 19: Transcrição do texto 10

No texto ora analisado, defendendo a tese de que forasteiro que mexesse com moça de família deveria mesmo ser morto, o aluno coloca o valor concreto da

honra familiar, mas, desta vez, figurado, através do lugar de essência, na imagem do irmão da moça. Nos dizeres desse texto, compreendemos que as moças solteiras da época deveriam namorar rapazes de famílias tradicionais e conhecidas da região.

Relembrando o que diz Perelman e Tyteca (2005), nesse aspecto, compreendemos que estar de acordo com um valor, é admitir que um objeto, um ser ou um ideal deve exercer sobre a ação e as disposições à ação uma influência determinada. Pensando dessa forma, as ações do pai ou do irmão, que mataram, ora o namorado, ora o namorado e a moça, se justificam do ponto de vista dos valores cultivados na época.

Relembremos, então, através do quadro síntese a seguir, os principais valores hierarquizados nos textos produzidos pelos alunos, não necessariamente os valores das teses centrais:

PRINCIPAIS VALORES HIERARQUIZADOS NOS TEXTOS DOS ALUNOS		
Nº DO TEXTO	TOPO DA HIERARQUIA	OUTRO (S) VALOR (S) SUBJACENTES
TEXTO 02	O amor e a paixão do casal como superiores	A obediência ao pai. A honra.
TEXTO 12		A família.
TEXTO 15		A honra familiar. O patriarcalismo.
TEXTO 03	Namoro precoce como inadequado	A violência impulsionada pela honra.
TEXTO 16	A crueldade e violência	A paixão do casal como superior aos seus atos. A honra familiar.
TEXTO 04	A honra como essência do homem	A violência. A submissão feminina.
TEXTO 06		A violência. A desobediência.

TEXTO 07	A honra familiar	A submissão feminina.
TEXTO 11		A violência causada pelo ciúme.
TEXTO 05		Patriarcalismo, a paixão do casal.
TEXTO 08		A moral e os bons costumes sociais.
TEXTO 10		Paixão proibida.
TEXTO 13		A paixão do casal, autoridade paterna. Vida após a morte.
TEXTO 14		Paixão do casal como superior a autoridade paterna.
TEXTO 09	O dinheiro	A autoridade paterna.

Quadro 20: Principais valores hierarquizados nos textos dos alunos

Fazendo uma breve análise do quadro síntese de valores hierarquizados pelos alunos, podemos perceber que o valor, de longe, mais predominante nos textos dos alunos é o da honra, seja ela familiar ou como essência masculina, sendo, neste último caso, concretizada e impulsionadora de um ato insano de maldade. Este valor está presente em 09 dos 15 textos analisados, representando um percentual de 60% do total de textos. Figurada no valor da honra, em alguns texto, aparece a oposição bem/mau, especificamente o mau, configurado nas ações, ora do pai da moça, ora do namorado, de acordo com o enredo que o aluno mostrou. O valor do romantismo, a paixão do casal acima de qualquer regra ou autoridade, aparece em 20% dos textos, configurados em 03 textos. O valor do dinheiro do namoro precoce como inadequado/errado e da crueldade/violência, aparecem, cada um, em 01 texto dos 15 analisados, tendo, portanto, 6,6% de cada valor no total dos textos.

Assim, compreendemos, de maneira geral, a partir da análise do quadro síntese dos valores hierarquizados nos textos dos alunos, a honra, seja ela familiar ou caracterizadora de atos insanos, é um valor predominante nos textos desses alunos. Isso se dá, como outrora mencionado, por fatores comungados entre o gênero lenda e os valores da argumentação, presentes nos textos.

Até na Bíblia sagrada, encontramos referência ao valor mais presente na *Lenda da Pedra da Moça*: *Honrar aos pais é um princípio básico para qualquer filho*

e é o único mandamento que promete prolongar os seus dias na Terra. (Êxodo 20:12). Nessa perspectiva, o valor da honra é apresentado como justificativa para os atos insanos protagonizados ora pelo pai, ora pelo namorado da moça. Contudo, essa realidade não é fictícia. Pelo contrário, está muito mais próxima de nós do que podemos imaginar. Em diversas famílias, em diversos lugares, a honra representa o nome de uma pessoa, de uma família inteira.

Cascudo (2006) aponta o gênero lenda como determinante de um valor local. Segundo ele, a lenda pode explicar um hábito local, trazendo a tona, juntamente com esse valor, aspectos relacionados a região, e época. Dessa maneira, frisamos mais uma vez a escolha do gênero que ancora nosso *corpus* de análise, uma vez que consideramos, o valor da honra, ponto forte de nosso estudo e determinante para os padrões familiares tradicionais da época e do lugar, o aspecto argumentativo mais notadamente presente na *Lenda da Pedra da Moça*.

A hierarquização de valores cria, nesses textos, escalas dos valores mais perceptíveis que, aliados à necessidade de limitar a moral do imoral, o certo do errado, o bom do mau, aspecto típico do gênero lenda, trazem a possibilidade do leitor reinterpretar fatos, re-hierarquizar valores, intervindo direta e criticamente no julgamento de valores expressos nas atitudes e ações dos protagonistas. Essa intervenção, tanto de quem produz, como de quem lê esses textos, representa o foco substancial de nossos objetivos e isso só é possível pelo fato do conteúdo temático dos textos estar mais próximo da realidade dos alunos, premissa esta, admita por nós desde o princípio desta pesquisa. A honra era e ainda é, em muitos lugares, valor que motiva e justifica muitos atos impensados que, a primeira vista, pareceriam violentos, absurdos, mas que, em muitas famílias tradicionais é o único instrumento que um “homem” dispõe.

4.3 TÉCNICAS ARGUMENTATIVAS: DA FALA DO CONTADOR AOS TEXTOS DOS ALUNOS

Amparados nos preceitos de Perelman e Tyteca (2005), relembremos a importância de analisar a estrutura dos argumentos isoladamente para melhor discernir um esquema argumentativo. A partir daqui, analisaremos os esquemas

(técnicas) separadamente, procurando compreender a sua aplicação a casos particulares. Portanto, neste ponto de nosso estudo, procuraremos fazer um levantamento, de maneira mais específica, do emprego de algumas das principais técnicas argumentativas utilizadas tanto pelo contador quanto pelos alunos na produção dos textos. A evidenciação desses processos argumentativos também contribui para que confirmemos nosso pressuposto de que o aluno se posiciona de maneira mais efetiva diante da leitura/produção textual cuja temática está mais próxima de sua realidade e mundo imaginário.

Ressaltamos ainda, antes de adentrarmos efetivamente no levantamento das principais técnicas argumentativas mobilizadas pelo contador e pelos alunos em seus textos, que: (i) nossa análise não esgota a possibilidade de existência de outros processos argumentativos, aqui, elencamos apenas aqueles que, aos nossos olhos pareceram mais evidentes; (ii) as técnicas e/ou argumentos por nós destacados, como outrora mencionado, por constituírem uma estrutura analisada isoladamente, podem não apresentar, obrigatoriamente, em todos os casos, relação direta com a tese defendida no texto.

4.3.1 As técnicas mobilizadas pelo contador

Na fala de Seu Quinco Borges, é possível perceber argumentos baseados na estrutura do real, pela ligação de coexistência através da relação ato/pessoa. Dessa forma, construímos a imagem do rapaz, da moça e, principalmente do pai da moça a partir de seus atos. O rapaz, como corajoso, a moça, como desobediente, o pai, como valente e honrado, zeloso pela honra da família.

É possível ainda perceber a argumentação quase lógica com o argumento com base na regra de justiça, fortemente presente, tanto para o namorado, como para a própria filha: “quando mata o cachorro mata a cachorra também”... Aqui, percebemos que o que vale para um, vale para o outro também, mesmo que esse outro seja a própria filha.

Ainda no que se refere a fala de seu Quinco, temos a argumentação que funda a estrutura do real, completando essa estrutura. Essa argumentação ocorre através do fundamento ao caso particular, pelo modelo:

Transcrição da contação de seu Quinco Borges
--

(...) hoje um.. um soldado passa a ter um grau por curso e naquele tempo era por bravura, aí faça de conta que isso foi uma bravura do pai... uma bravura GRANDE... que noventa dias e ele ainda sair atrás... e não levou pra casa NÃO Deixou...
--

Transcrição de contação F.B.O

Quadro 21: Transcrição da contação de seu Quinco Borges

Assim, ao recorrer ao lugar de essência para utilizar a figura do soldado, como modelo semelhante ao pai da moça, no que se refere a bravura de ambos, seu Quinco sugere a imitação, tanto do pai, como do soldado, em ordem decrescente do extraordinário (o soldado e o pai da moça), à pessoa comum.

De acordo com Perelman e Tyteca (2005), a condição para que um indivíduo seja aceito e seguido como modelo, é o prestígio que esse indivíduo exerce sobre o orador. Dessa maneira, consideramos que, para seu Quinco, tanto um soldado, quanto o pai da moça apresentam prestígio e são, portanto, modelos a serem seguidos.

Assim, após reveladas as principais técnicas na contação da lenda, por parte de seu Quinco Borges, concordamos com Abreu (2013), quando este ressalta que nossas vidas pessoais são construídas a partir de narrativas, uma vez que cada um de nós é capaz de contar sua história, dramas, situações vividas alternando tristeza e felicidade. Nessa perspectiva, consideramos que seu Quinco não apenas narra a *Lenda da Pedra da Moça*, mas também se envolve, se alegra ou se entristece, toma partido, como já vimos, hierarquizando valores, e se posiciona, defendendo uma tese e utilizando, como acabamos de ver, técnicas que trabalham em favor da manutenção dessa tese.

Tudo isso nos serve de confirmação para o fato de que, mesmo em narrativas como esta, a argumentação está presente, uma vez que, ao contar uma história, o contador se posiciona diante dos fatos, passando, então, a ser também orador. Isso se reforça ainda mais se considerarmos também, o propósito de cada orador e os demais aspectos inerentes ao gênero que ele produziu.

4.3.2 As técnicas mobilizadas pelos alunos

A percepção das técnicas argumentativas mobilizadas por nosso contador de lendas foi de significativa valia para a melhor compreensão de nosso trabalho e sua contribuição foi, deveras, essencial ao andamento desta pesquisa. Contudo, é nos textos dos alunos que o nosso olhar recai com maior atenção, visto ser neles também, que incidem nossos objetivos e propósitos por melhoramentos.

Vejamos a partir de agora, as principais técnicas argumentativas utilizadas pelos alunos em seus textos. Antes de comprovarmos a análise individual, com as transcrições dos textos de cada aluno, vejamos o quadro síntese dos principais argumentos utilizados por eles.

PRINCIPAIS ARGUMENTOS MOBILIZADOS PELOS ALUNOS	
Nº	ARGUMENTOS⁹
Texto 02	Argumentos baseados na estrutura do real por ligações de sucessão Argumentos baseados na estrutura do real por ligações de coexistência
Texto 03	Argumentos baseados na estrutura do real por ligações de sucessão Argumentos baseados na estrutura do real por ligações de coexistência
Texto 04	Argumentos baseados na estrutura do real por ligações de sucessão Argumentos baseados na estrutura do real por ligações de coexistência
Texto 05	Argumentos baseados na estrutura do real por ligações de sucessão Argumentos baseados na estrutura do real por ligações de coexistência Argumentos quase-lógicos por regra de justiça
Texto 06	Argumentos baseados na estrutura do real por ligações de sucessão Argumentos baseados na estrutura do real por ligações de coexistência
Texto 07	Argumentos baseados na estrutura do real por ligações de sucessão Argumentos baseados na estrutura do real por ligações de coexistência
Texto 08	Argumentos baseados na estrutura do real por ligações de sucessão Argumentos baseados na estrutura do real por ligações de coexistência

⁹ A evidenciação do(s) argumento(s) principal (is) não sinaliza a não existência de outros argumentos presentes nos textos. A amostragem dos argumentos no quadro apenas se refere aos argumentos mais notadamente visíveis aos nossos olhos.

Texto 09	Argumentos baseados na estrutura do real por ligações de sucessão
Texto 10:	Argumentos baseados na estrutura do real por ligações de sucessão Argumentos baseados na estrutura do real por ligações de coexistência
Texto 11:	Argumentos baseados na estrutura do real por ligações de sucessão Argumentos baseados na estrutura do real por ligações de coexistência
Texto 12:	Argumentos baseados na estrutura do real por ligações de sucessão Argumentos baseados na estrutura do real por ligações de coexistência
Texto 13:	Argumentos baseados na estrutura do real por ligações de sucessão Argumentos baseados na estrutura do real por ligações de coexistência
Texto 14:	Argumentos baseados na estrutura do real por ligações de sucessão Argumentos baseados na estrutura do real por ligações de coexistência
Texto 15:	Argumentos baseados na estrutura do real por ligações de sucessão Argumentos baseados na estrutura do real por ligações de coexistência
Texto 16:	Argumentos baseados na estrutura do real por ligações de sucessão Argumentos baseados na estrutura do real por ligações de coexistência

Quadro 22: Principais argumentos mobilizados pelos alunos

Como podemos perceber no quadro anterior, os alunos mobilizam diferentes técnicas argumentativas para defenderem suas teses. Contudo, é visível que as ligações de sucessão, que estimulam a argumentação a partir da constatação de um nexos causal, são predominantes em todos os textos. A seguir, mostraremos nas transcrições dos textos, as relações estabelecidas por essa ligação de sucessão.

Transcrição do texto 02
<i>Por volta de 1934, uma jovem, por volta de 18 a 20 anos tentou fugir com o namorado e os pais não aceitavam este relacionamento. Para impedi-la, os pais a mataram em cima de uma pedra. Reza a lenda que no outro dia a pedra amanheceu com as feições da mulher e quando chovia a pedra sangrava.</i> (Texto 02: N.Q. - 6º ano 02)

Quadro 23: Transcrição do texto 02

Nesse texto, assim como em todos os demais textos produzidos pelos alunos, os argumentos se baseiam na experiência, nas relações das coisas do mundo real. São, portanto, argumentos baseados na estrutura do real. Como já vimos em Perelman e Tyteca (2005), os argumentos baseados na estrutura do real são fundamentados nas relações entre as coisas do mundo real. Relações estas, dadas por sucessão, coexistência ou por relações simbólicas. Em todos os textos percebemos as ligações de sucessão, que, de acordo com Perelman e Tyteca (2005), estimulam a argumentação a partir da constatação de uma relação de causa/efeito, consequência/finalidade.

No texto 02, o aluno estabelece essa ligação de sucessão ao passo que elabora o seguinte esquema:

Relação de sucessão no texto 02	
Causa:	Namoro proibido
Efeito:	Morte

Quadro 24: Relação de sucessão no texto 02

A presença da argumentação baseada na estrutura do real, por ligação de sucessão em todos os textos produzidos pelos alunos, nos permite delimitar um espaço maior para evidenciar o uso desse tipo de argumento, percebendo os esquemas de causa/efeito, consequência/finalidade, utilizados pelos alunos. Tais esquemas, como podemos constatar no quadro abaixo, se diferenciam apenas nos aspectos que delineiam a ligação de sucessão:

LIGAÇÕES DE SUCESSÃO NOS DEMAIS TEXTOS DOS ALUNOS		
Nº	Transcrição do texto	Relação expressa
03	[...] ela fugiu com o namorado para a mata. [...] os cangaceiros encontraram o casal, os mataram com tiros de fuzil perto da pedra e enterraram lá mesmo. Por essa razão a pedra ficou conhecida	Ligação de sucessão Causa: fuga Efeito: morte do casal,

	como a Pedra da Moça, pois mataram e enterraram uma moça lá.	pelos cangaceiros a mando do pai da moça
04	[...] Até que a moça, devido aos ciúmes exagerados do rapaz, terminou o relacionamento. Ele, naturalmente não gostou nada e, chamou-a para se encontrar na pedra a noite. Quando chegou a noite, eles foram se encontrar na pedra e o rapaz já foi armado de faca. Não deu outra! Ele deu duas facadas nela e ela caiu de braços abertos na pedra, já morta.[...]	Ligação de sucessão Causa: ciúmes do rapaz Efeito: morte da moça pelo namorado
05	Era uma vez um rapaz que namorava uma moça mas os pais dela não aceitavam. [...] Até que eles fugiram. [...] Então o pai matou o rapaz [...]	Ligação de sucessão Causa: fuga Efeito: morte do rapaz, pelo pai da moça
06	[...] uma moça conheceu um rapaz e começaram a namorar. Porém o pai dela não aceitava esse namoro. Foi quando o namorado dela resolveu por um fim nessa história, tirando a vida da moça.	Ligação de sucessão Causa: ciúme do namorado Efeito: morte da moça pelo namorado
07	[...] uma moça namorava um rapaz muito ciumento que sempre tinha ciúmes dela. Uma vez o rapaz chamou a moça para ir a essa tal pedra. Ao chegar lá, ele a matou.	Ligação de sucessão Causa: ciúme do namorado Efeito: morte da moça pelo namorado
08	[...] um casal jovem namorava. Só que seus pais não gostavam desse relacionamento porque eles só gostavam de namorar perto de uma pedra. Um dia eles marcaram para fugir na noite. [...] Foi quando o pai da moça apareceu e assassinou sua filha.	Ligação de sucessão Causa: fuga Efeito: morte da moça por seu próprio pai
09	Era um fazendeiro que não queria que a filha casasse com um escravo. Um dia eles dois estavam sentados numa pedra e o fazendeiro os matou [...]	Ligação de sucessão Causa: preconceito do pai Efeito: morte do casal
	Tinha uma moça que se apaixonou por um	Ligação de sucessão

10	forasteiro, por isso a família não queria o casamento dos dois. Assim, eles resolveram fugir. Então o irmão da moça foi atrás deles, matou o rapaz perto de uma pedra e a moça voltou para casa dos pais dela.	Causa: namoro proibido/fuga Efeito: morte do rapaz, pelo irmão da moça
11	um rapaz namorava uma moça mas por muitos ciúmes dele, ela terminou o namoro. O rapaz não se conformou com o fim do namoro e então, certo dia ele encontrou ela justamente nessa pedra.	Ligação de sucessão Causa: ciúme do namorado Efeito: morte da moça pelo namorado
12	[...]dois jovens iam fugindo para se casarem, pois os seus pais não consentiam esse namoro. Quando estavam alojados para passar a noite numa pedra, foram surpreendidos pelo pai da moça que matou os dois e enterrou naquele mesmo local	Ligação de sucessão Causa: fuga Efeito: morte do casal pelo pai da moça
13	Rosinha era apaixonada por um rapaz que tinha a idade de 19 anos. O pai da moça nunca aceitou o namoro dos dois. Todos os dias eles namoravam escondidos do pai da moça. Um dia eles resolveram fugir de casa pois sabiam que o pai da moça não iria aceitar os dois, e então eles fugiram para o sertão.[...] O pai chegou lá onde o casal estava e assassinou os dois com vários tiros pois estava furioso pelo ato que cometeram [...]	Ligação de sucessão Causa: namoro proibido/fuga Efeito: morte do casal pelo pai da moça
14	[...] antigamente existia um homem chamado Fáusto [...] que cuidava muito bem de sua filha chamada Chinha. [...] Certo dia ele descobriu que ela estava namorando escondido dele numa pedra perto da sua casa [...] a seguiu armado com uma faca e foi travada naquela pedra uma luta entre o namorado que estava sem chance de vencer por não estar armado e o pai da moça. Após ser morto o rapaz derramou muito sangue na pedra e depois	Ligação de sucessão Causa: desobediência da moça, namoro proibido Efeito: morte do rapaz pelo pai da moça Causa: morte do rapaz Efeito: suicídio da moça

	a moça muito triste se matou também no lugar da pedra [...]	
15	Tudo começou com um jovem casal muito apaixonado, porém o pai da moça não permitia o relacionamento do casal. Por este motivo o casal resolveu fugir para longe [...] No dia seguinte o pai da moça sentiu falta da presença de sua filha, já imaginando que ela tinha fugido com o rapaz, muito furioso saiu atrás dos dois jurando sua morte. [...] chegando lá sem mais demora matou a filha e o rapaz e os enterrou perto de uma pedra.	Ligação de sucessão Causa: romance proibido, fuga Efeito: morte do casal
16	[...] uma moça namorava com um jovem rapaz, mas o pai dela não queria esse relacionamento. Por esse motivo o rapaz e a moça tiveram a ideia de fugir de casa para viver esse romance. Ao saber desse acontecimento o pai da mesma contratou o serviço de um pistoleiro para que desce um fim no casal, já que sua filha tinha o desobedecido [...]o pistoleiro avistou o casal [...] logo em seguida foi em direção das vítimas e começou a agredir o rapaz até sua morte. E a moça muito apavorada sem saber o que estava acontecendo e transtornada com tamanha maldade também não imaginaria que também ia ser agredida e consequentemente enterrada viva pelo próprio homem.	Ligação de sucessão Causa: fuga Efeito: morte casal por um pistoleiro contratado pelo pai da moça

Quadro 25: Ligações de sucessão nos demais textos dos alunos

É válido ressaltar, contudo, que não são 100% dos textos que se apresentam sob ligação de sucessão, ou, pelo menos, não tão somente por ela. No texto 05, o que mais se aproxima da fala de seu Quinco, encontramos também, argumentos baseados na estrutura do real por ligação de coexistência que, segundo Perelman e

Tyteca, estabelecem um vínculo entre realidades diferentes, fazendo com que, construamos a imagem de uma pessoa, atribuindo-lhe um julgamento de valor, através de seus atos.

Dessa forma, podemos, a partir dessa ligação, atribuir ao namorado, a característica de ser audaz e corajoso em fugir com a moça, mesmo isso custando a sua própria vida. Ao pai, consideramos também um homem corajoso:

Transcrição do texto 05

Um dia o rapaz convidou a moça para fugir, então ela disse:
--

- Meu pai é homem!

E o rapaz disse:

- Eu também sou.

(Texto 05: H.G.Q.C – 6º ano 02)
--

Quadro 26: Transcrição do texto 05

De acordo com Perelman e Tyteca (2005), muitos argumentos são influenciados pelo prestígio e esse prestígio, conferido ao namorado e ao pai da moça, a partir de suas ações, os caracterizam, como outrora mencionado, como indivíduos representantes de uma essência, a essência da coragem, da bravura.

O texto 05 também apresenta argumentos quase lógicos, por regra de justiça, tal qual na contação de seu Quinco: “Quem mata o cachorro, mata a cachorra também, pra não dar lote!”. Para este argumento, o que vale para um indivíduo também vale para os demais, cabendo, assim, tratamento igual para os seres da mesma espécie. Considerando isso, o aluno utiliza esse argumento ao deixar claro em seu texto que assim como o rapaz, a moça também merece morrer, pois ambos cometeram o mesmo pecado, merecendo, portanto, a mesma punição: a morte.

O texto 05 apresenta ainda argumentos que fundam a estrutura do real, a partir do fundamento pelo recurso ao caso particular, pelo modelo e pelo exemplo, evidenciado no mesmo trecho acima. Dessa forma, o namorado, mesmo tendo, nesse texto, suas ações reprovadas moralmente, é apresentado como exemplo de coragem e honra, (o que acabou ocasionando a sua morte e de sua amada),

enquanto o pai é modelo de autoridade paterna e moral. Contudo, uma vez que o orador do texto defende a tese de que, apesar da coragem do rapaz, a justiça foi feita no ato de lavagem de honra do pai, o argumento pelo exemplo, para o pai, é usado de maneira mais intensa.

A argumentação baseada na estrutura do real, pela ligação de coexistência também pode ser vista no texto 10: “um rapaz foi morto pelo irmão da moça que ele tinha carregado para se casar.”. Defendendo a tese de que forasteiro que mexesse com moça de família deveria ser morto, o aluno faz com que o auditório de seu texto construa, a partir de duas realidades distintas (do forasteiro e da família da moça), a imagem do forasteiro que “carregou” a moça e do seu irmão, que foi em sua busca, matou esse forasteiro e a trouxe de volta pra casa. Dessa forma, o aluno utiliza dessa relação ato/pessoa para fazer com que o auditório construa a imagem do irmão que defendeu a honra da família e do namorado forasteiro, que mexeu com uma moça de família e que merecia punição.

É válido destacar que, em quase todos os textos, (02, 03, 05, 08, 10, 12, 13, 14, 15 e 16), a ligação de coexistência, através da relação ato/pessoa, também caracteriza a moça como desobediente, uma vez que em todos esses textos, ela desmerece a autoridade do pai, chegando a comprometer, com seus atos motivados pela paixão, a integridade e o nome da família. Essa mesma ligação de coexistência pela relação ato/pessoa também caracteriza o namorado como ciumento, nos textos 04, 06, 07e 11, assim como também caracteriza os cangaceiros do texto 03 e o pistoleiro do texto 16, como impiedosos e violentos.

A depender da tese a ser defendida, a própria narrativa em si serve como exemplo para a manutenção da moral e dos bons costumes familiares, assim também como, sob outro ponto de vista, poderá também servir como exemplo de coragem de um casal apaixonado em viver um grande amor.

Para Perelman e Tyteca (2005), para que a argumentação pelo exemplo seja efetiva, é necessário que esse exemplo seja concreto e incontestável. Esse poderá ser, então, o ponto fraco da narrativa da Pedra da Moça pois, mesmo alguns contadores (inclusive o nosso), atestando a veracidade dos fatos, para alguns auditórios, por se tratar de uma lenda, muitos elementos do enredo da narrativa são susceptíveis à contestação.

De acordo com Perelman e Tyteca (2005), a argumentação pelo modelo ocorre a partir da sugestão da imitação da ação de certos indivíduos, numa escala

decrecente da pessoa extraordinária à comum. Nessa perspectiva, novamente a depender da tese a ser defendida, o argumento pelo modelo poderá ser relacionado ao rapaz ou ao pai da moça. No caso do texto 05, o aluno, defendendo a tese de que o pai lavou a honra da família, o modelo que prevalece é, pois, o das ações desse pai.

Assim como ocorre a argumentação que fundamenta a estrutura do real pelo modelo, partindo da imitação de determinados atos, ocorre também o inverso, a argumentação, pelo antimitelo. Nesses casos, a argumentação, segundo Perelman e Tyteca (2005), indica algo que deve ser evitado. Nesses moldes está o comportamento e ações do pai da moça, mostrado no texto 09: “[...] um fazendeiro que não queria que a filha casasse com um escravo [...] o fazendeiro os matou, cortando o pescoço deles dois e enterrou perto da pedra.”

Nesse trecho do texto do aluno podemos perceber que a motivação do pai não é nada gloriosa, tampouco justifica o ato por ele cometido. Aqui, fica evidente que o pai não defendia honra alguma e, defendendo, pois, a tese de que o pai da moça era preconceituoso e cruel, o aluno coloca este pai como um antimitelo a ser seguido. Dessa forma, o comportamento, as ações e características do pai são postos em evidência para que o auditório extraia justamente o contrário. O argumento pelo antimitelo aparece também para caracterizar o namorado, enquanto pessoa ciumenta nos textos 04, 06, 07e 11.

Relembrando as palavras de Perelman e Tyteca (2005), ressaltamos que a argumentação se constrói efetivamente fundamentada num conjunto de aspectos que culminam num propósito comum: a adesão a uma determinada tese. Dessa maneira, observamos que, na maioria dos textos produzidos pelos alunos, observamos que os argumentos utilizados por eles, funcionaram como argumentos de ancoragem, uma vez que ancoraram as teses defendidas nos textos, influenciando a adesão do auditório para estas teses.

De acordo com Perelman e Tyteca (2005), para conseguirmos discernir um esquema argumentativo, somos obrigados a interpretar as palavras do orador, suprindo os elos faltantes, mesmo que isso possa acarretar riscos interpretativos. Nessa perspectiva, destacamos que a análise isolada das principais técnicas argumentativas mobilizadas pelos alunos nos direciona para uma melhor compreensão de como se constrói a argumentação nos textos desses alunos, bem como auxilia nossa percepção diante dos processos argumentativos presentes em

gêneros narrativos como este, desmistificando uma tese equivocada de que a presença da argumentação só seria marcada em textos dissertativos.

Como mostramos em nossa análise, um texto narrativo, como a lenda, por exemplo, é também espaço para comunhão entre contação e posicionamento diante dos fatos narrados. Koch (2011) reforça nosso pensamento, considerando a presença da argumentação em todos os textos, independentemente de gênero ou tipo. A autora considera que, em cada texto, de acordo com a intencionalidade do locutor, estabelece-se relações argumentativas. Nos textos dos alunos não é diferente. Ao passo em que contaram sua versão da *Lenda da Pedra da Moça*, eles escolheram um lado a quem apoiar, priorizaram valores em detrimento de outros, assim como utilizaram técnicas e lugares argumentativos para dar subsídio às suas teses.

Essas observações nos direcionam para a constatação de que para que a argumentação se efetive, é primordial ter conhecimento essencial diante do assunto em que se pretende adentrar, daí a importância, para os alunos autores dos textos que compõem o *corpus* desta pesquisa, de lidarem com uma temática próxima de sua realidade, de seu conhecimento e vivência. A partir daqui, escolher as estratégias mais adequadas para se conseguir a adesão do público à tese defendida, torna-se menos árduo, independente de que gênero ou tipologia se lide.

Tudo disso auxilia nossos propósitos em trabalhar na área dos estudos argumentativos, contribuindo para que o aluno utilize, de maneira mais eficaz, do discurso retórico de convencer e persuadir para se promover diante das diversas situações comunicativas cotidianas.

CAPÍTULO V: CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Se é um fato ou lenda
Isso não sei afirmar
Se a certeza tivesse
A todos iria contar
Mas uma coisa garanto
O mistério é de encantar.
Laura Beatriz Silva Soares
Gustavo Emanuel Silva Queiroz*

5.1 AS CONSTATAÇÕES PRELIMINARES

Nesta dissertação, buscamos analisar alguns processos argumentativos presentes na contação de uma lenda local da cidade de São Miguel, a *Lenda da Pedra da Moça*, desde as memórias de um contador de lendas local até os textos produzidos por alunos de 6º e 7º ano, nas aulas de Língua Portuguesa, mais especificamente nas aulas de produção e ensino de texto.

Dessa maneira, num primeiro momento, foi possível perceber maior interesse por parte dos alunos para com a temática proposta do que as temáticas dos textos usualmente utilizados nas aulas de leitura e produção textual, na maioria das vezes, distantes da realidade desse aluno. Diante disso, nos foi possível perceber que os alunos interferem mais no sentido argumentativo, conseguindo se posicionar de maneira mais efetiva e assumindo uma postura diante do conteúdo apresentado, no caso, a *Lenda da Pedra da Moça*.

5.2 DIÁLOGO COM AS QUESTÕES DE PESQUISA

Nossa análise voltou-se para a percepção dos valores hierarquizados, os lugares recorridos e as principais técnicas argumentativas mobilizadas, desde o

texto-fonte do contador de lendas até o texto-base, as produções textuais dos alunos. Para tanto, procedemos da seguinte maneira: i) identificamos as teses defendidas pelo contador e pelos alunos ii) verificamos e descrevemos os valores hierarquizados por ambos, bem como os principais lugares a que se referem os principais argumentos empregados pelos alunos em suas produções textuais; iii) verificamos e descrevemos as principais técnicas argumentativas mobilizadas na transcrição da fala do contador de lendas e nas produções textuais dos alunos.

Como outrora mencionado, a contribuição de seu Quinco Borges foi inegavelmente essencial para o andamento e concretização desta pesquisa. Contudo, nosso foco, tendo em vista também os propósitos do Mestrado Profissional em Letras, é a produção do aluno. Nessa perspectiva, nestas considerações, nossas constatações estão voltadas para esses textos.

As teses reveladas sobre a *Lenda da Pedra da Moça* estão diretamente ligadas aos valores perpassados em cada texto. No que se refere ao foco argumentativo, pudemos observar que os alunos se posicionam de maneiras diferentes, atribuindo graus de importância maiores ou menores a determinados valores expressos nos textos, hierarquizando-os ou re-hierarquizando-os quando necessário. Recorrem a lugares e mobilizam técnicas argumentativas diversas para ancorarem suas teses. Dentre os lugares recorridos, observamos que o lugar de essência foi notadamente o mais utilizado pelos alunos, provavelmente ocasionado pela relação com a vivência do aluno. Quanto às técnicas argumentativas, os argumentos que se baseiam na estrutura do real foram predominantes nos textos produzidos pelos alunos. As ligações de sucessão através da relação causa/efeito, estiveram presentes em 100% dos textos, mesmo que não tão somente elas. Houveram também, na argumentação baseada na estrutura do real, ligações de coexistência, a partir da relação ato/pessoa.

Ainda no que se refere às técnicas, observamos também, nas produções textuais dos alunos, argumentos que fundam a estrutura do real, através do recurso ao caso particular, pelo modelo, pelo antimodelo e pelo exemplo. Encontramos ainda, mesmo que em presença muito menor, a argumentação quase-lógica, através da regra de justiça. Na maioria dos textos, esses argumentos funcionaram como argumentos de ancoragem, uma vez que ancoraram as teses defendidas pelos alunos, influenciando o auditório na adesão das teses defendidas nos textos.

Nessa perspectiva, compreendemos que a argumentação está mais presente na vida do aluno de Ensino Fundamental quando pode ser correlacionada a sua vivência e mundo imaginário, visto ser nesse espaço que o aluno encontra as bases para fundamentar seus argumentos, ou seja, os lugares. Essa premissa nos serviu de base para escolhermos o gênero lenda, mais especificamente uma lenda local, aliando as peculiaridades do gênero ao conteúdo temático, mais próximo à realidade do aluno. Assim, tomamos o gênero como base para a concretização de nossos objetivos, levando em consideração as palavras de Dion (2008), ao considerar o discurso lendário como importante instrumento de adversão e persuasão, desencadeador de uma reinterpretação de fatos, de uma nova visão de uma realidade. Dessa forma, consideramos que os processos argumentativos por nós percebidos, nos textos dos alunos, revelam que a temática mais próxima da realidade desse aluno colabora para que ele demonstre maior envolvimento com a produção/leitura/interpretação do texto.

5.3 CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA COM OS ESTUDOS ARGUMENTATIVOS E OS PROPÓSITOS DO PROFLETRAS

Consideramos ainda, que nossa pesquisa tenha se enquadrado dentro dos propósitos do Mestrado profissional em Letras, uma vez que acreditamos que nosso estudo contribuiu direta ou indiretamente com o trabalho do professor e, conseqüentemente, com a aprendizagem dos alunos, trazendo assim, melhorias para o panorama educacional, a princípio, local.

Apesar do caráter predominantemente interpretativo de nossa pesquisa, realizamos, no decorrer da pesquisa, como outrora exposto e descrito em nosso capítulo metodológico, intervenções de grande valia para a proposta de nosso estudo, bem como para a aprendizagem dos alunos. E, foram exatamente essas intervenções que nos possibilitaram visualizar as constatações acima elencadas e nos permitiram chegar as conclusões abaixo, reafirmando percepções levantadas no início deste trabalho de pesquisa. Concluímos, com a realização deste trabalho que: (i) mesmo com algumas limitações, os alunos argumentam, apesar de ainda apresentam certa carência diante do estágio de desenvolvimento cognitivo em que

se encontram; (ii) essa argumentação aumenta de forma gradual, a medida em que aproximamos as temáticas trabalhadas em sala, à realidade do aluno, uma vez que, ele se baseia na sua vivência para extrair seus argumentos. Assim, ensinar o aluno a raciocinar, a argumentar a partir do que lhe é familiar, é uma tarefa mais atrativa para eles do que a partir dos textos sugeridos nos manuais didáticos com os quais geralmente se trabalham as aulas de ensino e produção de texto; (iii) a escolha do gênero contribuiu significativamente para o desenvolvimento de nossos propósitos de pesquisa; (iiii) trazer para a sala de aula, uma lenda local, trouxe valiosas contribuições para o reconhecimento da cultura da cidade de São Miguel, tanto pela valorização das memórias do contador quanto pelo espaço concedido em sala de aula, para o resgate dessa cultura; (iiiii) trabalhar a argumentação com o aluno, desde o Ensino Fundamental, é tarefa primordial, uma vez que, como já mencionado, acreditamos ser uma atividade extremamente importante e necessária ao homem, enquanto ser social que utiliza diariamente do discurso retórico de convencer, de persuadir para se promover diante das diversas situações comunicativas cotidianas.

Assim, deixamos a questão em pauta para que o educador possa refletir sobre a metodologia adotada cotidianamente nas aulas de Língua Portuguesa, especificamente no que se refere à leitura e produção textual. Se esta metodologia realmente direciona o aluno para o desenvolvimento de seu raciocínio, se contribui para a efetiva construção de seu repertório crítico, se instiga esse aluno a pensar, a argumentar diante das situações comunicativas em geral. Reforçamos a necessidade de se pensar em metodologias que impulsionem o aluno a sair da passividade em que se encontram diante de leituras superficiais e mecânicas que, num inevitável efeito bola de neve, acabam por encurralarem esse aluno a uma produção textual que não explora em nada o seu potencial crítico/argumentativo.

Diante da múltipla de estudos que estão sempre sucedendo outros, nossas considerações sobre os resultados de nossa pesquisa jamais darão conta de apresentar um caráter conclusivo. Pelo contrário, nossas considerações deixam em aberto o espaço para futuras contribuições no que se refere ao trabalho com a argumentação a partir de gêneros de tradição oral como a lenda, por exemplo.

Como já ressaltado nos momentos introdutórios e metodológicos de nossa dissertação, nossos propósitos foram também justificados pela vinculação que mantemos com o Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto (GPET), mais

especificamente à linha de pesquisa “Estudos dos processos argumentativos”. Dessa forma, acreditamos estar, em maior ou menor grau contribuindo para os estudos argumentativos, principalmente para aqueles voltados para o trabalho em sala de aula, uma vez que nossa pesquisa, apesar de apresentar, em maior parte, caráter interpretativo, poderá servir como base para que estudos futuros nessa área, possam complementar o nosso, planejando e executando estratégias interventivas melhor direcionadas nesse aspecto.

5.4 O PROFLETRAS E O POSSÍVEL IMPACTO NA MELHORIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA E NA MINHA FORMAÇÃO PROFISSIONAL E PESSOAL

A desejada proficiência compatível aos nove anos cursados durante o Ensino Fundamental constitui uma indispensável base para os propósitos do Profletras. Nessa perspectiva, o mestrado se pauta nas diretrizes dos PCNS, propondo um ensino que valoriza o desenvolvimento da criticidade do aluno diante das atividades cotidianamente articuladas pelo professor.

A contribuição com a aprendizagem dos alunos do Ensino Fundamental, ocorre principalmente no momento destinado a intervenção que, em nosso caso, traz para sala de aula, uma lenda local da cidade de São Miguel, com conteúdo temático relacionado a vivência desse aluno. Ao mesmo tempo em que promovemos um resgate da cultura local, colaboramos para o desenvolvimento das atividades expositivo/argumentativas do aluno, instigando-lhe o posicionamento a partir daquilo que lhe é familiar. Dessa forma, toda contribuição trazida por nossa pesquisa, é fruto de um trabalho articulado no decorrer de duas disciplinas de fundamentação, cinco disciplinas obrigatórias, e, em nosso caso, três disciplinas opcionais, todas elas com um foco direcionador para a melhoria dos moldes atuais da educação básica.

Por tudo isso que acabamos de expor, consideramos válido todo nosso trabalho de pesquisa, visto que, mesmo tendo desenvolvido ainda de maneira carente, o aluno das séries iniciais necessita já da argumentação em todos os aspectos do seu cotidiano, desde o momento em que solicita fazer um pedido ou justificativa aos pais, ao momento em que precisa intervir criticamente nas propostas

de trabalho com o texto, em sala de aula e demais espaços pedagógicos. Contribuir para que o aluno possa assumir esse papel em casa, na escola e, futuramente, na sociedade, foi, é e continuará sendo nossa maior pretensão, não apenas enquanto pesquisadores, mas principalmente enquanto professor de Língua Portuguesa.

As contribuições trazidas pelo Mestrado Profissional em Letras, transcendem os limites da sala de aula. Na vida profissional e pessoal, o Profletras passou a enriquecer as experiências diárias de trabalho com a leitura e produção de texto e de ensino, de maneira geral. O papel do professor ganhou, cada vez mais, caráter de intermédio do que propriamente de detentor de conhecimentos. Tais contribuições são fruto de um esforço conjunto que amplia a formação do professor de Língua Portuguesa de forma a tornar a aprendizagem algo realmente significativo e transformador na vida do aluno, considerando as múltiplas tendências teórico-metodológicas numa perspectiva transdisciplinar.

A adoção de novas práticas e/ou novos olhares sobre algumas práticas já existentes, nos possibilitou enxergar e modificar, mesmo que a pequenos passos, um panorama educacional permeado por moldes tradicionais de ensino que em pouco ou nada contribuía para a melhoria da educação básica. Assim, consideramos que a aprendizagem adquirida e vivenciada através do Profletras passou a nos direcionar para um trabalho mais efetivo com o texto, evidenciando uma educação linguística pautada em práticas sociais significativas para o aluno.

Tudo isso não seria possível sem o exercício de (re)conhecimento e aplicação de noções e/ou concepções trabalhadas no decorrer de dois anos de curso, uma vez que a maneira de se conceber e trabalhar o texto, a gramática, o gênero, o letramento, a alfabetização e a linguagem, de modo geral, dentre tantas outras “ferramentas” de ensino, são fundamentais para determinar o (in)sucesso do panorama educacional brasileiro.

REFERÊNCIAS

ABREU, A. S. **A arte de argumentar**: gerenciando razão e emoção. 13 ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

ABREU, A. S. **Para um diálogo sobre argumentação**: uma entrevista com Revista Diálogo das letras. Pau dos Ferros, v. 02, n. 01, p. 429 – 433, jan./jun. 2013. Entrevista ao Prof. Dr Gilton Sampaio de Souza, Prof. Dndó José Cezinaldo Rocha Bessa e Prof Ms Ananias Agostinho da Silva. Disponível em: <<http://periodicos.uern.br/index.php/dialogodasletras/article/viewFile/554/296>> Acesso em 29 de março de 2015.

ALVES, M. L. **O ethos de estudantes de Letras em Relatórios de Estágio de diferentes IES brasileiras**. 235 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2011.

AMOR. In: DICIONÁRIO Michaelis. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=amor>> Acesso em 15 de agosto de 2015.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins, 2003.

BARBOSA, A. G. **Saberes gramaticais na escola**. In: VIEIRA, S.R. & BRANDÃO, S.F. (Orgs.). **Ensino de gramática**: Descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2007. p. 31-54.

BAUER, M. W.; AARTS, B. **A construção do corpus**: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

BELINTANE, C. **Oralidade e alfabetização**: uma nova abordagem da alfabetização e do letramento. São Paulo: Cortez, 2013.

BOAVENTURA, E.M. **Metodologia da pesquisa**: monografia, dissertação, tese. 1ed. São Paulo: Atlas, 2014.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

_____. **Memória e sociedade**: Lembranças dos velhos. 14ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 2ed. Campinas, S.P: Unicamp, 2004.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRONCKART, J.P. _____. (1997). **Atividade de linguagem, textos e discursos:** por um interacionismo sócio-discursivo. Trad. Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.

CASCUDO, L.C. **Folclore do Brasil:** pesquisas e notas. 3ed. São Paulo: Global, 2012.

CASCUDO, L.C. **Literatura oral no Brasil:** 2ed. São Paulo: Global, 2006.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia.** São Paulo: Ática, 2000.

COSTA, R. L. **Os profissionais de Letras e seus discursos:** da constituição do ethos aos sentidos sobre o curso. 171 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros, 2010.

COSTA, S. R. **Dicionário de gêneros textuais.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DION, S. **A lenda urbana:** um gênero narrativo de grande mobilidade cultural. Boitatá Revista, n. 6, ago. 2008.

Disponível em:

<<http://revistaboitata.portaldepoeticasorais.com.br/site/arquivos/revistas/1/lenda%20urbana%20Sylvie%20Dion%20ok.pdf>>

Acesso em: 16 julho de 2015.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola.** Trad. de Roxane Rojo e Glaís Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004, p. 41-70.

FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia.** 8 ed. São Paulo: Ática, 2006.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6ed. São Paulo: Atlas, 2014.

GERALDI, J. W. (org) **O texto na sala de aula.** São Paulo: Ática, 2002.

HALBUWACHS, M. **A memória coletiva.** Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006. 224 p.

HENRIQUES, A. **Argumentação e discurso jurídico.** 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2013.

IDE, P. **A arte de pensar.** Tradução de P. NEVES. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KOCH, I. **Argumentação e linguagem.** 13 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LEAL, T.F.; MORAIS, A.G. de. **Argumentação em textos escritos:** a criança e a escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LEITÃO, S.; BANKS-LEITE, L. **Argumentação na linguagem infantil**: algumas abordagens. In: DEL-RE, A. (org.). **Aquisição da linguagem**: uma abordagem psicolinguística. São Paulo: Contexto, 2006, p. 45-62.

LOPES, C. R. **Em busca do gênero lenda urbana**. Revista Linguagem em (Dis)curso, v. 8, n. 2, maio. 2008.

MACHADO, I.A. **Literatura e redação**. São Paulo: Scipione, 1994.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 7ed. São Paulo: Atlas, 2014.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais**: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P; MACHADO, A. R; BEZERRA, M. A. (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MEYER, M. **A retórica**. São Paulo: Ática, 2007.

MORAIS, A. BATORÉO, H. **Narrativa e argumentação**: o caso das narrativas conversacionais. Disponível em:
<http://www.clunl.edu.pt/resources/docs/grupos/gramatica/grato2011/resumosgrato/41_morais&bator%C3%A9o.pdf>
Acesso em 29 de março de 2015.

MOTTA-ROTH, D; HENDGES, G. R. **Produção textual na Universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

NETO, A. M. **São Miguel na história dos fatos**. Natal, RN: Fundação Sócio-Cultural Santa Maria, 1994.

ORLANDI, E. P.; RODRIGUES, L.S. (Orgs). **Introdução às ciências da linguagem**: discurso e textualidade. Campinas, SP: Pontes, 2006.

ORSOLONI, M. **A construção do discurso em sala de aula**: uma análise sequencial. In: PONTECORVO, C.; AJELLO, A.M.; ZUCCHERMAGLIO, C. **Discutindo se aprende**: interação social, conhecimento e escola. Parte II. Porto Alegre: Artmed, 2005, p.123-144.

ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

PAULINELLI, Maysa de Pádua Teixeira. **Retórica, argumentação e discurso em retrospectiva**. Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, SC, v. 14, n. 2, p. 391-409, maio/ago. 2014.

PERELMAN, C., **Retóricas**. Tradução de M. E. A. P. G.. PEREIRA. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____, OLBRESCHTS – TYTECA. L. **Tratado de argumentação**: a nova retórica. Tradução GALVÃO, M. E. A. P. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Prefeitura Municipal de São Miguel. História da cidade. Disponível em:

<<http://www.saomiguel.rn.gov.br/saomiguel/historia>>

Acesso em 29 de julho de 2015.

PRETI D. (org) **O discurso oral culto**. 2ª. ed. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999. Disponível em:

<http://www.psrossi.com/Normas_entrev.pdf>

Acesso em 20 de agosto de 2014

REBOUL, O. **Introdução à retórica**. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (1997). **Os gêneros escolares**: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: _____. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org. Roxane Rojo e Glaís Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004, p. 71-91.

SEVERINO, A.J. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, A. A. **A argumentação em textos escritos por crianças em fase inicial do ensino fundamental**. 132 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros, RN, 2012.

SILVA, F. P. **“Quem és tú para manchar meu nome?” A produção identitária das mulheres profissionais do sexo como trabalhadoras**. In: FREITAS, A. C., RODRIGUES, L. O., SAMPAIO, M. L.P. (orgs). **Linguagem, discurso e cultura**: múltiplos objetos e abordagens. Pau dos Ferros: Queima-bucha, 2008.

SOUZA, G. S. de. **O Nordeste na mídia**: um (des)encontro de sentidos. 2003. 398 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2003.

_____. (Coord.). **Relatório técnico final de atividades**: Pesquisa “Os gêneros do discurso nas aulas de língua materna do Ensino fundamental e Médio: um estudo sobre o ensino da leitura e produção de textos”. 37 p. Departamento de Letras do Campus Avançado “Profª. Mª Elisa de Albuquerque Maia”, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN. Pau dos Ferros: UERN, 2006. (Apoio: CNPq/FAPERN).

_____. (Coord.). **Relatório técnico parcial de atividades**: Pesquisa “O perfil dos egressos do Curso de Letras do CAMEAM/UERN”. Departamento de Letras do Campus Avançado “Profª Mª Elisa de Albuquerque Maia”, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN. Pau dos Ferros: UERN, 2007. (Apoio: CNPq/UERN).

_____. (Coord.). **Relatório técnico final de atividades**: Pesquisa “A função social dos textos trabalhados no ensino de língua materna e estrangeira: um estudo acerca dos gêneros adotados no Ensino Médio e Superior”. Departamento de Letras do Campus Avançado “Profª. Mª Elisa de Albuquerque Maia”, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN. Pau dos Ferros: UERN, 2008. (Apoio: CNPq/UERN).

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

XAVIER, A. C. **Como fazer e apresentar trabalhos científicos em eventos acadêmicos**. Recife: Rêspel, 2010.

ANEXOS

ANEXO A: Transcrição da contação de seu Quinco Borges

TEXTO 01

(...) pois bem... a famosa Pedra da Moça lá... era um rapaz que tinha um namoro com uma moça e o pai dela não queria esse namoro... aí o rapaz foi e disse pra ela... “eu sou homem”... e ela foi e disse “meu pai também é”... aí ele inventou de carregar ela... no dia que completou noventa dia que ela saiu de casa... diz a história que ele saiu lambendo uma rapadura... topou com ele sentado na tal pedra da moça fazendo um lanche... () --o alimento que tinha () era rapadura... esses noventa dia... aí... quando ela disse “lá vem meu pai”... ((esses noventa dias ele tava noventa dias foragido já?)) ... caçando ela (...) ...procurando () essa filha... (...) aí ela foi e disse “lá vem meu pai”... mas não deu mais tempo a::... aí ele matou ELA... e matou ele... (...) quando acabar disse assim “quando mata o cachorro mata a cachorra também”... eu ainda conheci as pedras colocada no canto das covas... mas eu não conheci as covas... essa história quem me contou muitas veiz foi meu avô isso é tão velho que já era o avô dele que contava... (...)

(...) por causa que essa história ficou assim como uma bravura, que naquele tempo, existia que hoje um.. um soldado passa a ter um grau por curso e naquele tempo era por bravura, aí faça de conta que isso foi uma bravura do pai... uma bravura GRANDE... que noventa dias e ele ainda sair atrás... e não levou pra casa NÃO Deixou...

Transcrição de contação F.B.O.

ANEXO B: Produções textuais completas dos alunos de 6º e 7º anos com base na
Lenda da Pedra da Moça

TEXTO 02**Pedra da Moça**

Por volta de 1934, uma jovem, por volta de 18 a 20 anos tentou fugir com o namorado e os pais não aceitavam este relacionamento. Para impedi-la, os pais a mataram em cima de uma pedra. Reza a lenda que no outro dia a pedra amanheceu com as feições da mulher e quando chovia a pedra sangrava.

(N.Q. - 6º ano 02)

TEXTO 03**A história da Pedra da Moça**

Era um menino e uma menina que inventaram de namorar. A menina foi contar para seus pais que não gostaram nada da ideia. Assim, ela fugiu com o namorado para a mata. Nesse tempo, a mata era fechada e na floresta não tinha casa. Eles encontraram uma pedra e resolveram fazer um fogo para assar uma carne.

Enquanto isso, os pais da menina arrumaram um grupo de cangaceiros e os encarregaram de encontrar o casal de namorados. Por causa da fumaça da carne, os cangaceiros encontraram o casal, os mataram com tiros de fuzil perto da pedra e enterraram lá mesmo. Por essa razão a pedra ficou conhecida como a Pedra da Moça, pois mataram e enterraram uma moça lá.

(A.L.A -, 6º ano 04)

TEXTO 04**A lenda da Pedra da Moça**

Em um sítio chamado sítio Cedro, localizado na divisa entre São Miguel e o estado do Ceará, havia uma pedra enorme. Nesse sítio morava uma moça que tinha um namorado que tinha muitos ciúmes dela. Esse casal se encontrava para namorar nessa pedra a qualquer hora do dia ou da noite. Até que a moça, devido aos ciúmes exagerados do rapaz, terminou o relacionamento. Ele, naturalmente não gostou nada e, chamou-a para se encontrar na pedra a noite. Quando chegou a noite, eles foram se encontrar na pedra e o rapaz já foi armado de faca. Não deu outra! Ele deu duas facadas nela e ela caiu de braços abertos na pedra, já morta.

Hoje, quando as pessoas passam por essa pedra, veem a moça lá, sentada na pedra e, por isso a pedra ficou conhecida como Pedra da Moça.

(A.M.R.O. – 6º ano 02)

TEXTO 05**A pedra da Moça**

Era uma vez um rapaz que namorava uma moça mas os pais dela não aceitavam. Um dia o rapaz convidou a moça para fugir, então ela disse:

- Meu pai é homem!

E o rapaz disse:

- Eu também sou.

Até que eles fugiram. Conta a história que o pai saiu lambendo uma rapadura e descendo um alto quando os avistou fazendo um lanche em cima de uma pedra. A moça avistou o pai mas não pode mais correr. Então o pai matou o rapaz e depois disse:

- Quem mata o cachorro, mata a cachorra também, que é pra não dar lote! –
E matou a moça.

Algumas pessoas contam que essa história é uma lenda, mas assim como me contaram, estou contando.

(H.G.Q.C – 6º ano 02)

TEXTO 06**Pedra da Moça**

Os mais velhos contam que a lenda da pedra da Moça aconteceu da seguinte forma: uma moça conheceu um rapaz e começaram a namorar. Porém o pai dela não aceitava esse namoro. Foi quando o namorado dela resolveu por um fim nessa história, tirando a vida da moça. Essa morte aconteceu em cima de uma pedra que ficou conhecida como a “Pedra da Moça”. A partir desse dia ficou aparecendo algumas visagens todo dia, na mesma hora em que ela morreu.

(M.S.M.A. – 6º ano 02)

TEXTO 07**A pedra da moça**

Dizem que essa pedra recebe esse nome pois uma moça namorava um rapaz muito ciumento que sempre tinha ciúmes dela. Uma vez o rapaz chamou a moça para ir a essa tal pedra. Ao chegar lá, ele a matou. Desde esse dia a pedra é conhecida como a “Pedra da Moça”, que se localiza na saída de São Miguel RN para a cidade de Icó, CE. Essa história se passou há muitos anos, mas de tantas vezes ela ter sido contada e recontada, ficou muito famosa e virou uma lenda. Não se sabe ao certo a história verdadeira.

(B.K.S.B – 6º ano 02)

TEXTO 08**A pedra da moça**

Bom, as pessoas mais velhas contam que um casal jovem namorava. Só que seus pais não gostavam desse relacionamento porque eles só gostavam de namorar perto de uma pedra.

Um dia eles marcaram para fugir na noite. A moça estava esperando seu namorado na noite marcada e nesse dia chovia muito. Foi quando o pai da moça apareceu e assassinou sua filha. Dizem que no dia seguinte ficou a marca da moça na pedra e toda vez que chove dizem que a pedra sangra. Por isso chamam essa pedra de “Pedra da Moça”.

(M.E.B.G.R – 6º ano 02)

TEXTO 09**A história da Pedra da Moça**

Era um fazendeiro que não queria que a filha casasse com um escravo. Um dia eles dois estavam sentados numa pedra e o fazendeiro os matou, cortando o pescoço deles dois e enterrou perto da pedra.

(D.G.. – 6º ano 03)

TEXTO 10**A pedra da Moça**

A história da pedra da moça aconteceu nas proximidades do sítio Lagoinha. Lá tem uma cruz de madeira e dizem os mais velhos que lá aconteceu um crime pois um rapaz foi morto pelo irmão da moça que ele tinha carregado para se casar. Tinha uma moça que se apaixonou por um forasteiro, por isso a família não queria o casamento dos dois. Assim, eles resolveram fugir. Então o irmão da moça foi atrás deles, matou o rapaz perto de uma pedra e a moça voltou para casa dos pais dela.

O lugar do crime ficou conhecido como a “Pedra da Moça”.

(P.M. – 6º ano 04)

TEXTO 11**Padra da Moça**

Segundo a lenda, um rapaz namorava uma moça mas por muitos ciúmes dele, ela terminou o namoro. O rapaz não se conformou com o fim do namoro e então, certo dia ele encontrou ela justamente nessa pedra. Então ele a matou esfaqueada e daí em diante deram o nome dessa pedra de “Pedra da Moça”.

(M.I.F.S. – 6º ano 02)

TEXTO 12**História da Pedra da Moça**

Na estrada que vai para o Icó, nas terras de seu Borges, exatamente do proprietário Antônio Borges está a Pedra da Moça. No tempo dos escravos, dois jovens iam fugindo para se casarem, pois os seus pais não consentiam esse namoro. Quando estavam alojados para passar a noite numa pedra, foram surpreendidos pelo pai da moça que matou os dois e enterrou naquele mesmo local.

Ainda hoje existe essa pedra, só que agora está coberta pelo asfalto que passa nessa estrada.

Essa história ocorreu nessa localidade que fica perto da passagem molhada e foram contadas desde os nossos antepassados até hoje. E hoje, quem vai para o Cedro, Aba e outras localidades passa pela Pedra da Moça.

(M.N. – 6º ano 03.)

TEXTO 13**A PEDRA DA MOÇA**

Diz a lenda que em 1930 na cidade de São Miguel, uma moça de 16 anos conhecida como Rosinha era apaixonada por um rapaz que tinha a idade de 19 anos. O pai da moça nunca aceitou o namoro dos dois. Todos os dias eles namoravam escondidos do pai da moça. Um dia eles resolveram fugir de casa pois sabiam que o pai da moça não iria aceitar os dois, e então eles fugiram para o sertão.

Quando o pai da moça soube que os dois fugiram ficou muito enraivado pois eles não pediram permissão para fazer isso, e então ele foi armado atrás dos dois. O casal estava passando por uma serra quando eles estavam passando por lá começou a chover, e eles resolveram dar uma pausa no caminho, o pai da moça saia perguntando a todas as pessoas que via pela frente onde o casal tinha ido, e quando foi chegando na serra avistou o casal lá escondido por causa da chuva.

O pai chegou lá onde o casal estava e assassinou os dois com vários tiros pois estava furioso pelo ato que cometeram, nessa hora a chuva tinha aumentado mais ainda e lá possuía uma pedra gigante, que estava derrapando o pai da jovem percebeu e saiu correndo para tentar escapar, mais o casal que havia sido assassinado estavam lá no meio da estrada e nesse momento a gigante pedra caiu encima desse casal.

Um dia depois, várias pessoas foram lá para ver se conseguiam encontra-los, perceberam que poderiam estar embaixo da gigante pedra, se juntaram muitas pessoas e quando levantaram a pedra, simplesmente não tinha nada lá. O grande mistério é que ninguém conseguiu encontra-los até hoje.

Dizem que quando chove essa pedra começa a sair sangue, vários animais como por exemplo gatos, cachorros, começam a latir quando alguém passa por lá a noite e quem passa nunca mais volta.

Essa é mais uma história contada pela população micalense, que veio se passando e até hoje é contada.

(W. P. F.P.. - 7º ANO 01)

TEXTO 14**A LENDA DA PEDRA DA MOÇA**

Dizem algumas pessoas mais velha que antigamente existia um homem chamado Fáusto, ele era um bom trabalhador que cuidava muito bem de sua filha chamada Chinha. Ele era muito enciumado, dizia ele que não queria ela namorando mas ela não ligava para o que ele dizia e vivia fugindo para namorar com o rapaz que trabalhava com seu pai.

Certo dia ele descobriu que ela estava namorando escondido dele numa pedra perto da sua casa que atualmente se localiza no município de São Miguel RN no sitio Lagoinha e ele, nesse dia que ela foi namorar, a seguiu armado com uma faca e foi travada naquela pedra uma luta entre o namorado que estava sem chance de vencer por não estar armado e o pai da moça. Após ser morto o rapaz derramou muito sangue na pedra e depois a moça muito triste se matou também no lugar da pedra e por isso que essa pedra e chamada de pedra da moça.

E dizem que até hoje quando chove dessa pedra sai sangue.

(J. V. A. – 7º ANO 01)

TEXTO 15**A PEDRA DA MOÇA**

Tudo começou com um jovem casal muito apaixonado, porém o pai da moça não permitia o relacionamento do casal. Por este motivo o casal resolveu fugir para longe, onde não seriam impedidos de expressar os seus sentimentos.

Assim, logo ao amanhecer partiram sem destino algum, só sabiam que iriam para longe, então eles fugiram e o cachorro da casa os seguiu, sem que eles pudessem perceber. No dia seguinte o pai da moça sentiu falta da presença de sua filha, já imaginando que ela tinha fugido com o rapaz, muito furioso saiu atrás dos dois jurando sua morte.

Quando ele estava andando por um matagal, o cachorro de sua casa pulou em cima dele, o cachorro latindo muito e puxando sua roupa o levou até o casal, chegando lá sem mais demora matou a filha e o rapaz e os enterrou perto de uma pedra.

Os mais velhos contam que ali naquela pedra há coisas estranhas, pois em dias de chuva a pedra mostra o sangue do casal, e a noite aparecia um caixão em cima da pedra e quando as pessoas paravam para ver o que era o caixão desaparecia sem mais nem menos.

(Y.M. – 7º ANO 01)

TEXTO 16**PEDRA DA MOÇA**

A lenda conta que uma moça namorava com um jovem rapaz, mas o pai dela não queria esse relacionamento. Por esse motivo o rapaz e a moça tiveram a ideia de fugir de casa para viver esse romance. Ao saber desse acontecimento o pai da mesma contratou o serviço de um pistoleiro para que descesse um fim no casal, já que sua filha tinha o desobedecido. Ao ser contratado, o pistoleiro logo foi à procura para encontra – los. Já era noite e a busca ficava cada vez mais difícil quando o mesmo percebeu que bem lá na frente existia uma fumaça, que poderia ser alguém que estivesse por ali.

Ao se aproximar o pistoleiro avistou o casal que estavam se aquecendo em uma fogueira, logo em seguida foi em direção das vítimas e começou a agredir o rapaz até sua morte. E a moça muito apavorada sem saber o que estava acontecendo e transtornada com tamanha maldade também não imaginaria que também ia ser agredida e conseqüentemente enterrada viva pelo próprio homem.

O que muitos contam é que a moça foi enterrada e em cima do seu túmulo tinha uma pedra cobrindo sua cova e todos que moram ali por perto relatam que nas noites de chuva a pedra aparece como se tivesse sangue saindo sobre ela.

(A.B. – 7º ANO 01)

ANEXO C: Plano de uma aula sobre o gênero lenda



Escola Municipal Elisiário Dias – Ensino Fundamental

Ano letivo: 2014

Ano escolar: 6º ano 02, 03, 04

Ano letivo: 2015

Ano escolar 7º 01

Professora: Francinilda Dantas

PLANO DE AULA – LÍNGUA PORTUGUESA

Objetivos:

- Compreender o gênero lenda
- Refletir sobre as peculiaridades do gênero e suas implicações.

Duração: 05 h/a

Conteúdos:

- ✓ Gênero lenda

Procedimentos Metodológicos:

- Ativação de conhecimentos prévios: Discussão a respeito do gênero lenda;
- Levantamento das principais características do gênero;
- Questionamento oral: “Vocês conhecem outras lendas? Quais?”
- Discussão em grupo: lendas locais.
- A lenda da Pedra da Moça – discussão, encaminhamento para pesquisa.
- Atividade relacionada.
- Contação da lenda (após pesquisa)

Recursos:

- Xérox
- Pincel e quadro branco

Avaliação:

- . Participação do aluno nas atividades propostas

ANEXO D: Ilustrações fotográficas que registram um dos momentos de intervenção





ANEXO E: Termos de consentimento e livre esclarecimento para os participantes da pesquisa



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE (UERN)
Campus Avançado "Prof. Maria Elisa de Albuquerque Maia" (CAMEAM)
Departamento de Letras Estrangeiras (DLE)
Programa de Mestrado Profissional em Letras em rede nacional (PROFLETRAS)
Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto (GPET)
Linha de Pesquisa: "Estudos dos Processos Argumentativos"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a), como voluntário(a), a participar da pesquisa que tem como TÍTULO:

"Cultura Popular e argumentação sobre a Lenda da Pedra da Moça no município de São Miguel, RN: das memórias do contador de histórias às produções textuais em sala de aula", de autoria de Francinilda Lucinda Dantas.

Essa Pesquisa tem o OBJETIVO de:

Analisar os processos argumentativos como teses, técnicas argumentativas, lugares da argumentação e hierarquia de valores presentes nos textos produzidos por alunos do Ensino Fundamental na Lenda da Pedra da Moça.

DESCONFORTOS, RISCOS E BENEFÍCIOS:

A sua participação será na produção de textos, na exposição de fotografias, bem como na gravação das contações. Todos os dados desta pesquisa serão de domínio público, com as respectivas autorias, cabendo a você a responsabilidade jurídica do conteúdo. Para isso, lhe será apresentado o texto, antes de sua exposição, para que seja recolhida sua assinatura autorizando a sua publicação.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO E LIBERDADE DE RECUSA:

Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Ressalte-se que as informações colhidas pertencerão ao domínio público, sendo estas publicadas com as respectivas autorias; ou seja, você será identificado(a) em todas as publicações que possa resultar deste estudo. Os resultados serão enviados para seu conhecimento antes de qualquer publicação. O material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Uma cópia deste consentimento informado será anexada a dissertação de mestrado e os originais serão guardados com a autora da dissertação.

DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE E DO RESPONSÁVEL PELO PARTICIPANTE

(caso seja menor de idade):

Eu/Nós Francisco Bonifácio de Oliveira e Silva

fomos informados dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclarecemos nossas dúvidas. Sabemos que em qualquer momento poderemos solicitar novas informações e motivar nossa decisão se assim o desejarmos. O professor orientador e o(a) professor(a) pesquisada certificaram-nos de que em todos os dados desta pesquisa serão respeitadas as autorias e que as informações contidas poderão ser acessadas por todas as pessoas, respeitando-se os protocolos da pesquisa.

Declaramos que CONCORDAMOS em participar desse estudo. Recebemos uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e nos foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as nossas dúvidas.

São Miguel/RN, 15 de junho de 2014

Francisco Bonifácio de Oliveira e Silva Francisco Bonifácio de Oliveira
NOME DO DECLARANTE Assinatura

NOME DO PAI OU RESPONSÁVEL

Assinatura

Francinilda Lucinda Dantas Francinilda Lucinda Dantas
NOME DO(A) PESQUISADOR(A) Assinatura

Gilton Sampaio de Souza

Gilton Sampaio de Souza

NOME DO PROFESSOR ORIENTADOR

Assinatura



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE (UERN)
Campus Avançado "Prof. Maria Elisa de Albuquerque Maia" (CAMEAM)
Departamento de Letras Estrangeiras (DLE)
Programa de Mestrado Profissional em Letras em rede nacional (PROFLETRAS)
Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto (GPET)
Linha de Pesquisa: "Estudos dos Processos Argumentativos"
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a), como voluntário(a), a participar da pesquisa que tem como **TÍTULO:**

"Cultura Popular e argumentação sobre a Lenda da Pedra da Moça no município de São Miguel, R/N: das memórias do contador de histórias às produções textuais em sala de aula", de autoria de Francinilda Lucinda Dantas.

Essa Pesquisa tem o **OBJETIVO** de:

Analisar os processos argumentativos como teses, técnicas argumentativas, lugares da argumentação e hierarquia de valores presentes nos textos produzidos por alunos do Ensino Fundamental na *Lenda da Pedra da Moça*.

DESCONFORTOS, RISCOS E BENEFÍCIOS:

A sua participação será na produção de textos, na exposição de fotografias, bem como na gravação das contações. Todos os dados desta pesquisa serão de domínio público, com as respectivas autorias, cabendo a você a responsabilidade jurídica do conteúdo. Para isso, lhe será apresentado o texto, antes de sua exposição, para que seja recolhida sua assinatura autorizando a sua publicação.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO E LIBERDADE DE RECUSA:

Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Ressalte-se que as informações colhidas pertencerão ao domínio público, sendo estas publicadas com as respectivas autorias; ou seja, você será identificado(a) em todas as publicações que possa resultar deste estudo. Os resultados serão enviados para seu conhecimento antes de qualquer publicação. O material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Uma cópia deste consentimento informado será anexados a dissertação de mestrado e os originais serão guardados com a autora da dissertação.

DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE E DO RESPONSÁVEL PELO PARTICIPANTE

(caso seja menor de idade):

Eu/Nós Nicole de D. Carvalho e Maria Jomaira de Queiroz Jurema fomos informados dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclarecemos nossas dúvidas. Sabemos que em qualquer momento poderemos solicitar novas informações e motivar nossa decisão se assim o desejarmos. O professor orientador e o(a) professor(a) pesquisada certificaram-nos de que em todos os dados desta pesquisa serão respeitadas as autorias e que as informações contidas poderão ser acessadas por todas as pessoas, respeitando-se os protocolos da pesquisa.

Declaramos que **CONCORDAMOS** em participar desse estudo. Recebemos uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e nos foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as nossas dúvidas.

São Miguel/RN, 15 de junho de 2014

Nicole de D. Carvalho
 NOME DO DECLARANTE

[Assinatura]
 Assinatura

Maria Jomaira de Queiroz Jurema
 NOME DO PAI OU RESPONSÁVEL

[Assinatura]
 Assinatura

Francinilda Lucinda Dantas
 NOME DO(A) PESQUISADOR(A)

Francinilda Lucinda Dantas
 Assinatura

Gilton Sampaio de Souza

[Assinatura]
 Assinatura

NOME DO PROFESSOR ORIENTADOR



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE (UERN)
Campus Avançado "Prof. Maria Elisa de Albuquerque Maia" (CAMEAM)

Departamento de Letras Estrangeiras (DLE)

Programa de Mestrado Profissional em Letras em rede nacional (PROFLETRAS)

Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto (GPET)

Linha de Pesquisa: "Estudos dos Processos Argumentativos"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a), como voluntário(a), a participar da pesquisa que tem como **TÍTULO:**

"Cultura Popular e argumentação sobre a Lenda da Pedra da Moça no município de São Miguel, RN: das memórias do contador de histórias às produções textuais em sala de aula", de autoria de Francinilda Lucinda Dantas.

Essa Pesquisa tem o **OBJETIVO** de:

Analisar os processos argumentativos como teses, técnicas argumentativas, lugares da argumentação e hierarquia de valores presentes nos textos produzidos por alunos do Ensino Fundamental na *Lenda da Pedra da Moça*.

DESCONFORTOS, RISCOS E BENEFÍCIOS:

A sua participação será na produção de textos, na exposição de fotografias, bem como na gravação das contações. Todos os dados desta pesquisa serão de domínio público, com as respectivas autorias, cabendo a você a responsabilidade jurídica do conteúdo. Para isso, lhe será apresentado o texto, antes de sua exposição, para que seja recolhida sua assinatura autorizando a sua publicação.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO E LIBERDADE DE RECUSA:

Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Ressalte-se que as informações colhidas pertencerão ao domínio público, sendo estas publicadas com as respectivas autorias; ou seja, você será identificado(a) em todas as publicações que possa resultar deste estudo. Os resultados serão enviados para seu conhecimento antes de qualquer publicação. O material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Uma cópia deste consentimento informado será anexada a dissertação de mestrado e os originais serão guardados com a autora da dissertação.

DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE E DO RESPONSÁVEL PELO PARTICIPANTE
(caso seja menor de idade):

Eu/Nós Andreana Lopes de Aguiar e Suelândia Lopes da Silva
fomos informados dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclarecemos nossas dúvidas. Sabemos que em qualquer momento poderemos solicitar novas informações e motivar nossa decisão se assim o desejarmos. O professor orientador e o(a) professor(a) pesquisada certificaram-nos de que em todos os dados desta pesquisa serão respeitadas as autorias e que as informações contidas poderão ser acessadas por todas as pessoas, respeitando-se os protocolos da pesquisa.

Declaramos que **CONCORDAMOS** em participar desse estudo. Recebemos uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e nos foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as nossas dúvidas.

São Miguel/RN, 15 de junho de 2014

<u>ANDRESSA LOPES DE AGUIAR</u> NOME DO DECLARANTE	<u>Andreana Lopes de Aguiar</u> Assinatura
<u>SUELÂNDIA LOPES DA SILVA</u> NOME DO PAI OU RESPONSÁVEL	<u>Suelândia Lopes da Silva</u> Assinatura
<u>Francinilda Lucinda Dantas</u> NOME DO(A) PESQUISADOR(A)	<u>Francinilda Lucinda Dantas</u> Assinatura
<u>Gilton Sampaio de Souza</u> NOME DO PROFESSOR ORIENTADOR	<u>Gilton Sampaio de Souza</u> Assinatura



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE (UERN)
Campus Avançado "Prof. Maria Elisa de Albuquerque Maia" (CAMEAM)
Departamento de Letras Estrangeiras (DLE)
Programa de Mestrado Profissional em Letras em rede nacional (PROFLETRAS)
Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto (GPET)
Linha de Pesquisa: "Estudos dos Processos Argumentativos"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a), como voluntário(a), a participar da pesquisa que tem como **TÍTULO:**

"Cultura Popular e argumentação sobre a *Lenda da Pedra da Moça* no município de São Miguel, R/N: das memórias do contador de histórias às produções textuais em sala de aula", de autoria de Francinilda Lucinda Dantas.

Essa Pesquisa tem o **OBJETIVO** de:

Analisar os processos argumentativos como teses, técnicas argumentativas, lugares da argumentação e hierarquia de valores presentes nos textos produzidos por alunos do Ensino Fundamental na *Lenda da Pedra da Moça*.

DESCONFORTOS, RISCOS E BENEFÍCIOS:

A sua participação será na produção de textos, na exposição de fotografias, bem como na gravação das contações. Todos os dados desta pesquisa serão de domínio público, com as respectivas autorias, cabendo a você a responsabilidade jurídica do conteúdo. Para isso, lhe será apresentado o texto, antes de sua exposição, para que seja recolhida sua assinatura autorizando a sua publicação.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO E LIBERDADE DE RECUSA:

Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Ressalte-se que as informações colhidas pertencerão ao domínio público, sendo estas publicadas com as respectivas autorias; ou seja, você será identificado(a) em todas as publicações que possa resultar deste estudo. Os resultados serão enviados para seu conhecimento antes de qualquer publicação. O material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Uma cópia deste consentimento informado será anexados a dissertação de mestrado e os originais serão guardados com a autora da dissertação.

DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE E DO RESPONSÁVEL PELO PARTICIPANTE

(caso seja menor de idade):

Eu/Nós Aquedro Milena R. de Oliveira e Belânia Ferreira de Oliveira Rego, fomos informados dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclarecemos nossas dúvidas. Sabemos que em qualquer momento poderemos solicitar novas informações e motivar nossa decisão se assim o desejarmos. O professor orientador e o(a) professor(a) pesquisada certificaram-nos de que em todos os dados desta pesquisa serão respeitadas as autorias e que as informações contidas poderão ser acessadas por todas as pessoas, respeitando-se os protocolos da pesquisa.

Declaramos que **CONCORDAMOS** em participar desse estudo. Recebemos uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e nos foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as nossas dúvidas.

São Miguel/RN, 15 de junho de 2014

Aquedro Milena R. de Oliveira Aquedro Milena R. de Oliveira
NOME DO DECLARANTE Assinatura

Belânia Ferreira de Oliveira Rego Belânia Ferreira de Oliveira Rego
NOME DO PAI OU RESPONSÁVEL Assinatura

Francinilda Luanda Dantas Francinilda Luanda Dantas
NOME DO(A) PESQUISADOR(A) Assinatura

Gilton Sampaio de Souza Gilton Sampaio de Souza
NOME DO PROFESSOR ORIENTADOR Assinatura



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE (UERN)
Campus Avançado "Profª. Maria Elisa de Albuquerque Maia" (CAMEAM)
Departamento de Letras Estrangeiras (DLE)
Programa de Mestrado Profissional em Letras em rede nacional (PROFLETRAS)
Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto (GPET)
Linha de Pesquisa: "Estudos dos Processos Argumentativos"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a), como voluntário(a), a participar da pesquisa que tem como TÍTULO:

"Cultura Popular e argumentação sobre a Lenda da Pedra da Moça no município de São Miguel, R/N: das memórias do contador de histórias às produções textuais em sala de aula", de autoria de Francinilda Lucinda Dantas.

Essa Pesquisa tem o OBJETIVO de:

Analisar os processos argumentativos como teses, técnicas argumentativas, lugares da argumentação e hierarquia de valores presentes nos textos produzidos por alunos do Ensino Fundamental na Lenda da Pedra da Moça.

DESCONFORTOS, RISCOS E BENEFÍCIOS:

A sua participação será na produção de textos, na exposição de fotografias, bem como na gravação das contações. Todos os dados desta pesquisa serão de domínio público, com as respectivas autorias, cabendo a você a responsabilidade jurídica do conteúdo. Para isso, lhe será apresentado o texto, antes de sua exposição, para que seja recolhida sua assinatura autorizando a sua publicação.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO E LIBERDADE DE RECUSA:

Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Ressalte-se que as informações colhidas pertencerão ao domínio público, sendo estas publicadas com as respectivas autorias; ou seja, você será identificado(a) em todas as publicações que possa resultar deste estudo. Os resultados serão enviados para seu conhecimento antes de qualquer publicação. O material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Uma cópia deste consentimento informado será anexados a dissertação de mestrado e os originais serão guardados com a autora da dissertação.

DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE E DO RESPONSÁVEL PELO PARTICIPANTE

(caso seja menor de idade):

Eu/Nós Helton Gustavo de Azevedo Carvalho e Jelmia Martens de Queiroz Carvalho fomos informados dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclarecemos nossas dúvidas. Sabemos que em qualquer momento poderemos solicitar novas informações e motivar nossa decisão se assim o desejarmos. O professor orientador e o(a) professor(a) pesquisada certificaram-nos de que em todos os dados desta pesquisa serão respeitadas as autorias e que as informações contidas poderão ser acessadas por todas as pessoas, respeitando-se os protocolos da pesquisa.

Declaramos que CONCORDAMOS em participar desse estudo. Recebemos uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e nos foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as nossas dúvidas.

São Miguel/RN, 15 de junho de 2014

HELTON GUSTAVO DE AZEVEDO CARVALHO Helton Gustavo de Azevedo Carvalho
NOME DO DECLARANTE Assinatura

Jelmia Martens de Queiroz Carvalho Jelmia Martens de Queiroz Carvalho
NOME DO PAI OU RESPONSÁVEL Assinatura

Francinilda Lucinda Dantas Francinilda Lucinda Dantas
NOME DO(A) PESQUISADOR(A) Assinatura

Gilton Sampaio de Souza Gilton Sampaio de Souza
NOME DO PROFESSOR ORIENTADOR Assinatura



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE (UERN)
 Campus Avançado "Profª. Maria Elisa de Albuquerque Maia" (CAMEAM)
Departamento de Letras Estrangeiras (DLE)
Programa de Mestrado Profissional em Letras em rede nacional (PROFLETRAS)
 Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto (GPET)
 Linha de Pesquisa: "Estudos dos Processos Argumentativos"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a), como voluntário(a), a participar da pesquisa que tem como **TÍTULO**:

"Cultura Popular e argumentação sobre a Lenda da Pedra da Moça no município de São Miguel, RN: das memórias do contador de histórias às produções textuais em sala de aula", de autoria de Francinilda Lucinda Dantas.

Essa Pesquisa tem o **OBJETIVO** de:

Analisar os processos argumentativos como teses, técnicas argumentativas, lugares da argumentação e hierarquia de valores presentes nos textos produzidos por alunos do Ensino Fundamental na *Lenda da Pedra da Moça*.

DESCONFORTOS, RISCOS E BENEFÍCIOS:

A sua participação será na produção de textos, na exposição de fotografias, bem como na gravação das contações. Todos os dados desta pesquisa serão de domínio público, com as respectivas autorias, cabendo a você a responsabilidade jurídica do conteúdo. Para isso, lhe será apresentado o texto, antes de sua exposição, para que seja recolhida sua assinatura autorizando a sua publicação.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO E LIBERDADE DE RECUSA:

Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Ressalte-se que as informações colhidas pertencerão ao domínio público, sendo estas publicadas com as respectivas autorias; ou seja, você será identificado(a) em todas as publicações que possa resultar deste estudo. Os resultados serão enviados para seu conhecimento antes de qualquer publicação. O material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Uma cópia deste consentimento informado será anexados a dissertação de mestrado e os originais serão guardados com a autora da dissertação.

DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE E DO RESPONSÁVEL PELO PARTICIPANTE

(caso seja menor de idade):

Eu/Nós Marina Silvestre Moura de Araújo e Francineia Ferreira de Araújo
 fomos informados dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclarecemos nossas dúvidas. Sabemos que em qualquer momento poderemos solicitar novas informações e motivar nossa decisão se assim o desejarmos. O professor orientador e o(a) professor(a) pesquisada certificaram-nos de que em todos os dados desta pesquisa serão respeitadas as autorias e que as informações contidas poderão ser acessadas por todas as pessoas, respeitando-se os protocolos da pesquisa.

Declaramos que **CONCORDAMOS** em participar desse estudo. Recebemos uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e nos foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as nossas dúvidas.

São Miguel/RN, 15 de junho de 2014

Marina Silvestre Moura de Araújo
 NOME DO DECLARANTE

Marina Silvestre Moura de Araújo
 Assinatura

Francineia Ferreira de Araújo
 NOME DO PAI OU RESPONSÁVEL

Francineia Ferreira de Araújo
 Assinatura

Francinilda Louanda Dantas
 NOME DO(A) PESQUISADOR(A)

Francinilda Louanda Dantas
 Assinatura

Gilton Sampaio de Souza
 NOME DO PROFESSOR ORIENTADOR

Gilton Sampaio de Souza
 Assinatura



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE (UERN)
Campus Avançado "Prof. Maria Elisa de Albuquerque Maia" (CAMEAM)
Departamento de Letras Estrangeiras (DLE)
Programa de Mestrado Profissional em Letras em rede nacional (PROFLETRAS)
Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto (GPET)
Linha de Pesquisa: "Estudos dos Processos Argumentativos"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a), como voluntário(a), a participar da pesquisa que tem como **TÍTULO:**

"Cultura Popular e argumentação sobre a *Lenda da Pedra da Moça* no município de São Miguel, R/N: das memórias do contador de histórias às produções textuais em sala de aula", de autoria de Francinilda Lucinda Dantas.

Essa Pesquisa tem o **OBJETIVO** de:

Analisar os processos argumentativos como teses, técnicas argumentativas, lugares da argumentação e hierarquia de valores presentes nos textos produzidos por alunos do Ensino Fundamental na *Lenda da Pedra da Moça*.

DESCONFORTOS, RISCOS E BENEFÍCIOS:

A sua participação será na produção de textos, na exposição de fotografias, bem como na gravação das contações. Todos os dados desta pesquisa serão de domínio público, com as respectivas autorias, cabendo a você a responsabilidade jurídica do conteúdo. Para isso, lhe será apresentado o texto, antes de sua exposição, para que seja recolhida sua assinatura autorizando a sua publicação.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO E LIBERDADE DE RECUSA:

Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Ressalte-se que as informações colhidas pertencerão ao domínio público, sendo estas publicadas com as respectivas autorias; ou seja, você será identificado(a) em todas as publicações que possa resultar deste estudo. Os resultados serão enviados para seu conhecimento antes de qualquer publicação. O material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Uma cópia deste consentimento informado será anexados a dissertação de mestrado e os originais serão guardados com a autora da dissertação.

DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE E DO RESPONSÁVEL PELO PARTICIPANTE

(caso seja menor de idade):

Eu/Nós Bárbara Kátia de S. Barros e Alana Manuela Pereira de Souza
fomos informados dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclarecemos nossas dúvidas. Sabemos que em qualquer momento poderemos solicitar novas informações e motivar nossa decisão se assim o desejarmos. O professor orientador e o(a) professor(a) pesquisada certificaram-nos de que em todos os dados desta pesquisa serão respeitadas as autorias e que as informações contidas poderão ser acessadas por todas as pessoas, respeitando-se os protocolos da pesquisa.

Declaramos que **CONCORDAMOS** em participar desse estudo. Recebemos uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e nos foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as nossas dúvidas.

São Miguel/RN, 15 de junho de 2014

<u>Bárbara Kátia de S. Barros</u> NOME DO DECLARANTE	<u>Bárbara Kátia de S. Barros</u> Assinatura
<u>Alana Manuela Pereira de Souza</u> NOME DO PAI OU RESPONSÁVEL	<u>Alana Manuela Pereira de Souza</u> Assinatura
<u>Francinilda Lucinda Dantas</u> NOME DO(A) PESQUISADOR(A)	<u>Francinilda Lucinda Dantas</u> Assinatura
<u>Gilton Sampaio de Souza</u> NOME DO PROFESSOR ORIENTADOR	<u>Gilton Sampaio de Souza</u> Assinatura



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE (UERN)
Campus Avançado "Profª. Maria Elisa de Albuquerque Maia" (CAMEAM)
Departamento de Letras Estrangeiras (DLE)
Programa de Mestrado Profissional em Letras em rede nacional (PROFLETRAS)
Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto (GPET)
Linha de Pesquisa: "Estudos dos Processos Argumentativos"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a), como voluntário(a), a participar da pesquisa que tem como **TÍTULO**:

"Cultura Popular e argumentação sobre a *Lenda da Pedra da Moça* no município de São Miguel, R/N: das memórias do contador de histórias às produções textuais em sala de aula", de autoria de Francinilda Lucinda Dantas.

Essa Pesquisa tem o **OBJETIVO** de:

Analisar os processos argumentativos como teses, técnicas argumentativas, lugares da argumentação e hierarquia de valores presentes nos textos produzidos por alunos do Ensino Fundamental na *Lenda da Pedra da Moça*.

DESCONFORTOS, RISCOS E BENEFÍCIOS:

A sua participação será na produção de textos, na exposição de fotografias, bem como na gravação das contações. Todos os dados desta pesquisa serão de domínio público, com as respectivas autorias, cabendo a você a responsabilidade jurídica do conteúdo. Para isso, lhe será apresentado o texto, antes de sua exposição, para que seja recolhida sua assinatura autorizando a sua publicação.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO E LIBERDADE DE RECUSA:

Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Ressalte-se que as informações colhidas pertencerão ao domínio público, sendo estas publicadas com as respectivas autorias; ou seja, você será identificado(a) em todas as publicações que possa resultar deste estudo. Os resultados serão enviados para seu conhecimento antes de qualquer publicação. O material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Uma cópia deste consentimento informado será anexados a dissertação de mestrado e os originais serão guardados com a autora da dissertação.

DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE E DO RESPONSÁVEL PELO PARTICIPANTE

(caso seja menor de idade):

Eu/Nós Marcia Eduarda B. G. Régio e Selma Brandão de Carvalho Rêgo fomos informados dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclarecemos nossas dúvidas. Sabemos que em qualquer momento poderemos solicitar novas informações e motivar nossa decisão se assim o desejarmos. O professor orientador e o(a) professor(a) pesquisada certificaram-nos de que em todos os dados desta pesquisa serão respeitadas as autorias e que as informações contidas poderão ser acessadas por todas as pessoas, respeitando-se os protocolos da pesquisa.

Declaramos que **CONCORDAMOS** em participar desse estudo. Recebemos uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e nos foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as nossas dúvidas.

São Miguel/RN, 15 de junho de 2014

Marcia Eduarda B. G. Régio | Marcia Eduarda B. G. Régio
NOME DO DECLARANTE | Assinatura

Selma Brandão de Carvalho Rêgo | Selma Brandão de Carvalho Rêgo
NOME DO PAI OU RESPONSÁVEL | Assinatura

Francinilda Lucinda Dantas | Francinilda Lucinda Dantas
NOME DO(A) PESQUISADOR(A) | Assinatura

Gilton Sampaio de Souza | Gilton Sampaio de Souza
NOME DO PROFESSOR ORIENTADOR | Assinatura



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE (UERN)
 Campus Avançado "Prof. Maria Elisa de Albuquerque Maia" (CAMEAM)
 Departamento de Letras Estrangeiras (DLE)
 Programa de Mestrado Profissional em Letras em rede nacional (PROFLETRAS)
 Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto (GPET)
 Linha de Pesquisa: "Estudos dos Processos Argumentativos"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a), como voluntário(a), a participar da pesquisa que tem como **TÍTULO:**

"Cultura Popular e argumentação sobre a Lenda da Pedra da Moça no município de São Miguel, R/N: das memórias do contador de histórias às produções textuais em sala de aula", de autoria de Francinilda Lucinda Dantas.

Essa Pesquisa tem o **OBJETIVO** de:

Analisar os processos argumentativos como teses, técnicas argumentativas, lugares da argumentação e hierarquia de valores presentes nos textos produzidos por alunos do Ensino Fundamental na *Lenda da Pedra da Moça*.

DESCONFORTOS, RISCOS E BENEFÍCIOS:

A sua participação será na produção de textos, na exposição de fotografias, bem como na gravação das contações. Todos os dados desta pesquisa serão de domínio público, com as respectivas autorias, cabendo a você a responsabilidade jurídica do conteúdo. Para isso, lhe será apresentado o texto, antes de sua exposição, para que seja recolhida sua assinatura autorizando a sua publicação.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO E LIBERDADE DE RECUSA:

Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Ressalte-se que as informações colhidas pertencerão ao domínio público, sendo estas publicadas com as respectivas autorias; ou seja, você será identificado(a) em todas as publicações que possa resultar deste estudo. Os resultados serão enviados para seu conhecimento antes de qualquer publicação. O material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Uma cópia deste consentimento informado será anexados a dissertação de mestrado e os originais serão guardados com a autora da dissertação.

DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE E DO RESPONSÁVEL PELO PARTICIPANTE

(caso seja menor de idade):

Eu/Nós ☒ Daniella fernandes de lima lino e ☒ Liomar Karalúcia lino
 fomos informados dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclarecemos nossas dúvidas. Sabemos que em qualquer momento poderemos solicitar novas informações e motivar nossa decisão se assim o desejarmos. O professor orientador e o(a) professor(a) pesquisada certificaram-nos de que em todos os dados desta pesquisa serão respeitadas as autorias e que as informações contidas poderão ser acessadas por todas as pessoas, respeitando-se os protocolos da pesquisa.

Declaramos que **CONCORDAMOS** em participar desse estudo. Recebemos uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e nos foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as nossas dúvidas.

São Miguel/RN, 15 de junho de 2014

Daniella fernandes de lima lino e Liomar Karalúcia lino
 NOME DO DECLARANTE Assinatura

Liomar Karalúcia lino Liomar Karalúcia lino
 NOME DO PAI OU RESPONSÁVEL Assinatura

Francinilda Lucinda Dantas Francinilda Lucinda Dantas
 NOME DO(A) PESQUISADOR(A) Assinatura

Gilton Sampaio de Souza Gilton Sampaio de Souza
 NOME DO PROFESSOR ORIENTADOR Assinatura



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE (UERN)
Campus Avançado "Prof. Maria Elisa de Albuquerque Maia" (CAMEAM)
Departamento de Letras Estrangeiras (DLE)
Programa de Mestrado Profissional em Letras em rede nacional (PROFLETRAS)
Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto (GPET)
Linha de Pesquisa: "Estudos dos Processos Argumentativos"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a), como voluntário(a), a participar da pesquisa que tem como **TÍTULO**:

"Cultura Popular e argumentação sobre a *Lenda da Pedra da Moça* no município de São Miguel, R/N: das memórias do contador de histórias às produções textuais em sala de aula", de autoria de Francinilda Lucinda Dantas.

Essa Pesquisa tem o **OBJETIVO** de:

Analisar os processos argumentativos como teses, técnicas argumentativas, lugares da argumentação e hierarquia de valores presentes nos textos produzidos por alunos do Ensino Fundamental na *Lenda da Pedra da Moça*.

DESCONFORTOS, RISCOS E BENEFÍCIOS:

A sua participação será na produção de textos, na exposição de fotografias, bem como na gravação das contações. Todos os dados desta pesquisa serão de domínio público, com as respectivas autorias, cabendo a você a responsabilidade jurídica do conteúdo. Para isso, lhe será apresentado o texto, antes de sua exposição, para que seja recolhida sua assinatura autorizando a sua publicação.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO E LIBERDADE DE RECUSA:

Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Ressalte-se que as informações colhidas pertencerão ao domínio público, sendo estas publicadas com as respectivas autorias; ou seja, você será identificado(a) em todas as publicações que possa resultar deste estudo. Os resultados serão enviados para seu conhecimento antes de qualquer publicação. O material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Uma cópia deste consentimento informado será anexada a dissertação de mestrado e os originais serão guardados com a autora da dissertação.

DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE E DO RESPONSÁVEL PELO PARTICIPANTE

(caso seja menor de idade):

Eu/Nós Paulo Mileno Dantas de Freitas, Maria de Carmo Dantas de A. Freitas fomos informados dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclarecemos nossas dúvidas. Sabemos que em qualquer momento poderemos solicitar novas informações e motivar nossa decisão se assim o desejar. O professor orientador e o(a) professor(a) pesquisada certificaram-nos de que em todos os dados desta pesquisa serão respeitadas as autorias e que as informações contidas poderão ser acessadas por todas as pessoas, respeitando-se os protocolos da pesquisa.

Declaramos que **CONCORDAMOS** em participar desse estudo. Recebemos uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e nos foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as nossas dúvidas.

São Miguel/RN, 15 de junho de 2014

Paula Milena Dantas de Freitas Paulo Mileno Dantas de Freitas
NOME DO DECLARANTE Assinatura

MARIA DO CARMO DANTAS DE FREITAS Maria de Carmo Dantas de A. Freitas
NOME DO PAI OU RESPONSÁVEL Assinatura

Francinilda Lucinda Dantas Francinilda Lucinda Dantas
NOME DO(A) PESQUISADOR(A) Assinatura

Gilton Sampaio de Souza Gilton S. de Souza
NOME DO PROFESSOR ORIENTADOR Assinatura



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE (UERN)
Campus Avançado "Profª. Maria Elisa de Albuquerque Maia" (CAMEAM)
Departamento de Letras Estrangeiras (DLE)
Programa de Mestrado Profissional em Letras em rede nacional (PROFLETRAS)
 Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto (GPET)
 Linha de Pesquisa: "Estudos dos Processos Argumentativos"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a), como voluntário(a), a participar da pesquisa que tem como **TÍTULO**:

"Cultura Popular e argumentação sobre a Lenda da Pedra da Moça no município de São Miguel, R/N: das memórias do contador de histórias às produções textuais em sala de aula", de autoria de Francinilda Lucinda Dantas.

Essa Pesquisa tem o **OBJETIVO** de:

Analisar os processos argumentativos como teses, técnicas argumentativas, lugares da argumentação e hierarquia de valores presentes nos textos produzidos por alunos do Ensino Fundamental na *Lenda da Pedra da Moça*.

DESCONFORTOS, RISCOS E BENEFÍCIOS:

A sua participação será na produção de textos, na exposição de fotografias, bem como na gravação das contações. Todos os dados desta pesquisa serão de domínio público, com as respectivas autorias, cabendo a você a responsabilidade jurídica do conteúdo. Para isso, lhe será apresentado o texto, antes de sua exposição, para que seja recolhida sua assinatura autorizando a sua publicação.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO E LIBERDADE DE RECUSA:

Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Ressalte-se que as informações colhidas pertencerão ao domínio público, sendo estas publicadas com as respectivas autorias; ou seja, você será identificado(a) em todas as publicações que possa resultar deste estudo. Os resultados serão enviados para seu conhecimento antes de qualquer publicação. O material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Uma cópia deste consentimento informado será anexados a dissertação de mestrado e os originais serão guardados com a autora da dissertação.

DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE E DO RESPONSÁVEL PELO PARTICIPANTE

(caso seja menor de idade):

Eu/Nós Maria Isabelly Freitas Silva e Anna Maria Oliveira de Freitas Ferraz fomos informados dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclarecemos nossas dúvidas. Sabemos que em qualquer momento poderemos solicitar novas informações e motivar nossa decisão se assim o desejarmos. O professor orientador e o(a) professor(a) pesquisada certificaram-nos de que em todos os dados desta pesquisa serão respeitadas as autorias e que as informações contidas poderão ser acessadas por todas as pessoas, respeitando-se os protocolos da pesquisa.

Declaramos que **CONCORDAMOS** em participar desse estudo. Recebemos uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e nos foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as nossas dúvidas.

São Miguel/RN, 15 de junho de 2014

Maria Isabelly Freitas Silva
NOME DO DECLARANTE

Maria Isabelly Freitas Silva
Assinatura

Anna Maria Oliveira de Freitas Ferraz
NOME DO PAI OU RESPONSÁVEL

Anna Maria Oliveira de Freitas Ferraz
Assinatura

Francinilda Lucinda Dantas
NOME DO(A) PESQUISADOR(A)

Francinilda Lucinda Dantas
Assinatura

Gilton Sampaio de Souza
NOME DO PROFESSOR ORIENTADOR

Gilton Sampaio de Souza
Assinatura



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE (UERN)
 Campus Avançado "Profª. Maria Elisa de Albuquerque Maia" (CAMEAM)
Departamento de Letras Estrangeiras (DLE)
Programa de Mestrado Profissional em Letras em rede nacional (PROFLETRAS)
 Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto (GPET)
 Linha de Pesquisa: "Estudos dos Processos Argumentativos"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a), como voluntário(a), a participar da pesquisa que tem como **TÍTULO:**

"Cultura Popular e argumentação sobre a Lenda da Pedra da Moça no município de São Miguel, R/N: das memórias do contador de histórias às produções textuais em sala de aula", de autoria de Francinilda Lucinda Dantas.

Essa Pesquisa tem o **OBJETIVO** de:

Analisar os processos argumentativos como teses, técnicas argumentativas, lugares da argumentação e hierarquia de valores presentes nos textos produzidos por alunos do Ensino Fundamental na *Lenda da Pedra da Moça*.

DESCONFORTOS, RISCOS E BENEFÍCIOS:

A sua participação será na produção de textos, na exposição de fotografias, bem como na gravação das contações. Todos os dados desta pesquisa serão de domínio público, com as respectivas autorias, cabendo a você a responsabilidade jurídica do conteúdo. Para isso, lhe será apresentado o texto, antes de sua exposição, para que seja recolhida sua assinatura autorizando a sua publicação.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO E LIBERDADE DE RECUSA:

Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Ressalte-se que as informações colhidas pertencerão ao domínio público, sendo estas publicadas com as respectivas autorias; ou seja, você será identificado(a) em todas as publicações que possa resultar deste estudo. Os resultados serão enviados para seu conhecimento antes de qualquer publicação. O material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Uma cópia deste consentimento informado será anexados a dissertação de mestrado e os originais serão guardados com a autora da dissertação.

DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE E DO RESPONSÁVEL PELO PARTICIPANTE

(caso seja menor de idade):

Eu/Nós Maria Nadma de Souza Boró e José Penilton de Carvalho Boró
 fomos informados dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclarecemos nossas dúvidas. Sabemos que em qualquer momento poderemos solicitar novas informações e motivar nossa decisão se assim o desejarmos. O professor orientador e o(a) professor(a) pesquisada certificaram-nos de que em todos os dados desta pesquisa serão respeitadas as autorias e que as informações contidas poderão ser acessadas por todas as pessoas, respeitando-se os protocolos da pesquisa.

Declaramos que **CONCORDAMOS** em participar desse estudo. Recebemos uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e nos foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as nossas dúvidas.

São Miguel/RN, 15 de junho de 2014

MARIA NADMA DE SOUZA BORÓ
 NOME DO DECLARANTE

Maria Nadma de Souza Boró
 Assinatura

JOSÉ PENILTON DE CARVALHO BORÓ
 NOME DO PAI OU RESPONSÁVEL

José Penilton de Carvalho Boró
 Assinatura

Francinilda Lucinda Dantas
 NOME DO(A) PESQUISADOR(A)

Francinilda Lucinda Dantas
 Assinatura

Gilton Sampaio de Souza

NOME DO PROFESSOR ORIENTADOR

Gilton Sampaio de Souza

Assinatura



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE (UERN)
Campus Avançado "Prof. Maria Elisa de Albuquerque Maia" (CAMEAM)
Departamento de Letras Estrangeiras (DLE)
Programa de Mestrado Profissional em Letras em rede nacional (PROFLETRAS)
 Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto (GPET)
 Linha de Pesquisa: "Estudos dos Processos Argumentativos"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a), como voluntário(a), a participar da pesquisa que tem como **TÍTULO**:
"Cultura Popular e argumentação sobre a Lenda da Pedra da Moça no município de São Miguel, R/N: das memórias do contador de histórias às produções textuais em sala de aula", de autoria de Francinilda Lucinda Dantas.

Essa Pesquisa tem o **OBJETIVO** de:
 Analisar os processos argumentativos como teses, técnicas argumentativas, lugares da argumentação e hierarquia de valores presentes nos textos produzidos por alunos do Ensino Fundamental na Lenda da Pedra da Moça.

DESCONFORTOS, RISCOS E BENEFÍCIOS:
 A sua participação será na produção de textos, na exposição de fotografias, bem como na gravação das contações. Todos os dados desta pesquisa serão de domínio público, com as respectivas autorias, cabendo a você a responsabilidade jurídica do conteúdo. Para isso, lhe será apresentado o texto, antes de sua exposição, para que seja recolhida sua assinatura autorizando a sua publicação.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO E LIBERDADE DE RECUSA:
 Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. Ressalte-se que as informações colhidas pertencerão ao domínio público, sendo estas publicadas com as respectivas autorias; ou seja, você será identificado(a) em todas as publicações que possa resultar deste estudo. Os resultados serão enviados para seu conhecimento antes de qualquer publicação. O material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Uma cópia deste consentimento informado será anexados a dissertação de mestrado e os originais serão guardados com a autora da dissertação.

DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE E DO RESPONSÁVEL PELO PARTICIPANTE
 (caso seja menor de idade):

Eu/Nós	William Paulo Pessoa Freitas e Francinilda Lucinda Dantas
--------	---

fomos informados dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclarecemos nossas dúvidas. Sabemos que em qualquer momento poderemos solicitar novas informações e motivar nossa decisão se assim o desejarmos. O professor orientador e o(a) professor(a) pesquisada certificaram-nos de que em todos os dados desta pesquisa serão respeitadas as autorias e que as informações contidas poderão ser acessadas por todas as pessoas, respeitando-se os protocolos da pesquisa.

Declaramos que **CONCORDAMOS** em participar desse estudo. Recebemos uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e nos foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as nossas dúvidas.

São Miguel/RN, 15 de junho de 2014

William Paulo Pessoa Freitas NOME DO DECLARANTE	William Paulo Pessoa Freitas Assinatura
William Paulo Pessoa Freitas NOME DO PAI OU RESPONSÁVEL	William Paulo Pessoa Freitas Assinatura
Francinilda Lucinda Dantas NOME DO(A) PESQUISADOR(A)	Francinilda Lucinda Dantas Assinatura
Gilton Sampaio de Souza NOME DO PROFESSOR ORIENTADOR	Gilton Sampaio de Souza Assinatura



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE (UERN)
Campus Avançado "Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia" (CAMEAM)
Departamento de Letras Estrangeiras (DLE)
Programa de Mestrado Profissional em Letras em rede nacional (PROFLETRAS)
 Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto (GPET)
 Linha de Pesquisa: "Estudos dos Processos Argumentativos"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a), como voluntário(a), a participar da pesquisa que tem como **TÍTULO:**

"Cultura Popular e argumentação sobre a Lenda da Pedra da Moça no município de São Miguel, R/N: das memórias do contador de histórias às produções textuais em sala de aula", de autoria de Francinilda Lucinda Dantas.

Essa Pesquisa tem o **OBJETIVO** de:

Analisar os processos argumentativos como teses, técnicas argumentativas, lugares da argumentação e hierarquia de valores presentes nos textos produzidos por alunos do Ensino Fundamental na *Lenda da Pedra da Moça*.

DESCONFORTOS, RISCOS E BENEFÍCIOS:

A sua participação será na produção de textos, na exposição de fotografias, bem como na gravação das contações. Todos os dados desta pesquisa serão de domínio público, com as respectivas autorias, cabendo a você a responsabilidade jurídica do conteúdo. Para isso, lhe será apresentado o texto, antes de sua exposição, para que seja recolhida sua assinatura autorizando a sua publicação.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO E LIBERDADE DE RECUSA:

Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Ressalte-se que as informações colhidas pertencerão ao domínio público, sendo estas publicadas com as respectivas autorias; ou seja, você será identificado(a) em todas as publicações que possa resultar deste estudo. Os resultados serão enviados para seu conhecimento antes de qualquer publicação. O material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Uma cópia deste consentimento informado será anexada a dissertação de mestrado e os originais serão guardados com a autora da dissertação.

DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE E DO RESPONSÁVEL PELO PARTICIPANTE

(caso seja menor de idade):

Eu/Nós RAIMUNDO JOÃO VICTOR ALVES NUNES e MARIA CELMA ALVES

fomos informados dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclarecemos nossas dúvidas. Sabemos que em qualquer momento poderemos solicitar novas informações e motivar nossa decisão se assim o desejarmos. O professor orientador e o(a) professor(a) pesquisada certificaram-nos de que em todos os dados desta pesquisa serão respeitadas as autorias e que as informações contidas poderão ser acessadas por todas as pessoas, respeitando-se os protocolos da pesquisa.

Declaramos que **CONCORDAMOS** em participar desse estudo. Recebemos uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e nos foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as nossas dúvidas.

São Miguel/RN, 15 de junho de 2014

RAIMUNDO JOÃO VICTOR ALVES NUNES | Raimundo João Victor Alves Nunes
 NOME DO DECLARANTE Assinatura

MARIA CELMA ALVES | Maria Celma Alves
 NOME DO PAI OU RESPONSÁVEL Assinatura

Francinilda Lucinda Dantas | Francinilda Lucinda Dantas
 NOME DO(A) PESQUISADOR(A) Assinatura

Gilton Sampaio de Souza | Gilton Sampaio de Souza
 NOME DO PROFESSOR ORIENTADOR Assinatura



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE (UERN)
Campus Avançado "Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia" (CAMEAM)
Departamento de Letras Estrangeiras (DLE)
Programa de Mestrado Profissional em Letras em rede nacional (PROFLETRAS)
Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto (GPET)
Linha de Pesquisa: "Estudos dos Processos Argumentativos"
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a), como voluntário(a), a participar da pesquisa que tem como **TÍTULO:**

"Cultura Popular e argumentação sobre a Lenda da Pedra da Moça no município de São Miguel, R/N: das memórias do contador de histórias às produções textuais em sala de aula", de autoria de Francinilda Lucinda Dantas.

Essa Pesquisa tem o **OBJETIVO** de:

Analisar os processos argumentativos como teses, técnicas argumentativas, lugares da argumentação e hierarquia de valores presentes nos textos produzidos por alunos do Ensino Fundamental na *Lenda da Pedra da Moça*.

DESCONFORTOS, RISCOS E BENEFÍCIOS:

A sua participação será na produção de textos, na exposição de fotografias, bem como na gravação das contações. Todos os dados desta pesquisa serão de domínio público, com as respectivas autorias, cabendo a você a responsabilidade jurídica do conteúdo. Para isso, lhe será apresentado o texto, antes de sua exposição, para que seja recolhida sua assinatura autorizando a sua publicação.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO E LIBERDADE DE RECUSA:

Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Ressalte-se que as informações colhidas pertencerão ao domínio público, sendo estas publicadas com as respectivas autorias; ou seja, você será identificado(a) em todas as publicações que possa resultar deste estudo. Os resultados serão enviados para seu conhecimento antes de qualquer publicação. O material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Uma cópia deste consentimento informado será anexada a dissertação de mestrado e os originais serão guardados com a autora da dissertação.

DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE E DO RESPONSÁVEL PELO PARTICIPANTE

(caso seja menor de idade):

Eu/Nós Yasmin Marques da Silva e Herta Marques Silveira
 fomos informados dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclarecemos nossas dúvidas. Sabemos que em qualquer momento poderemos solicitar novas informações e motivar nossa decisão se assim o desejarmos. O professor orientador e o(a) professor(a) pesquisada certificaram-nos de que em todos os dados desta pesquisa serão respeitadas as autorias e que as informações contidas poderão ser acessadas por todas as pessoas, respeitando-se os protocolos da pesquisa.

Declaramos que **CONCORDAMOS** em participar desse estudo. Recebemos uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e nos foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as nossas dúvidas.

São Miguel/RN, 15 de junho de 2014

<u>Yasmin Marques da Silva</u> NOME DO DECLARANTE	<u>Yasmin Marques da Silva</u> Assinatura
<u>Herta Marques Silveira</u> NOME DO PAI OU RESPONSÁVEL	<u>Herta Marques Silveira</u> Assinatura
<u>Francinilda Lucinda Dantas</u> NOME DO(A) PESQUISADOR(A)	<u>Francinilda Lucinda Dantas</u> Assinatura
<u>Gilton Sampaio de Souza</u> NOME DO PROFESSOR ORIENTADOR	<u>Gilton Sampaio de Souza</u> Assinatura



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE (UERN)
Campus Avançado "Prof.ª Maria Elisa de Albuquerque Maia" (CAMEAM)
Departamento de Letras Estrangeiras (DLE)
Programa de Mestrado Profissional em Letras em rede nacional (PROFLETRAS)
Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto (GPET)
Linha de Pesquisa: "Estudos dos Processos Argumentativos"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a), como voluntário(a), a participar da pesquisa que tem como **TÍTULO:**

"Cultura Popular e argumentação sobre a Lenda da Pedra da Moça no município de São Miguel, R/N: das memórias do contador de histórias às produções textuais em sala de aula", de autoria de Francinilda Lucinda Dantas.

Essa Pesquisa tem o **OBJETIVO** de:

Analisar os processos argumentativos como teses, técnicas argumentativas, lugares da argumentação e hierarquia de valores presentes nos textos produzidos por alunos do Ensino Fundamental na *Lenda da Pedra da Moça*.

DESCONFORTOS, RISCOS E BENEFÍCIOS:

A sua participação será na produção de textos, na exposição de fotografias, bem como na gravação das contações. Todos os dados desta pesquisa serão de domínio público, com as respectivas autorias, cabendo a você a responsabilidade jurídica do conteúdo. Para isso, lhe será apresentado o texto, antes de sua exposição, para que seja recolhida sua assinatura autorizando a sua publicação.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO E LIBERDADE DE RECUSA:

Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Ressalte-se que as informações colhidas pertencerão ao domínio público, sendo estas publicadas com as respectivas autorias; ou seja, você será identificado(a) em todas as publicações que possa resultar deste estudo. Os resultados serão enviados para seu conhecimento antes de qualquer publicação. O material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Uma cópia deste consentimento informado será anexados a dissertação de mestrado e os originais serão guardados com a autora da dissertação.

DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE E DO RESPONSÁVEL PELO PARTICIPANTE

(caso seja menor de idade):

Eu/Nós Aldelma Mayra Valcacer Barbosa e Virgínia Valcacer Fernandes Barbosa fomos informados dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclarecemos nossas dúvidas. Sabemos que em qualquer momento poderemos solicitar novas informações e motivar nossa decisão se assim o desejarmos. O professor orientador e o(a) professor(a) pesquisada certificaram-nos de que em todos os dados desta pesquisa serão respeitadas as autorias e que as informações contidas poderão ser acessadas por todas as pessoas, respeitando-se os protocolos da pesquisa.

Declaramos que **CONCORDAMOS** em participar desse estudo. Recebemos uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e nos foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as nossas dúvidas.

São Miguel/RN, 15 de junho de 2014

Aldelma Mayra Valcacer Barbosa | Aldelma Mayra Valcacer Barbosa
NOME DO DECLARANTE | Assinatura

Virgínia Valcacer Fernandes Barbosa | Virgínia Valcacer Fernandes Barbosa
NOME DO PAI OU RESPONSÁVEL | Assinatura

Francinilda Lucinda Dantas | Francinilda Lucinda Dantas
NOME DO(A) PESQUISADOR(A) | Assinatura

Gilton Sampaio de Souza | Gilton Sampaio de Souza
NOME DO PROFESSOR ORIENTADOR | Assinatura

